

TESOUROS  
ESCONDIDOS

Lara  
Roberts



CHÁ DA CINCO  
Livros com sexto sentido



*Para a mamã,  
porque ela adora bugigangas e uma boa pechincha*



## PRÓLOGO

Ele não queria estar ali. Não, ele odiava estar preso na elegante casa antiga e ser incomodado por fantasmas inquietos. Já não bastava cobrir a mobília com lençóis, trancar as portas e sair. Tinha de a esvaziar para se livrar de alguns dos pesadelos.

— Subcomissário Skimmerhorn?

Jed ficou tenso ao ouvir o título. Desde a semana anterior que não era subcomissário. Demitira-se da polícia, entregara o distintivo, mas já estava cansado de o explicar. Desviou-se quando dois homens passaram escada abaixo com um armário de pau-rosa, atravessaram o grande hall e saíram para a manhã fria.

— Sim?

— Se calhar é melhor verificar lá em cima para se certificar de que já retirámos tudo o que queria. Se assim for, acho que já acabámos por aqui.

— Ótimo.

Mas ele não queria subir aquelas escadas nem percorrer aqueles quartos. Mesmo vazios, conteriam demasiado. *Responsabilidade*, reflectiu ele enquanto subia relutantemente a escadaria. A sua vida estivera demasiado cheia de responsabilidades para ignorar uma naquele momento.

Algo o impeliu a percorrer o corredor em direcção ao seu antigo quarto. O quarto onde ele crescera, o quarto que continuara a habitar durante muito tempo depois de ter ficado a viver ali sozinho. Mas parou à porta quando estava quase a transpor a soleira. De mãos cerradas em punhos apertados enfiadas nos bolsos, esperou que lembranças o atacassem como balas furtivas.

Ele chorara naquele quarto — em segredo e com vergonha, claro. Um macho Skimmerhorn nunca revelava uma fraqueza em público. Depois, quando as lágrimas já tinham secado, ele conspirara naquele quarto. Pequenas e inúteis vinganças infantis que sempre se tinham virado contra ele.

Ele aprendera a odiar naquele quarto.

Contudo era apenas um quarto. Era apenas uma casa. Ele convencera-se disso anos antes, quando regressara já adulto para viver ali. *E não se sentira contente?*, indagava-se naquele momento. *Não tinha sido simples?*

Até Elaine.

— Jedidiah.

Ele estremeceu. E já quase retirara a mão direita do bolso para pegar numa arma que já lá não estava quando caiu em si. O gesto, e o facto de ter estado tão perdido em pensamentos mórbidos, que alguém podia ter-se aproximado por detrás dele, fê-lo lembrar-se do porquê da arma já não estar à cintura.

Ele relaxou, olhou para trás e viu a avó. Honoria Skimmerhorn Rodgers estava bem aperaltada com um casaco de peles, uns brincos discretos de diamantes nas orelhas e o cabelo branco maravilhosamente arranjado. Parecia uma matrona de sucesso de saída para almoçar no seu clube favorito. Mas os olhos, de um azul tão vívido como os dele, estavam cheios de preocupação.

— Tinha esperança de te ter convencido a esperar — disse ela calmamente, esticando o braço para colocar uma mão no braço dele.

Ele estremeceu automaticamente. Os Skimmerhorn não eram definitivamente muito físicos. — Não havia motivo nenhum para esperar.

— Mas há um motivo para isto? — Ela apontou para o quarto vazio. — Há motivo para esvaziar a nossa casa, para pôr de lado todos os nossos pertences?

— Nada nesta casa me pertence.

— Isso é absurdo. — O ténue sussurro do sotaque nativo de Bóston invadiu-lhe a fala.

— Porquê? — Ele virou-se de costas para o quarto e de frente para ela. — Porque por acaso ainda estou vivo? Não, obrigado.

Se ela não estivesse tão preocupada com ele, a resposta brusca ter-lhe-ia valido uma estrondosa reprimenda. — Meu querido, não é essa a questão. — Ela viu-o fechar-se, isolar-se, e tê-lo-ia abandonado se isso pudesse ajudar. Em vez disso, tocou-lhe na face. — Só precisas de algum tempo.

O gesto deixou os músculos dele tensos. Foi precisa toda a força de vontade para não se afastar dos dedos suaves. — E esta é a minha forma de o ter.

— Saindo da casa de família?

— Família? — Ele riu-se, e o som ecoou sordidamente pelo corredor. — Nós nunca fomos uma família. Nem aqui nem em lado nenhum.

Os olhos dela, anteriormente compassivos, endureceram. — Fingir que o passado não existe é tão mau como viver nele. O que estás a fazer aqui? A deitar fora tudo o que ganhaste, tudo o que fizeste de ti? Talvez eu não tenha gostado muito da tua escolha profissional, mas foi a tua escolha e foste bem-sucedido. Parece-me que fizeste mais pelo nome Skimmerhorn

quando foste promovido a subcomissário do que todos os teus antepassados fizeram com o dinheiro e o poder social.

— Eu não me tornei polícia para promover o meu maldito nome.

— Não — disse ela tranquilamente. — Fizeste-o por ti contra uma pressão familiar tremenda, incluindo a minha. — Ela afastou-se dele para percorrer o corredor. Ela vivera ali em tempos, anos antes enquanto noiva. Uma noiva infeliz. — Vi-te virar a vida do avesso e fiquei espantada porque sabia que só o estavas a fazer por ti. Perguntei-me muitas vezes como é que tinhas força suficiente para isso.

Voltando-se para trás, Honoria examinou-o, aquele filho do seu filho. Ele tinha herdado a boa aparência dos Skimmerhorn. Cabelo castanho-claro, despenteado pelo vento, caía em volta de um rosto de traços bem definidos que estava tenso com stress. Ela preocupava-se, como era típico das mulheres, por ele ter perdido peso, embora assim os traços se tornassem ainda mais salientes. Havia força no corpo alto de ombros largos, que tanto acentuava como contrastava com a romântica beleza masculina de pele dourada e boca sensível. Os olhos, de um intenso azul profundo, tinha herdado dela. Estavam naquele momento tão amedrontados e provocadores como outrora no menino agitado de que ela tão bem se lembrava.

Mas ele já não era um menino, e ela tinha medo de que houvesse pouco a fazer para ajudar o homem.

— Não quero ver-te de novo virares a tua vida de pernas para o ar pelos motivos errados. — Abanou a cabeça, caminhando de novo para junto dele antes que ele pudesse falar. — Posso ter tido algumas reservas quando te mudaste sozinho para cá depois da morte dos teus pais, mas também isso foi opção tua. E, durante algum tempo, parecia que tinhas novamente feito a escolha certa. Mas desta vez a tua solução para uma tragédia é venderes a casa e deitar fora a tua carreira?

Ele esperou um segundo. — Sim.

— Tu desiludes-me, Jedidiah.

A afirmação magoou-o. Era uma frase que ela raramente usava e que tinha mais força do que uma dúzia dos terríveis insultos do pai. — Prefiro desiludi-la do que ser responsável pela vida de um só polícia. Não estou em condições de comandar. — Ele olhou para as próprias mãos e flectiu-as. — E talvez nunca mais venha a estar. E quanto a esta casa, já devia ter sido vendida há muitos anos. Depois do acidente. E teria sido vendida se a Elaine tivesse concordado. — Alguma coisa prendeu-se-lhe na garganta. A culpa era tão amarga como bÍlis. — Agora ela também se foi e a decisão é minha.

— Sim, é tua — concordou ela. — Mas é a errada.

A cólera fervilhava no sangue dele. Ele queria bater em alguma coi-

sa, em alguém, bater até fazer sangue nos punhos. Era um sentimento que surgia demasiadas vezes. E por causa disso, ele já não era o subcomissário J. T. Skimmerhorn do Departamento da Polícia de Filadélfia, mas um civil.

— Não compreende? Não posso viver aqui. Não consigo dormir aqui. Preciso de sair. Estou a asfixiar aqui.

— Então volta para casa comigo. Para passar o Natal. Pelo menos até ao Ano Novo. Dá-te um pouco mais de tempo antes de fazeres algo irreversível. — A voz dela era novamente suave quando segurou nas mãos rígidas do neto. — Jedidiah, já faz meses que a Elaine... desde que a Elaine foi assassinada.

— Eu sei há quanto tempo foi. — Sim, ele sabia o exacto momento da morte da irmã. Afinal, ele é que a matara. — Agradeço o convite, mas tenho outros planos. Vou ver um apartamento ainda hoje. Na South Street.

— Um apartamento. — O suspiro de Honoria transbordava irritação. — Realmente, Jedidiah, não há necessidade desse tipo de absurdo. Compra outra casa, se assim entenderes, tira umas férias prolongadas, mas não te enterres num espaço miserável.

Ele ficou surpreendido por conseguir sorrir. — O anúncio dizia que era tranquilo, atraente e bem localizado. Isso não me parece miserável. Avó — apertou-lhe as mãos antes que ela pudesse discutir —, deixe estar.

Ela suspirou de novo, sentindo a derrota. — Só quero o que é melhor para ti.

— Sempre quis. — Ele reprimiu um arrepio, sentindo as paredes fechando-se sobre ele. — Vamos sair daqui para fora.



## 1.

Um teatro sem assistência tem a sua magia peculiar. A magia das possibilidades. As vozes ressoantes dos actores ensaiando textos, as deixas das luzes, os fatos, a energia nervosa e os egos desmedidos que ressaltam do palco até à última fila vazia.

Isadora Conroy absorvia a magia do teatro dos bastidores do Liberty Theatre, enquanto assistia a um ensaio geral para *Um Cântico de Natal*. Como sempre, ela apreciava o drama, não apenas de Dickens, mas também o drama dos nervos à flor da pele, da iluminação criativa, dos papéis bem desempenhados. Afinal, o teatro estava-lhe no sangue.

Havia uma vibração que pulsava dela mesmo em repouso. Os enormes olhos castanhos cintilavam de entusiasmo e pareciam dominar o rosto emoldurado por uma ondulação de cabelo castanho-dourado. O entusiasmo trazia rubor à pele clara e um sorriso à boca larga. Era um rosto de ângulos subtis e curvas suaves, algures entre o saudável e o encantador. A energia dentro do seu corpo pequeno e compacto extravasava.

Ela era uma mulher interessada em tudo o que a rodeava, que acreditava em ilusões. Ao ver o pai chocalhando as correntes de Jacob Marley e a entoar predições terríveis ao apavorado Scrooge, ela acreditava em fantasmas. E, porque acreditava, ele já não era o seu pai, mas o sovina maldito envolto para toda a eternidade nas pesadas correntes da própria cobiça.

Então Marley transformou-se de novo em Quentin Conroy, actor veterano, director e entusiasta de teatro, pedindo uma pequena alteração nos movimentos das personagens.

— Dora. — Aproximando-se por detrás, a irmã de Dora, Ophelia, disse: — Já estamos vinte minutos atrasadas.

— Nós não temos horário para cumprir — murmurou Dora, acenando com a cabeça porque a alteração de movimentos estava perfeita. — Eu nunca tenho horários em viagens de compras. Ele não é maravilhoso, Lea?

Embora o seu sentido de organização fosse um pouco mau, Lea olhou para o palco e estudou o pai. — Sim. Embora só Deus saiba como é que ele aguenta fazer esta produção ano após ano.

— Tradição. — Dora sorriu. — O teatro está enraizado em tradição. — Deixar o palco não tinha diminuído o amor dela pela representação, nem a admiração pelo homem que a ensinara a analisar uma fala. Ela vira-o tornar-se centenas de homens em palco. Macbeth, Willie Loman, Nathan Detroit. Ela vira-o triunfar e vira-o fracassar. Mas ele entretinha sempre.

— Lembras-te da mamã e do papá a fazerem de Titânia e de Oberon?

Lea revirou os olhos, mas estava a sorrir. — Quem poderia esquecer? A mamã agarrou-se à personagem durante semanas. Não foi fácil viver com a rainha das fadas. E se não sairmos depressa daqui, a rainha vai aparecer e enumerar todas as coisas que podem acontecer a duas mulheres que viajam sozinhas para a Virgínia.

Notando os nervos e a impaciência da irmã, Dora pôs um braço por cima dos ombros de Lea. — Relaxa, querida. Tenho-a controlada, e ele vai fazer uma pausa dentro de um minuto.

Que ele fez, na hora H. Quando os actores dispersaram, Dora subiu para o palco. — Papá. — Ela observou-o atentamente, da cabeça aos pés. — Foste maravilhoso.

— Obrigado, querida. — Ele levantou um braço, fazendo esvoaçar a mortalha esfarrapada. — Acho que a maquilhagem está melhor do que no ano passado.

— Sem dúvida. — Na verdade, a maquilhagem de palco e o carvão estavam alarmantemente realistas; a cara atraente parecia quase em decomposição. — Totalmente medonha. — Ela beijou-o ao de leve nos lábios, com cuidado para não esborratar. — Desculpa não podermos assistir à estreia desta noite.

— Não há nada que se possa fazer. — Mas Quentin fez um beicinho. Embora ele tivesse um filho para continuar a tradição dos Conroy, perdera as duas filhas: uma para o casamento e outra para a livre iniciativa. Mas ele conseguia persuadi-las ocasionalmente a desempenharem pequenos papéis. — Com que então as minhas duas pequeninas vão partir à aventura.

— É uma viagem para compras, papá, e não uma viagem à Amazónia.

— É a mesma coisa. — Ele piscou o olho e deu um beijo a Lea. — Cuidado com as cobras.

— Oh, Lea! — Trixie Conroy, resplandecente no seu fato completo com saiote e chapéu de penas, saiu rapidamente do palco. A excelente acústica do Liberty levou a voz rouca até ao segundo-balcão. — O John está ao telefone, querida. Ele não conseguia lembrar-se se a Missy tinha uma reunião de escuteiros hoje às cinco ou uma aula de piano às seis.

— Eu deixei uma lista — resmungou Lea. — Como é que ele vai tomar conta dos miúdos durante três dias se não consegue ler uma lista?

— É um homem tão doce — comentou Trixie quando Lea saiu apressada. — O genro perfeito. Bem, Dora, vais conduzir com cuidado?

— Sim, mãe.

— Claro que vais. És sempre cuidadosa. Não vais dar boleia a ninguém?

— Nem que me supliquem.

— E vais parar de duas em duas horas para descansares os olhos?

— Como um relógio.

Uma ansiosa inveterada, Trixie mordeu o lábio inferior. — Mesmo assim, a Virgínia fica muito longe. E pode nevar.

— Eu tenho pneus de neve. — Para evitar mais especulação, Dora deu outro beijo à mãe. — A carrinha tem telefone, mãe. Eu ligo de cada vez que atravessarmos uma fronteira estadual.

— Não vai ser divertido? — A ideia animou tremendamente Trixie. — Oh, e Quentin, querido, acabei de vir da bilheteira. — Fez uma vénia ao marido. — Estamos esgotados durante a semana toda.

— Naturalmente. — Quentin levantou a mulher do chão e fê-la ro-dopiar graciosamente. — Um Conroy não espera menos do que apenas lugares em pé.

— Parte uma perna. — Dora beijou a mãe uma última vez. — E tu também — disse ela a Quentin. — E, papá, não te esqueças de que vais mostrar o apartamento hoje à tardinha.

— Eu nunca esqueço um compromisso. Aos lugares! — gritou ele, piscando depois o olho à filha. — Boa viagem, minha querida.

\*

Do ponto de vista de Dora, uma casa de leilões era muito parecida com um teatro. Havia o palco, os adereços, as personagens. Tal como explicara anos antes aos pais perplexos, ela não ia realmente deixar o palco. Ia simplesmente explorar outro meio. Ela fazia certamente bom uso da veia de actriz sempre que era hora de comprar ou vender.

Dora já examinara cuidadosamente a arena para a actuação desse dia. O edifício onde Sherman Porter fazia os seus leilões e uma feira da ladra diária tinha originalmente sido um matadouro e ainda era arejado como um celeiro. A mercadoria era disposta num chão de betão frio onde outrora vacas e porcos tinham mugido e grunhido. Agora os humanos, envoltos em casacos e cachecóis, deambulavam, tocando objectos de vidro, observando quadros e debatendo sobre vitrinas com porcelanas e cabeceiras de cama entalhadas.

O ambiente era um pouco estranho, mas ela já tinha trabalhado em ambientes menos auspiciosos. E, é claro, havia uma razão para tal.

Isadora Conroy adorava uma pechincha. As palavras «para venda» faziam-na vibrar. Ela sempre adorara comprar e achava a troca básica de dinheiro por objectos profundamente satisfatória. Tão satisfatória que trocava demasiadas vezes dinheiro por objectos sem utilidade para ela. Mas fora aquele amor por uma pechincha que levava Dora a abrir a própria loja e à descoberta subsequente de que vender era tão agradável como comprar.

— Lea, olha para isto. — Dora virou-se para a irmã estendendo uma

leiteira dourada em forma de um sapato de cerimónia de mulher. — Não é fabulosa?

Ophelia Conroy Bradshaw deu uma vista de olhos e levantou uma única sobrancelha castanho-dourada. Apesar do nome sonhador, aquela era uma mulher com os pés assentes na terra. — Acho que queres dizer frívola, certo?

— Vá lá, vê para lá da estética óbvia. — Olhando, Dora passou um dedo pelo arco do sapato. — Há um lugar no mundo para o ridículo.

— Eu sei. A tua loja.

Dora riu por entredentes, nada ofendida. Embora tenha voltado a pôr o recipiente no lugar, ela já se tinha decidido a oferecer um lanço sobre aquele lote. Tirou um caderno de apontamentos e uma caneta que ostentava um Elvis de guitarra para anotar o número. — Estou mesmo contente por teres vindo comigo nesta viagem, Lea. Obrigas-me a manter a cabeça no lugar.

— Alguém tem de o fazer. — A atenção de Lea foi desviada para uma montra de vidros coloridos. Havia duas ou três peças em âmbar que seriam um bom complemento para a sua colecção. — Ainda assim, sinto-me culpada por estar longe de casa quase no Natal. Deixar o John com os miúdos daquela maneira.

— Tu estavas mortinha para te afastares dos miúdos — lembrou-lhe Dora enquanto inspeccionava um toucador em cerejeira.

— Eu sei. É por isso que me sinto culpada.

— A culpa é uma coisa boa. — Atirando uma ponta do cachecol vermelho sobre o ombro, Dora agachou-se para verificar o trabalho nos puxadores de bronze do toucador. — Querida, só passaram três dias. Estamos praticamente de regresso. Vais chegar a casa esta noite e asfixiar os miúdos com atenção, seduzir o John e todos ficarão felizes.

Lea revirou os olhos e sorriu fracamente para o casal ao seu lado. — Acho que tu resumes tudo ao mínimo denominador comum.

Com um grunhido de satisfação, Dora endireitou-se, desviou do rosto o cabelo que lhe dava pelo queixo e anuiu com a cabeça. — Acho que já vi o suficiente.

Quando olhou para o relógio, percebeu que estava na hora de subir o pano da matiné em Filadélfia. Bem, pensou, *havia espectáculos e espectáculos*. Só lhe faltava esfregar as mãos de expectativa pela abertura do leilão.

— É melhor sentarmo-nos antes que eles... oh, espera! — Os olhos castanhos iluminaram-se. — Olha para aquilo!

Quando Lea se virou, Dora já estava a correr pelo chão de betão.

Era o quadro que tinha captado a atenção dela. Não era grande, talvez quarenta e cinco por sessenta centímetros com uma simples moldura de

ébano. A tela era uma aguarela de cores, linhas e traços carmesim e safira, um pedaço citrino e uma ousada mancha esmeralda. O que Dora via era energia e verve, tão irresistíveis para ela como uma etiqueta de saldos.

Dora sorriu para o rapaz que o estava a encostar à parede. — Está a pô-lo de cabeça para baixo.

— Como? — O rapaz do armazém virou-se e corou. Tinha dezassete anos, e a visão de Dora sorrindo para ele reduziu-o a uma poça de hormonas. — Ah... não, senhora. — A maçã de Adão oscilava freneticamente enquanto ele voltava a tela ao contrário para mostrar o gancho atrás.

— Hum. — Quando fosse dela, que era o que aconteceria certamente no final da tarde, iria resolver aquilo.

— Este... ah... carregamento acabou de chegar.

— Estou a ver. — Ela aproximou-se mais. — Umhas peças interessantes — disse ela, pegando numa estátua de um *basset hound* de olhos tristes enrolado numa pose de descanso. Era mais pesado do que parecia à primeira vista, mas ela virou-o algumas vezes para um exame mais minucioso. *Não havia marca do artesão nem data*, pensou. Mas o trabalho era excelente.

— Suficientemente frívolo para ti? — perguntou Lea.

— O bastante. Dava um magnífico travão de porta. — Depois de o pousar, pegou numa estatueta alta de um homem e de uma mulher apanhados no rodopio de uma valsa. A mão de Dora fechou-se sobre dedos espessos e nodosos. — Desculpe. — Ela olhou para um velhote de óculos que lhe fez uma vénia rangente.

— Bonita, não é? — perguntou-lhe ele. — A minha mulher tinha uma igualzinha. Foi destruída quando os miúdos estavam à briga na sala de estar. — O velhote sorriu, revelando dentes demasiado brancos e direitos para serem naturais. Ele usava um laço vermelho e cheirava a hortelã-pimenta. Dora sorriu em resposta.

— Faz colecção?

— De certa forma. — Ele pousou a estatueta, e os olhos velhos e enrugados perscrutaram a exibição, avaliando, catalogando, rejeitando. — Sou Tom Ashworth. Tenho uma loja aqui em Front Royal. — Tirou um cartão de visita do bolso do peito e ofereceu-o a Dora. — Já acumulei tanta coisa ao longo dos anos que dava para abrir uma loja ou comprar uma casa maior.

— Sei o que quer dizer. Sou Dora Conroy. — Dora estendeu uma mão e viu-a envolvida num aperto rápido e artrítico. — Tenho uma loja em Filadélfia.

— Logo vi que era uma profissional. — Agradado, ele piscou o olho. — Percebi imediatamente. Acho que nunca a tinha visto num dos leilões do Porter.

— Não, nunca pude vir. Na verdade, esta viagem foi um impulso. Arrastei a minha irmã comigo. Lea, Tom Ashworth.

— Prazer em conhecê-lo.

— O prazer é meu. — Ashworth deu umas palmadinhas na mão gelada de Lea. — Nunca aquece por aqui nesta altura do ano. Acho que o Porter pensa que os lanços vão aquecer um pouco as coisas.

— Espero que ele tenha razão. — Os dedos dos pés de Lea pareciam congelados dentro das botas de camurça. — Está neste negócio há muito tempo, senhor Ashworth?

— Há quase quarenta anos. A minha mulher é que começou, fazendo paninhos e lenços em croché e vendendo-os. Depois juntou alguns bibelôs e ampliou o negócio. — Ele tirou um cachimbo de carolo de milho do bolso e segurou-o entre os dentes. — Em mil novecentos e sessenta e três já tínhamos mais *stock* do que conseguíamos guardar e alugámos uma loja na vila. Trabalhámos lado a lado até ela falecer na Primavera de oitenta e seis. Agora tenho um neto a trabalhar comigo. Tem muitas ideias extravagantes, mas é um bom menino.

— Os negócios de família são os melhores — disse Dora. — A Lea começou há pouco tempo a trabalhar em *part-time* na loja.

— Só Deus sabe porquê. — Lea enfiou as mãos geladas nos bolsos do casaco. — Não percebo nada de antiguidades nem de objectos de colecção.

— Só tem de perceber o que as pessoas querem — disse-lhe Ashworth, acendendo um fósforo. — E quanto pagarão por isso — acrescentou ele antes de acender o cachimbo.

— Exactamente. — Encantada com ele, Dora enfiou-lhe uma mão no braço. — Parece que vamos começar. Porque não vamos sentar-nos?

Ashworth ofereceu o outro braço a Lea e, sentindo-se muito importante, acompanhou as mulheres até às cadeiras perto da primeira fila.

Dora pegou no caderno de anotações e preparou-se para desempenhar o seu papel favorito.

A oferta era baixa, mas certamente energética. As vozes ressoavam no tecto alto à medida que os lotes eram anunciados. Mas era a multidão murmurante que incendiava o sangue de Dora. Havia pechinchas ali, e ela estava determinada a assegurar a sua parte.

Cobriu o lanço de uma mulher magra de olhar sisudo para o toucador de cerejeira, açambarcou o lote que incluía a leiteira/sapato por uma ninharia e competiu energicamente com Ashworth por um conjunto de saleiros de cristal.

— Venceu-me — disse ele quando Dora cobriu mais um dos seus lanços. — De certeza que vai conseguir um pouco mais por eles lá no Norte.

— Tenho um cliente que colecciona — disse-lhe Dora. *E que pagaria o dobro do custo de compra*, pensou ela.

— Ai sim? — Ashworth aproximou-se mais dela quando começou o leilão do lote seguinte. — Eu tenho um conjunto de seis na loja. De cobalto e prata.

— A sério?

— Se tiver tempo, apareça depois disto para dar uma vista de olhos.

— Sou capaz de fazer isso. Lea, faz as ofertas para os vidros translúcidos coloridos.

— Eu? — Com o horror estampado nos olhos, Lea olhou de boca aberta para a irmã.

— Claro. — Sorrindo, Dora inclinou a cabeça em direcção a Ashworth. — Observe.

Como Dora esperava, Lea começou com lanços hesitantes que mal se faziam ouvir ao leiloeiro. Depois começou a chegar-se à frente no assento. O olhar dela tornou-se vítreo. Quando o lote foi vendido, ela já gritava a oferta como um sargento instrutor comandando os recrutas.

— Não é maravilhoso? — Cheia de orgulho, Dora pôs um braço sobre os ombros de Lea e apertou-a. — Ela sempre foi de compreensão rápida. É o sangue dos Conroy.

— Comprei todos. — Lea pôs uma mão sobre o coração acelerado. — Oh, Deus! Comprei o lote todo! Porque é que não me paraste?

— Quando te estavas a divertir tanto?

— Mas... mas... — Quando a adrenalina baixou, Lea sentou-se na cadeira. — Foram centenas de dólares. Centenas.

— E bem gastos. Agora, cá vamos nós. — Vendo a pintura abstracta, Dora esfregou as mãos. — Meu — disse ela suavemente.

\*

Às três da tarde Dora estava a acrescentar meia dúzia de saleiros de cobalto aos tesouros na carrinha. O vento estava a aumentar, fazendo-lhe ruborescer as faces e enfiando-se-lhe por dentro da gola do casaco.

— Cheira a neve — comentou Ashworth. Estava no passeio em frente à loja e, com o cachimbo preso na mão, cheirava o ar. — Podem apanhar alguma antes de chegarem a casa.

— Espero que sim. — Puxando o cabelo esvoaçante para trás, Dora sorriu para ele. — O que é o Natal sem ela? Foi um prazer conhecê-lo, senhor Ashworth. — Estendeu-lhe a mão de novo. — Se for a Filadélfia, espero que apareça.

— Pode contar com isso. — Ashworth bateu ao de leve no bolso onde

tinha guardado o cartão de visita dela. — Tomem cuidado, meninas. Conduzam com cautela.

— Esteja descansado. Feliz Natal.

— Igualmente — acrescentou Ashworth quando Dora entrou na carrinha.

Com um último aceno, ela ligou a carrinha e pôs a viatura em andamento. Os olhos ergueram-se até ao espelho retrovisor e ela sorriu ao ver Ashworth no passeio de cachimbo na boca e a mão erguida num aceno de despedida.

Lea tremia e esperava impacientemente que a carrinha aquecesse. — Espero que ele não te tenha levado dinheiro a mais por aqueles saleiros.

— Hum. Ele teve algum lucro, eu vou ter lucro e a senhora O'Malley vai aumentar a coleção. Todos conseguem o que querem.

— Parece que sim. Ainda não consigo acreditar que compraste aquele quadro horroroso. Nunca vais conseguir vendê-lo.

— Oh, eventualmente.

— Pelo menos só pagaste cinquenta dólares por ele.

— Cinquenta e dois dólares e setenta e cinco cêntimos — corrigiu Dora.

— Certo. — Torcendo-se no banco, Lea olhou para as caixas empilhadas na parte de trás da carrinha. — É claro que sabes que não tens espaço para esta tralha toda.

— Arranjo espaço. Não achas que a Missy ia gostar daquele carrossel?

Lea imaginou o enorme brinquedo mecânico no quarto rosa e branco da filha e estremeceu. — Não, por favor.

— Ok. — Dora encolheu os ombros. Assim que limpasse o carrossel, talvez o deixasse rodopiar na própria sala de estar durante uns tempos. — Mas eu acho que ela ia gostar. Queres ligar ao John e dizer-lhe que já estamos a caminho?

— Daqui a pouco. — Com um suspiro, Lea recostou-se. — Amanhã por esta hora vou estar a fazer biscoitos e a estender massa de tarte.

— Foste tu que quiseste — lembrou-lhe Dora. — Tinhas de casar, de ter filhos, de comprar uma casa. Onde é que a família havia de fazer o jantar de Natal?

— Não me importava se a mãe não insistisse em ajudar-me a fazer a comida. Quero dizer, ela nunca fez uma refeição de jeito na vida, certo?

— Não, que eu me lembre.

— E lá está ela, todos os Natais, na minha cozinha a acenar com uma receita para molho de alfalfa e castanhas.

— Esse era mau — recordou Dora. — Mas sempre era melhor do que as batatas de caril e o guisado de porco.



— Nem me lembres. E o papá também não ajuda, de barrete de Pai Natal a atacar o *eggnog* antes do meio-dia,

— Talvez o Will a possa distrair. Este ano vem sozinho ou com uma das queridinhas? — perguntou Dora, referindo-se à lista de namoradas do irmão.

— Sozinho, que eu saiba. Dora, cuidado com aquele camião, está bem?

— Estou a ter cuidado. — Num espírito de competição, Dora carregou no acelerador e ultrapassou o longo veículo. — Então quando é que chega o Will?

— Ele vem de comboio de Nova Iorque na noite da consoada.

— Tarde o suficiente para fazer uma grande entrada — previu Dora. — Olha se ele se meter com o teu cabelo, eu posso... oh, raios!

— O quê? — Os olhos de Lea arregalaram-se.

— Acabei de me lembrar de que o novo inquilino do apartamento em frente chega hoje.

— E depois?

— Espero que o papá se lembre de aparecer com as chaves. Ele foi um querido em mostrar o apartamento nas últimas duas semanas em que andei extremamente ocupada na loja, mas sabes como ele é esquecido quando está no meio de uma produção.

— Sei exactamente como ele é, e é por isso que não consigo compreender como pudeste deixá-lo entrevistar um inquilino para o teu prédio.

— Eu não tinha tempo — resmungou Dora, tentando calcular se teria a oportunidade de telefonar ao pai entre actuações. — Além disso, o papá queria.

— Não te admires se acabares por ficar com um psicopata a viver ao teu lado, ou uma mulher com três filhos e uma série de namorados tatuados.

Dora sorriu. — Eu disse especificamente ao papá que não queria nem psicopatas nem tatuagens. Espero que seja alguém que saiba cozinhar e que pretenda bajular a senhoria oferecendo-me comida de forma regular. Falando nisso, queres comer?

— Sim. É melhor comer uma última refeição em que não tenha de cortar comida nenhuma a não ser a minha.

Dora virou em direcção a uma rampa de saída, passando à frente de um *Chevy*. Ignorou as buzinas furiosas. Tinha um sorriso no rosto ao imaginar-se desembrulhando as suas coisas novas. E prometeu a si mesma que a primeira coisa que iria fazer seria encontrar o lugar ideal para o quadro.

Bem alto, na torre luminosa de um edifício prateado com vista para as ruas apinhadas de Los Angeles, Edmund Finley fazia a manicura semanal. A parede em frente à pesada secretária de pau-rosa cintilava com uma dúzia de ecrãs de televisão. CNN, *Headline News* e uma das estações de vendas brilhavam silenciosamente ao longo da parede. Outros televisores estavam sintonizados em diversos gabinetes da sua organização por forma a ele poder observar os empregados.

Mas a não ser que ele decidisse ouvir, os únicos sons no vasto gabinete eram os acordes de uma ópera de Mozart e o som suave da lima da manicura.

Finley gostava de observar.

Ele escolhera o último andar daquele edifício para que o escritório tivesse uma vista panorâmica sobre Los Angeles. Dava-lhe uma sensação de poder, de onipotência, e ele ficava muitas vezes durante cerca de uma hora a olhar pela ampla janela atrás da secretária a estudar simplesmente a vida atarefada de estranhos.

Na sua casa nas colinas sobre a cidade havia televisores e monitores em todas as divisões. E janelas, uma vez mais janelas de onde pudesse ver as luzes da bacia de Los Angeles. Todas as noites ele saía para a varanda do quarto e imaginava ser dono de tudo, de todos, até onde a vista alcançasse.

Ele era um homem com um apetite por possessões. O seu escritório reflectia o gosto pelo refinado e pelo exclusivo. Tanto as paredes como a carpete eram de um branco imaculado para servir de pano de fundo virgem aos seus tesouros. Uma jarra Ming adornava um pedestal de mármore. Esculturas de Rodin e de Denaechau enchiam nichos esculpidos nas paredes. Um Renoir numa moldura dourada enfeitava a parede acima de uma cómoda Luís XIV. Um canapé em veludo supostamente pertencente a Maria Antonieta tinha de cada lado uma mesa de mogno da Inglaterra Vitoriana.

Dois armários altos de vidro continham uma impressionante e esotérica mostra de objectos de arte: frascos de rapé esculpidos em lápis-lazúli e água-marinha, *netsukes* de marfim, figuras de Dresden, caixas de Limoges, uma adaga do século XV com um cabo cravado de jóias, máscaras africanas.

Edmundo Finley adquiria. E assim que adquiria, guardava.

O seu negócio de importação e exportação era tremendamente bem sucedido. E o negócio de contrabando ainda mais. Afinal, o contrabando era um desafio maior. Exigia uma certa astúcia, um talento implacável e um gosto impecável.

Finley, um homem alto, magro, de uma aparência distinta, na casa dos cinquenta, começara a «adquirir» mercadoria na juventude trabalhando

nas docas em São Francisco. Tinha sido tarefa simples desviar um contentor, abri-lo e vender o que continha. No ano em que completara trinta anos já tinha juntado capital suficiente para fundar a sua própria companhia, esperteza suficiente para jogar forte no mercado negro e vencer, e contactos suficientes para assegurar um fluxo estável de mercadoria.

Naquele momento era um homem rico que preferia fatos italianos, mulheres francesas e francos suíços. Ele podia, após décadas de transacções, comprar aquilo que mais o atraía. O que mais o atraía era o antigo, o de valor inestimável.

— Está pronto, senhor Finley. — A manicura pousou delicadamente a mão de Finley na superfície imaculada da mesa. Ela sabia que ele iria examinar cuidadosamente o trabalho enquanto ela guardava os utensílios e as loções. Certa vez ele tinha-se enfurecido por ela ter deixado uma minúscula pele de cutícula no polegar. Mas desta vez, quando ela se atreveu a olhar para ele, ele estava a sorrir para as unhas polidas.

— Excelente trabalho. — Agradado, Finley esfregou os polegares e as pontas dos dedos umas nas outras. Tirou do bolso um clipe de ouro com dinheiro e entregou-lhe uma nota de cinquenta. Depois, com um dos raros e desarmantes sorrisos, acrescentou mais cem. — Feliz Natal, querida.

— Oh... obrigada. Muito obrigada, senhor Finley. Feliz Natal para si também.

Ainda a sorrir, ele gesticulou para que ela se retirasse. A generosidade esporádica vinha tão naturalmente como a avidez constante. Ele apreciava ambas. Antes de ela fechar a porta, ele já tinha rodopiado na cadeira e cruzado os braços sobre o peito. Através dos raios de sol, estudou a vista de Los Angeles.

*Natal*, pensou. Que época do ano maravilhosa. Uma época de benevolência para com os homens, sinos ressonantes e luzes coloridas. Claro que era também uma época de solidão desesperada, desespero e suicídio. Mas aquelas pequenas tragédias humanas não o atingiam nem lhe diziam respeito. O dinheiro tinha-o catapultado para muito acima daquelas carências frágeis de família e de companhia. Ele podia comprar companhia. Escolhera uma das cidades mais ricas do mundo, onde tudo podia ser comprado, vendido, possuído. Ali a juventude, a riqueza e o poder eram admirados acima de tudo. Durante a mais iluminada das épocas festivas, ele tinha riqueza e tinha poder. Quanto à juventude, o dinheiro podia comprar a ilusão.

Finley perscrutou os edifícios e as janelas cintilantes com os olhos verde-claros, apercebendo-se com uma vaga sensação de surpresa de que era feliz.

A batida na porta do gabinete fê-lo virar-se enquanto dizia: — Entre.  
— Senhor. — Abel Winesap, um homem baixo, de ombros descaídos

com o título pesado de «Assistente Executivo do Presidente», pigarreou.  
— Senhor Finley.

— Sabes qual é o verdadeiro significado do Natal, Abel? — A voz de Finley era calorosa, como *brandy* quente sobre natas.

— Ah... — Winesap mexeu no nó da gravata. — Senhor?

— Aquisição. Uma linda palavra, Abel. E o verdadeiro significado desta maravilhosa época, não achas?

— Sim, senhor. — Winesap sentiu um calafrio a percorrer-lhe as costas. O que tinha para transmitir era bastante difícil. O bom humor de Finley tornava o difícil mais perigoso. — Receio que tenhamos um problema, senhor Finley.

— Oh? — O sorriso de Finley permaneceu, mas os olhos gelaram.  
— E o que é?

Winesap engoliu em seco. Ele sabia que a raiva fria de Finley era mais letal do que a fúria de qualquer outro homem. Tinha sido Winesap o escolhido para assistir à execução que Finley fizera de um empregado que tinha andado a desviar dinheiro. E ele lembrava-se da calma com que Finley cortara o pescoço do homem com uma adaga do século XVI.

Finley considerava que a traição merecia um castigo rápido e também alguma cerimónia.

Winesap também se lembrava, para sua infelicidade, de que fora ele quem ficara incumbido de se livrar do corpo.

Nervosamente, prosseguiu com a história: — O carregamento de Nova Iorque. A mercadoria de que o senhor estava à espera.

— Houve algum atraso?

— Não... isto é, de certa forma. O carregamento chegou hoje como era esperado, mas a mercadoria... — Humedeceu os lábios finos e nervosos. — Não é o que o senhor encomendou.

Finley pousou as mãos cuidadas na borda da secretária e os nós dos dedos embranqueceram. — Desculpa?

— A mercadoria, senhor. Não é o que foi encomendado. Aparentemente houve uma troca algures. — A voz de Winesap transformou-se numa lamúria. — Achei melhor informá-lo imediatamente.

— Onde é que está? — A voz de Finley tinha perdido o calor jovial. Era um silvo gelado.

— Na recepção, senhor. Achei...

— Trá-la imediatamente para cima.

— Sim, senhor. Agora mesmo. — Winesap saiu, grato pela prorrogação.

Finley pagara muito dinheiro pela mercadoria, e muito mais ainda para a esconder e contrabandear. Para que cada peça roubada fosse trans-

portada dos diversos locais até à fábrica em Nova Iorque. Só em subornos tinha gasto perto de cem mil.

Para se acalmar, parou ao pé de um jarro de sumo de goiaba e serviu-se generosamente.

*E se tinha havido um erro, pensou ele, mais calmo, seria rectificado. Quem tivesse errado seria castigado.*

Pousou cuidadosamente o copo de cristal Baccarat de lado e examinou-se no espelho oval Jorge III sobre o bar. Depois passou uma mão nervosa pelo espesso cabelo escuro, admirando o brilho prateado que já se notava. A última operação plástica tinha-lhe alisado os papos debaixo dos olhos, refirmado o queixo e eliminado as rugas profundas que existiam à volta da boca.

*Não parecia ter mais de quarenta anos, decidiu Finley virando a cara de um lado para o outro para estudar e aprovar o perfil.*

Que tolo dissera que o dinheiro não podia comprar a felicidade?

A batida à porta destruiu a boa disposição. — Entre — disse brusca-mente, esperando enquanto um dos recepcionistas fazia entrar uma caixa. — Põe ali. — Apontou um dedo para o centro da sala. — E sai. Abel, tu ficas. A porta — disse ele, e Winesap apressou-se a fechá-la.

Como Finley não disse mais nada, Winesap empalideceu e dirigiu-se à caixa. — Abri-a como me mandou, senhor Finley. Quando comecei a inspeccionar a mercadoria, percebi que tinha havido um engano. — Abriu cuidadosamente a caixa, metendo a mão num mar de tiras de papel. Os dedos tremiam quando ele tirou um bule de chá de porcelana decorado com violetas minúsculas.

Finley pegou no bule, virando-o ao contrário. Era inglês, uma peça encantadora, valendo talvez uns duzentos dólares no mercado livre. Mas era produzido em massa. Milhares de bules exactamente como aquele estavam à venda pelo mundo fora. Por isso, para ele não tinha qualquer valor. Escaqueirou-o contra a borda da caixa, fazendo voar fragmentos.

— Que mais?

Estremecendo, Winesap mergulhou a mão bem fundo e retirou uma jarra de vidro.

*Italiana*, deduziu Finley ao examiná-la. Artesanal. Com um valor de cem dólares, talvez cento e cinquenta. Arremessou-a, falhando por pouco a cabeça de Winesap, esmagando-a contra a parede.

— Há... há chávenas de chá. — Os olhos de Winesap olharam para a caixa e depois para o rosto inflexível do patrão. — E algumas coisas de prata: duas travessas, uma taça. Um p-par de copos de cristal gravados com sinos.

— Onde está a minha mercadoria? — perguntou Finley, arrancando com os dedos cada palavra.

— Senhor, não posso... isto é, acho que houve... — A voz dele definiu para um sussurro. — Um erro.

— Um erro. — Os olhos de Finley eram como jade enquanto ele cerrava os punhos. *DiCarlo*, pensou ele, conjurando uma imagem do seu homem em Nova Iorque. *Jovem, inteligente, ambicioso. Mas não estúpido*, lembrou Finley a si mesmo. Não estúpido o suficiente para tentar enganá-lo. Ainda assim, ia ter de pagar, e bem, pelo seu erro.

— Liga para o DiCarlo.

— Sim, senhor. — Aliviado por a cólera de Finley estar prestes a encontrar um novo alvo, Winesap correu até à secretária para fazer a chamada.

Enquanto Winesap marcava o número, Finley esmagou fragmentos de porcelana na carpete. Metendo a mão na caixa, destruiu metodicamente o resto do conteúdo.

## 2.

Jed Skimmerhorn queria uma bebida. Ele não era esquisito quanto à bebida em si. *Whisky* que deixasse um trilha ardente na garganta, o calor sedutor do brandy, o gosto familiar de uma cerveja. Mas ele não ia tomar nada até acabar de carregar as caixas através da instável escada de serviço para o novo apartamento.

Não que ele tivesse assim tantos pertences. O seu antigo colega, Brent, dera-lhe uma ajuda com o sofá, o colchão e as peças de mobiliário mais pesadas. Só restavam algumas caixas de cartão cheias de livros e utensílios de cozinha e outra tralha variada. Ele não sabia ao certo porque é que ficara com tanta coisa quando teria sido mais fácil pôr tudo em armazém.

Mas ele também já não tinha a certeza de muita coisa. Não conseguia explicar a Brent, nem a ele próprio, porque é que achara tão necessário mudar-se para o outro lado da cidade, de uma enorme e antiga casa colonial para um apartamento. Tinha algo a ver com começar de novo. Mas não se podia começar de novo antes de se terminar.

Jed andava a terminar muitas coisas ultimamente.

Apresentar a sua demissão tinha sido o primeiro passo — talvez o mais difícil. O comissário de polícia tinha discutido, recusando-se a aceitar a demissão e pondo Jed com licença prolongada. *Ele não queria saber o que lhe chamavam*, reflectiu Jed. Já não era polícia. Já não podia ser polícia. A parte dele que quisera servir e proteger estava vazia.

Ele não estava deprimido, como explicara ao psiquiatra do departamento. Tinha terminado. Ele não precisava de se encontrar. Só precisava que o deixassem em paz. Ele dedicara catorze anos da vida à polícia. Tinha de bastar.

Jed abriu a porta do apartamento com o cotovelo e prendeu-a com uma das caixas que levava. Fez deslizar a segunda caixa pelo chão de madeira antes de percorrer de novo o estreito corredor em direcção aos degraus exteriores que serviam de entrada.

Não ouvira um pio do vizinho que vivia em frente. O velho excêntrico que lhe alugara o apartamento tinha dito que o outro apartamento estava ocupado por um inquilino que era sossegado como um rato.

Parecia realmente que sim.

Jed começou a descer as escadas, reparando com irritação que o corrimão não suportaria o peso de uma criança subnutrida. Os próprios degraus estavam escorregadios com a neve que continuava a cair do céu incolor. As traseiras do prédio eram quase tranquilas. Embora a frente desse para a movimentada South Street, Jed não achava que se fosse importar com o barulho e a atmosfera boémia, com os turistas e as lojas. Estava perto do rio o suficiente para dar passeios solitários quando lhe apetecesse.

De qualquer forma, seria uma mudança dramática em relação aos relvados impecáveis de Chestnut Hill, onde a casa da família Skimmerhorn existia há dois séculos.

Através da penumbra podia ver o brilho de luzes coloridas penduradas nas janelas de edifícios vizinhos. Alguém tinha atado um enorme Pai Natal de plástico e as suas pequenas renas a um telhado, onde pareciam voar dia e noite.

Isso fê-lo lembrar-se de que Brent o convidara para o jantar de consoada. Um grande e barulhento acontecimento familiar que Jed poderia ter desfrutado no passado. Ele nunca tivera acontecimentos grandes e barulhentos na vida — nem algum que pudesse dizer-se divertido.

E agora não havia família. Família nenhuma.

Jed pressionou as pontas dos dedos contra a dor que sentia nas têmporas e obrigou-se a não pensar em Elaine. Mas as velhas lembranças, como o fantasma de pecados passados, intrometiam-se e apertavam-lhe o estômago.

Atirou a última caixa para fora da bagageira e fechou-a com uma força que fez o restaurado *Thunderbird* tremer até aos pneus. Ele não ia pensar em Elaine, nem em Donny Speck nem em responsabilidades e remorsos. Ia simplesmente entrar, servir uma bebida e tentar não pensar em nada.

De olhos franzidos contra a neve, subiu os degraus íngremes uma

última vez. A temperatura no interior era muito mais alta que o ar agreste no exterior. O senhorio era generoso com o aquecimento. Excessivamente generoso. Mas também, não era problema de Jed como o velhote gastava o dinheiro.

Velhote engraçado, com a sua voz profunda, gestos teatrais e garrafinha prateada, pensou Jed. Ele estivera mais interessado na opinião de Jed sobre dramaturgos do século vinte do que nas referências e no cheque da renda.

Ainda assim, não se podia ser polícia quase metade da vida e não compreender que o mundo estava cheio de personagens estranhos.

Já dentro do apartamento, Jed largou a última caixa em cima da mesa de carvalho na zona de jantar. Vasculhou papel de jornal amarrotado à procura da tal bebida. Ao contrário das caixas que estavam em armazém, aquelas não estavam marcadas nem tinham sido arrumadas de nenhuma forma especial. Se tinha havido algum gene prático no sangue dos Skimmerhorn, ele achava que Elaine tinha ficado com a parte dela e dele.

A nova lembrança da irmã fê-lo praguejar de novo e suavemente por entre dentes. Ele era demasiado inteligente para deixar a lembrança criar raízes, pois se isso acontecesse desabrocharia com culpa. No último mês ele ficara bastante ciente de que a culpa podia provocar suores nocturnos e uma angustiante sensação de pânico.

Mãos suadas e pânico não eram qualidades desejáveis num polícia. Bem como a tendência para a raiva incontrolável. Mas ele já não era um polícia, lembrou a si mesmo. Como dissera à avó, o tempo e as escolhas eram suas.

O apartamento ecoava com o vazio, o que só serviu para o satisfazer por estar sozinho. Uma das razões por que ele o escolhera fora ter apenas um vizinho para ignorar. A outra razão era igualmente simples e básica: era fabuloso.

Ele achava que tinha vivido tempo de mais com o que havia de melhor para não se sentir atraído por aquilo. Por mais que afirmasse que o que o rodeava não lhe interessava, ter-se-ia sentido bastante infeliz num condomínio vistoso ou num complexo de apartamentos sem alma.

Ele imaginava que o antigo edifício tivesse sido convertido numa loja e apartamentos por volta dos anos trinta. O prédio retivera os tectos altos e os quartos espaçosos, a lareira de serviço e as janelas altas e estreitas. O soalho de carvalho tinha sido extremamente polido para o novo inquilino.

Os acabamentos eram em nogueira, as paredes cor-de-marfim. O velhote garantira a Jed que podiam ser pintadas de acordo com o gosto dele, mas decoração era a última coisa na mente de Jed. Ficaria com os quartos precisamente como estavam.



Abriu uma garrafa de *Jameson* quase cheia. Estudou-a por um momento e depois pousou-a em cima da mesa. Estava a pôr de parte papel de jornal em busca de um copo quando ouviu ruídos. As mãos paralisaram, o corpo preparou-se.

Inclinando a cabeça, virou-se, tentando localizar a origem do som. Pensou ter ouvido campainhas, um eco tilintante. E depois riso, sedutor e feminino.

Os olhos voltaram-se para a grelha de ventilação perto da lareira. Os sons fluuavam através dela, alguns vagos, outros suficientemente claros para ele perceber palavras soltas se decidisse escutar.

Havia uma espécie de loja de antiguidades ou de curiosidades por baixo do apartamento. Estivera fechada nos últimos dois dias, mas aparentemente já estava a funcionar.

Jed voltou à busca pelo copo e desligou a mente dos sons que vinham lá debaixo.

\*

— Agradeço imenso que tenhas vindo aqui ter connosco, John. — Dora pousou um candeeiro de globo acabado de adquirir ao lado da antiga caixa registadora.

— De nada. — John arquejou um pouco enquanto carregava outra caixa para o armazém sobrelotado. Era um homem alto e magro, com um rosto honesto e uns olhos claros e tímidos que viam o mundo por detrás de umas lentes espessas.

Vendia carros em Landsdowne e fora nomeado Vendedor do Ano dois anos seguidos por usar uma abordagem tímida e quase apologética que era da sua natureza e que encantava os clientes.

Naquele momento sorria para Dora e ajeitava os óculos de armação escura. — Como é que conseguiste comprar tanta coisa em tão pouco tempo?

— Experiência. — Ela teve de se pôr em bicos de pés para beijar a face de John e depois agachou-se e pegou no sobrinho mais novo, Michael. — Eh, cara de sapo, tiveste saudades minhas?

— Não. — Mas o menino sorriu e pôs os braços rechonchudos à volta do pescoço dela.

Lea virou-se para manter os olhos nos outros dois filhos. — Richie, mãos nos bolsos. Missy, nada de piruetas na loja.

— Mas, mamã...

— Ah!... — Lea suspirava, sorria. — Estou em casa. — Estendeu os braços para pegar em Michael. — Dora, precisas de mais ajuda?

— Não, já não. Mais uma vez, obrigada.

— Se tens a certeza. — Lea olhou dubiamente em volta. Era para ela um mistério como é que a irmã conseguia funcionar no meio de tanta confusão. Elas tinham crescido no caos, com cada dia amanhecendo com um novo drama ou comédia. Para Lea, a única forma de permanecer sã enquanto adulta era organização. — Eu podia mesmo vir amanhã.

— Não. É o teu dia de folga e eu tenciono deglutir a minha parte daqueles biscoitos que tu vais fazer. — Enquanto acompanhava a família até à porta, Dora enfiou um pacote de *M&M's* nas mãos da sobrinha. — Partilha — ordenou em voz baixa. — E não digas à mamã onde é que os arranjaste. — Passou a mão pelos cabelos de Richie. — Põe-te a andar, maroto.

Ele sorriu, mostrando o espaço que tinha por falta de dois dentes da frente. — Podem vir aqui ladrões esta noite e roubar-te tudo. — Estendendo o braço, brincou com o longo pingente de citrina e ametista que ela tinha na orelha. — Se eu passasse a noite aqui, protegia-te deles.

— Obrigada, Richie — disse Dora em tom sério. — Não consigo dizer-te como fico contente com isso. Mas esta noite vou ter eu de me proteger dos meus ladrões. — Apressou a família a sair e depois começou imediatamente a trancar a porta, sabendo que Lea iria esperar até ela trancar todas as fechaduras e ligar o sistema de alarme.

Sozinha, virou-se e respirou fundo. Havia um aroma a maçã e pinho do *pot-pourri* espalhado por toda a loja. *Era bom estar de volta a casa*, pensou ela, levantando a caixa que continha as novas aquisições que ela decidira levar para o apartamento.

Depois atravessou o armazém para destrancar a porta que dava para a escada interior. Tinha de levar a caixa, a mala e o saco de viagem, assim como o casaco que despira ao entrar na loja. Resmungando para si mesma, conseguiu acender a luz das escadas com o ombro.

Ia a meio caminho do corredor quando viu luz no apartamento vizinho. O novo inquilino. Ajeitando as coisas que levava nos braços, aproximou-se da porta que estava entreaberta com a ajuda de uma caixa e espreitou.

Viu Jed sentado a uma mesa antiga com uma garrafa numa mão e um copo na outra. O espaço estava parcamente mobilado com um sofá e uma cadeira almofadada.

Mas ela estava mais interessada no homem que estava de perfil para ela e que emborcava um longo gole de *whisky*.

Ele era alto, com uma constituição atlética que lhe lembrava um pugilista. Usava uma camisola azul com as mangas arregaçadas até aos cotovelos — nenhuma tatuagem visível — e calças de ganga usadas. O cabelo estava um pouco desalinhado, caindo descuidadamente sobre o pescoço num rico tom dourado.

Em contraste, o relógio no pulso ou era uma imitação espantosamente boa ou um *Rolex* genuíno.

Embora a apreciação dela tenha demorado apenas alguns segundos, Dora percebeu que o vizinho não estava a festejar a nova casa. A cara, sombreada pelas proeminentes maçãs-do-rosto e por um vestígio de barba, parecia triste.

Antes de ter produzido qualquer som, viu o corpo dele ficar tenso. A cabeça dele virou-se. Dora deu por si a contrariar o instinto de recuar em defesa quando ele a fitou com olhos duros, inexpressivos e chocantemente azuis.

— A porta estava aberta — disse ela desculpando-se, e ficou imediatamente irritada por fazê-lo, pois estava no seu próprio corredor.

— Pois. — Ele pousou a garrafa e levou o copo quando se dirigiu a ela. Jed fez também a sua análise. A maior parte do corpo dela estava escondido pela caixa enorme que ela carregava. Um bonito rosto oval, ligeiramente pontiagudo no queixo, com uma tez tradicionalmente rosa e creme, uma boca ampla e sem batom que estava ligeiramente curvada num sorriso, olhos grandes castanhos, cheios de uma curiosidade amigável, cabelo negro ondulado.

— Sou a Dora — explicou enquanto ele continuou a fitá-la. — Moro aqui em frente. Precisa de alguma ajuda para se organizar?

— Não. — Jed afastou a caixa com o pé e fechou a porta na cara dela.

Ela ficou de boca aberta antes de a fechar deliberadamente. — Bem, bem-vindo ao bairro — murmurou ela entredentes enquanto se voltava para a própria porta. Depois de uma dificuldade inicial em encontrar as chaves, destrancou a porta e fechou-a com força depois de entrar. — Obrigadinha, papá — disse ela para o apartamento vazio. — Parece que me conseguiste um verdadeiro prémio.

Dora largou as coisas num sofá e passou impacientemente com os dedos pelo cabelo. O tipo podia ser agradável à vista, mas ela preferia um vizinho com um pouco de personalidade. Dirigindo-se ao telefone, decidiu ligar ao pai e dar-lhe um puxão de orelhas.

Antes de ter marcado o segundo algarismo, viu a folha de papel com uma cara alegre em forma de coração no fundo. Quentin Conroy acrescentava sempre um pequeno desenho — um barómetro do seu humor — nos bilhetes e cartas. Dora desligou o telefone e começou a ler:

*Izzy, minha querida filha.*

Dora estremeceu. O pai era a única alma no mundo que a chamava assim.

*Está feito. E bem feito, se queres saber a minha opinião. O teu novo inquilino é um jovem bem constituído que deverá poder ajudar-te com qualquer tarefa.*

*O nome dele, como podes ver nas cópias de contrato que aguardam a tua assinatura, é Jed Skimmerhorn. Um nome poderoso que me traz à memória vigorosos capitães da marinha ou exploradores robustos. Achei-o fascinantemente taciturno e senti um redemoinho agitando-se sob aquelas águas paradas. Não pensei em nada melhor para oferecer à minha adorada filha do que um vizinho intrigante.*

*Bem-vinda a casa, minha primogénita.  
O teu pai dedicado.*

Dora não queria sentir-se divertida, mas não conseguiu deixar de sorrir. A jogada era tão óbvia. Pô-la a curta distância de um homem atraente e talvez, apenas talvez, ela se apaixonasse, se casasse e desse ao pai interesseiro mais netos para mimar.

— Desculpa, papá — murmurou. — Vais ter outra decepção.

Pondo o bilhete de lado, passou um dedo pelo contrato até encontrar a assinatura de Jed. Era um rabisco arrojado e ela escreveu o próprio nome na linha ao lado em ambas as cópias. Pegando numa, dirigiu-se até à porta de casa a passos largos, atravessou o corredor e bateu à porta dele.

Quando a porta se abriu, Dora espetou o contrato, esmagando o canto contra o peito de Jed. — Vai precisar disto para os registos.

Ele aceitou-o. Os olhos baixaram, perscrutaram e depois ergueram-se de novo. Os olhos dela já não eram amistosos mas frios. O que lhe dava jeito. — Porque é que o velhote deixou isto consigo?

Ela empinou o queixo. — O velhote — disse ela suavemente — é meu pai. Eu sou a dona do prédio, o que faz de mim sua senhoria, senhor Skimmerhorn. — Ela deu meia volta e atravessou o corredor em duas passadas. Com a mão na maçaneta, parou e virou-se. O cabelo esvoaçou e assentou. — A renda é para pagar até ao dia vinte e um de cada mês. Pode enfiar o cheque por debaixo da minha porta e poupar um selo bem como qualquer contacto com outros seres humanos.

Entrou e fechou a porta.

### 3.

Quando Jed chegou às escadas que conduziam ao seu apartamento, já suara a maior parte das consequências físicas de meia garrafa de *whisky*. Um dos motivos que o levara a escolher aquela localização tinha sido o ginásio ao virar da esquina. Ele passara uns noventa minutos bastante satisfatórios naquela manhã a levantar pesos, a esmurrar o saco e a queimar a maior parte da dor de cabeça de ressaca na sauna.

Agora, sentindo-se quase humano, estava mortinho por uma chávena de café puro e um dos pequenos-almoços de microondas com que atulhara o frigorífico. Tirou a chave do bolso das calças do fato de treino e entrou no corredor. Ouviu imediatamente a música. Não cânticos de Natal, graças a Deus, mas o som possante do *gospel* de Aretha Franklin.

*Pelo menos o gosto musical da senhoria não o ia irritar*, pensou, e teria ido directamente para o seu apartamento se não tivesse visto a porta dela aberta.

*Uma troca justa*, pensou Jed, e, enfiando as mãos nos bolsos, aproximou-se. Ele sabia que tinha sido propositadamente rude na noite anterior. E porque tinha sido deliberado, não via motivos para pedir desculpa. Ainda assim, achava mais sensato fazer algum tipo de pazes cautelosas com a mulher que era proprietária do prédio onde ele morava.

Empurrou ligeiramente a porta e espreitou.

Como o dele, o apartamento dela era espaçoso, com tecto alto e cheio de luz proveniente de um trio de janelas que davam para a frente. E as semelhanças acabavam aí.

Mesmo tendo crescido numa casa ricamente recheada, ficou pasmado. Nunca vira tanta coisa aglomerada num único sítio. Havia uma parede coberta de prateleiras de vidro atafalhadas com garrafas antigas, latas, estatuetas, caixas pintadas e várias bugigangas que ele não conseguia identificar. Havia algumas mesas e cada uma estava coberta com mais objectos de vidro e porcelana. Um sofá floral estava cheio de almofadas coloridas que condiziam com os tons suaves de um grande tapete de entrada. Um Multan, reconheceu ele. A sala de estar da casa da família dele tinha tido um semelhante desde sempre.

Para complementar a época, havia uma árvore perto da janela, cada ramo carregado com bolas coloridas e luzes. Um trenó de madeira estava a abarrotar com pinhas. Um boneco de neve em cerâmica com um chapéu alto sorria para ele.

*Devia estar atafalhado*, pensou Jed. E devia certamente estar desarumado. Mas não estava. Em vez disso ele tinha a sensação de ter aberto alguma arca mágica do tesouro.

E no meio de tudo aquilo estava a senhoria. Ela tinha um fato escarlate com uma saia curta travada e um casaco justo. Enquanto ela estava de costas para ele, ele contraiu os lábios e indagou-se em condições tinha estado na noite anterior para não reparar naquele corpinho fantástico.

Ao som da voz rica de Aretha, ouviu Dora resmungar para si própria. Jed encostou-se à ombreira da porta quando ela pousou o quadro que tinha nas mãos no sofá e se virou. Para seu espanto, Dora conseguiu abafar a maior parte do guincho quando o viu.

— A porta estava aberta — disse-lhe ele.

— Pois. — Depois, como não era da sua natureza ser monossilábica como o inquilino, encolheu os ombros. — Esta manhã tenho estado a actualizar o inventário. Desde aqui até lá abaixo. — Afastou a franja. — Algum problema, senhor Skimmerhorn? Um cano roto? Ratos?

— Não, que eu tenha reparado.

— Ótimo. — Atravessou a sala e saiu do campo de visão dele, obrigando-o a entrar. Ela estava ao pé de uma mesa de casa de jantar a servir o que cheirava maravilhosamente a café forte, de uma cafeteira de porcelana para uma chávena do mesmo serviço. Dora pousou o bule e ergueu uma sobranceira. Os seus lábios estavam tão arrojadamente vermelhos como o fato. — Precisa de alguma coisa?

— Um pouco disso não me faria mal. — Ele acenou com a cabeça em direcção ao bule.

*Então ele já queria boa vizinhança*, pensou Dora. Sem dizer nada, dirigiu-se a um armário envidraçado e tirou mais uma chávena e um pires. — Leite? Açúcar?

— Não.

Como ele não avançou mais para dentro da sala, ela levou-lhe o café. Dora reparou que ele cheirava a sabonete. De uma forma atraente. Mas o pai tinha razão quanto aos olhos. Eram duros e impenetráveis.

— Obrigado. — Bebeu o conteúdo da frágil chávena em dois goles e devolveu-lha. Ele lembrava-se de que a mãe tivera um serviço igual, e que quebrara várias peças atirando-as aos criados. — O velho... o seu pai — corrigiu ele — disse que eu podia instalar o meu equipamento no apartamento ao lado. Mas como não é ele o responsável achei que devia confirmar consigo.

— Equipamento? — Dora pôs a chávena dele já vazia em cima da mesa e pegou na dela. — De que tipo?

— Um banco de musculação e alguns pesos.

— Oh. — Instintivamente, ela levou o olhar até aos braços dele e ao peito. — Não me parece que isso seja um problema. A não ser que faça muito barulho quando a loja estiver aberta.

— Eu vou ter cuidado com isso. — Jed olhou de volta para o quadro e estudou-o por um momento. Uma vez mais, arrojado, como o esquema de cores dela, como o perfume intenso que ela usava. — Sabe, isso está de cabeça para baixo.

O sorriso dela foi rápido e brilhante. De facto, ela tinha pousado a tela no sofá da forma como esta tinha estado exposta no leilão. — Eu também acho. Vou pendurá-lo ao contrário.

Para demonstrar, dirigiu-se ao quadro e rodou-o. Jed semicerrou os

olhos. — Assim está certo — concordou ele. — Continua feio, mas está no sentido correcto.

— A apreciação da arte é tão individual como a própria arte.

— Se assim o diz. Obrigado pelo café.

— Não tem de quê. Ah, Skimmerhorn?

Ele parou e olhou para trás por cima do ombro. O ténue vestígio de impaciência nos olhos dele intrigava-a mais do que teria intrigado qualquer sorriso amigável.

— Se está a pensar redecorar ou arranjar a sua nova casa, venha até à loja. A Sala da Dora tem coisas para toda a gente.

— Eu não preciso de nada. Obrigado pelo café.

Dora ainda estava a sorrir quando ouviu a porta dele fechar. — Errado, Skimmerhorn — murmurou ela. — Toda a gente precisa de alguma coisa.

\*

A arrefecer os calcanhares num escritório empoeirado e a ouvir os Beach Boys a harmonizar «Little St. Nick» não era como Anthony DiCarlo tinha imaginado passar aquela manhã. Ele queria respostas, e queria-as já.

Ou, mais correctamente, Finley queria respostas, e queria-as para ontem. DiCarlo puxou a gravata de seda. Ele ainda não tinha respostas, mas iria ter. O telefonema de Los Angeles no dia anterior tinha sido transparente como água. Encontrar a mercadoria, dentro de vinte e quatro horas, ou sofrer as consequências.

DiCarlo não tinha intenção de descobrir quais seriam essas consequências.

Olhou para o grande relógio branco na parede e viu o ponteiro dos minutos passar das 9:04 para as 9:05. Faltavam-lhe menos de quinze horas. As palmas das mãos estavam suadas.

Através do amplo painel de vidro com um enorme autocolante do Pai Natal com os seus laboriosos duendes conseguia ver mais de uma dúzia de funcionários atarefados a carimbar e a arrastar mercadoria.

DiCarlo fez um sorriso escarminho quando o tremendamente obeso supervisor marítimo com um chinó incrivelmente horrível se aproximou da porta.

— Senhor DiCarlo, desculpe tê-lo feito esperar. — Bill Tarkington tinha um sorriso cansado no rosto pastoso. — Como poderá calcular, nesta altura temos muito trabalho. No entanto, não me posso queixar, não senhor, não me posso queixar. O negócio está a prosperar.

— Estou à espera há quinze minutos, senhor Tarkington — disse DiCarlo, claramente furioso. — Não tenho tempo a perder.

— Quem tem, nesta altura do ano? — Persistentemente agradável, Tarkington deslocou-se à volta da sua mesa e dirigiu-se à máquina do café. — Sente-se. Deseja um pouco deste café? Faz crescer pêlos no peito.

— Não. Houve um erro, senhor Tarkington. Um erro que tem de ser imediatamente corrigido.

— Bem, veremos o que podemos fazer. Pode ser mais específico?

— A mercadoria que eu enviei para Abel Winesap em Los Angeles não foi a mercadoria que chegou a Los Angeles. Isso é suficientemente específico para si?

Tarkington puxou o saliente lábio inferior. — Isso é muito estranho. Tem a cópia da factura de expedição consigo?

— Claro. — DiCarlo tirou o papel dobrado do bolso do peito do casaco.

— Vejamos. — Os dedos gordos moviam-se com uma graça rápida e estranha enquanto ele ligava o computador. — Vejamos então. — Premiu mais algumas teclas. — Devia ter embarcado no dia dezassete de Dezembro... Sim, ali está. Seguiu sem problemas. Devia ter chegado ontem, ou hoje, na pior das hipóteses.

DiCarlo passou uma mão pelo cabelo negro ondulado. *Idiotas*, pensou. Estava rodeado de idiotas. — A remessa chegou. Estava incorrecta.

— Está a dizer que o pacote que chegou a Los Angeles estava destinada a outro local?

— Não. Estou a dizer que o que estava *dentro* do pacote estava errado.

— Isso é muito esquisito. — Tarkington bebeu um pouco de café. — O pacote foi feito aqui? Ah, espere, espere. Eu lembro-me. — Fez um aceno com a mão para DiCarlo se calar. — Nós fornecemos a caixa e empacotámos, e o senhor supervisionou. Por isso como é possível que a mercadoria tenha sido trocada?

— É essa a minha pergunta — silvou DiCarlo, batendo com a mão na mesa.

— Ora, ora, vamos manter a calma. — Determinadamente afável, Tarkington premiu mais algumas teclas. — Aquele carregamento saiu da secção três. Vejamos quem estava lá naquele dia. Ah, cá está. Parece que era a Opal. — Olhou para DiCarlo. — Boa trabalhadora, a Opal. E uma senhora muito simpática. Anda a passar por um mau bocado.

— Não estou interessado na vida pessoal dela. Quero falar com ela.

Tarkington chegou-se à frente e carregou num botão sobre a mesa. — Opal Johnson, por favor dirija-se ao gabinete do senhor Tarkington.



— Desligou o botão e depois deu umas pancadinhas no chinó para garantir que ainda estava no sítio. — Tem a certeza de que não quer café? Talvez um *donut*? — Abriu a tampa de uma caixa de cartão. — Hoje trouxe uns com recheio de geleia de framboesa. E uns de chocolate.

DiCarlo bufou com força e virou a cara. Com um encolhimento de ombros, Tarkington serviu-se de um *donut*.

DiCarlo cerrou os punhos quando uma alta e atraente mulher negra atravessou a passos largos o armazém. Usava umas calças de ganga justas, uma camisola verde-vivo e uma bolsa de cintura da *Nike*. Tinha o cabelo preso atrás num rabo-de-cavalo encaracolado e apresentava marcas amareladas de antigas nódoas negras em volta do olho esquerdo.

Opal abriu a porta e espreitou. A sala encheu-se imediatamente com o barulho de tapetes rolantes e o aroma de nervos. — Chamou-me, senhor Tarkington?

— Sim, Opal. Entra um minuto. Queres café?

— Sim, pode ser. — Enquanto fechava a porta, Opal olhou de passagem para DiCarlo enquanto as hipóteses lhe passavam pela mente.

Iam despedi-la. Iam despedi-la naquele instante porque ela tinha deixado acumular trabalho na semana anterior depois de Curtis lhe ter batido. O estranho devia ser um dos donos e tinha ido lá informá-la. Ela tirou um cigarro da bolsa e acendeu-o com mãos trémulas.

— Temos aqui um problemazito, Opal.

A garganta dela pareceu encher-se de areia. — Sim, senhor?

— Este é o senhor DiCarlo. Ele enviou um carregamento na semana passada, na tua linha.

O rápido ataque de pânico fez Opal engasgar-se com fumo. — Tivemos muitos carregamentos na semana passada, senhor Tarkington.

— Sim, mas quando o carregamento chegou a mercadoria estava incorrecta. — Tarkington suspirou.

Com o coração palpitando no pescoço, Opal olhou fixamente para o chão. — Eu mandei-a para o sítio errado?

— Não, chegou ao sítio certo, mas o que estava dentro da caixa estava errado, e como o senhor DiCarlo verificou pessoalmente o empacotamento, estamos perplexos. Pensei que talvez te lembrasses de alguma coisa.

Ela sentia um ardor no estômago, em volta do coração, atrás dos olhos. O pesadelo que a perseguia há quase uma semana estava a tornar-se realidade. — Desculpe, senhor Tarkington — forçou-se a dizer. — É difícil lembrar-me de qualquer carregamento. Tudo de que me lembro acerca da semana passada foi de ter feito três turnos duplos e de ter ido para casa pôr os pés de molho todas as noites.

*Ela estava a mentir*, decidiu DiCarlo. Podia ver nos olhos dela, na postura do corpo, e aguardou a sua vez.

— Bem, valeu a pena tentar. — Tarkington gesticulou expansivamente. — Se te lembrares de alguma coisa, diz-me. Ok?

— Sim, senhor. — Ela esmagou o cigarro num cinzeiro metálico dentado que estava sobre a mesa de Tarkington e apressou-se a voltar ao seu posto.

— Vamos tentar localizar isto, senhor DiCarlo. Com carácter de urgência. A Premium orgulha-se de satisfazer os seus clientes. Das nossas mãos para as vossas, com um sorriso — disse ele, citando o lema da companhia.

— Certo. — Ele já não estava interessado em Tarkington, embora lhe tivesse dado algum gosto enfiar os punhos na barriga saliente do homem. — E se quiserem continuar a usufruir da protecção da E. F., Incorporated, vão descobrir o que se passou.

DiCarlo circundou a barulhenta sala de embarque e dirigiu-se ao posto de Opal. Ela viu-o aproximar-se com nervosismo nos olhos. O coração batia dolorosamente contra as costelas quando ele parou ao lado dela.

— A que horas é a sua pausa para almoço?

Surpreendida, ela quase deixou cair uma caixa de utensílios de cozinha. — Às onze e meia.

— Encontramo-nos lá fora, entrada principal.

— Eu como na cafetaria.

— Hoje não — disse suavemente DiCarlo. — Não, se estiver interessada em manter este trabalho. Onze e meia — acrescentou ele, e afastou-se.

\*

Ela tinha medo de o ignorar e medo de lhe obedecer. Às onze e meia, Opal vestiu a parka verde-azeitona e dirigiu-se à entrada dos empregados. Só esperava que quando desse a volta ao edifício já tivesse conseguido acalmar-se.

Ela teria preferido simplesmente não almoçar. O queque que comera naquela manhã ameaçava voltar a dar o ar de sua graça.

*Não admitas nada*, pensou enquanto caminhava. *Eles não podem provar que cometeste um erro se não o admitires*. Se ela perdesse o emprego, teria de voltar à assistência social. Mesmo que o seu orgulho aguentasse, ela não sabia se os filhos aguentariam.

Opal viu DiCarlo encostado ao capô de um *Porsche* vermelho. O car-

ro era deslumbrante o suficiente, mas o homem — alto, moreno, atraente e envolto num casaco de caxemira cinza-claro — lembrava-lhe uma estrela de cinema. Apavorada, espantada e intimidada, aproximou-se dele de cabeça baixa.

DiCarlo não disse nada e abriu simplesmente a porta ao lado do condutor. A boca dele estremeceu quando ele ouviu o suspiro instintivo que ela fez ao deslizar para o banco de cabedal. Ele sentou-se atrás do volante e rodou a chave.

— Senhor DiCarlo, eu gostava realmente de o ajudar em relação àquele carregamento. Eu...

— Você vai ajudar-me. — DiCarlo meteu a primeira e o carro saiu disparado da Premium como uma bala vermelha. Ele já tinha decidido o que fazer com ela e deu dois minutos inteiros de silêncio a Opal para a enervar ainda mais. Reprimiu um sorriso de satisfação quando ela quebrou o silêncio.

— Aonde é que vamos?

— A nenhum lugar em particular.

Apesar da emoção de andar num carro de primeira classe, ela humedeceu os lábios secos. — Tenho de regressar daqui a meia hora.

Ele não disse nada e continuou a conduzir depressa.

— Para que é isto?

— Bem, eu digo-lhe, Opal. Achei que podíamos entender-nos melhor longe do seu ambiente de trabalho. Imagino que tenha andado um pouco desassossegada nas últimas semanas.

— Acho que sim. A agitação do Natal.

— E imagino que saiba exactamente o que aconteceu à minha encomenda.

O estômago dela deu um salto. — Olhe, eu já lhe disse que não sei o que aconteceu. Só faço o meu trabalho o melhor que posso.

Ele guinou o carro numa curva apertada à direita fazendo com que os olhos dela quase saltassem das órbitas. — Ambos sabemos que não fui eu que meti o pé na argola, querida. Podemos fazer isto da maneira fácil, ou da maneira difícil.

— Eu... eu não sei o que quer dizer.

— Sabe, sim. — A voz dele tinha o mesmo ruído perigoso que o motor do *Porsche*. — Sabe muito bem o que eu quero dizer. O que aconteceu, Opal? Gostou do que estava dentro da caixa e decidiu servir-se? Um bónus de Natal adiantado?

Ela ficou tensa e algum do medo escapou em fúria. — Não sou nenhuma ladra! Nunca roubei nem sequer um lápis na minha vida. Agora pode voltar para trás, senhor Manda-Chuva!

Era precisamente aquele tipo de insolência — como Curtis gostava de

dizer — que lhe valera as nódoas negras e os ossos partidos. Lembrando-se disso, encolheu-se contra a porta ao proferir a última palavra.

— Talvez não tenha roubado nada — concordou ele depois de ela começar a tremer novamente. — E isso vai fazer-me lamentar muito apresentar queixa contra si.

A garganta dela fechou-se. — Apresentar queixa? O que quer dizer com isso?

— Mercadoria, que o meu cliente considera valiosa, desapareceu. A polícia vai ficar interessada em saber o que aconteceu àquele carregamento quando chegou às suas mãos. E, mesmo que esteja inocente, isso vai deixar um grande ponto de interrogação na sua folha de serviço.

O pânico martelava-lhe na base do crânio. — Eu nem sei o que estava na caixa. Só a expedi. Foi só isso que fiz.

— Ambos sabemos que isso é mentira. — DiCarlo estacionou no parque de uma loja de conveniência. Ele podia ver que os olhos dela estavam cheios de lágrimas e que as mãos torciam a alça da mala. *Está quase*, pensou ele, e ajeitou-se no banco para lhe lançar um olhar frio e implacável.

— Você quer proteger o seu trabalho, não quer, Opal? Não quer ser despedida nem presa, pois não?

— Eu tenho filhos. — Ela começou a soluçar quando brotaram as primeiras lágrimas. — Eu tenho filhos.

— Então é melhor pensar neles e no que lhes poderia acontecer se se metesse neste tipo de trabalhos. O meu patrão é um homem duro. — Os olhos dele passaram pelas equimoses ainda visíveis no rosto dela. — Sabe bem o que são homens duros, não sabe?

Ela levou defensivamente uma mão à face. — Eu... eu cáí.

— Claro que caiu. Tropeçou no punho de alguém, certo? — Como ela não respondeu, ele continuou a pressionar, mas mais levemente: — Se o meu patrão não recuperar o que lhe pertence, ele não vai descarregar apenas em cima de mim. Ele vai vasculhar a Premium até chegar a si.

*Eles iam descobrir*, pensou ela em pânico. Descubriam sempre. — Eu não roubei as coisas dele, não roubei. Eu só...

— Só o quê? — DiCarlo teve de se conter para não se atirar ao pescoço dela para espremer o resto.

— Eu estou há três anos na Premium. — Fungando, ela tirou um lenço de papel da mala. — Podia chegar a supervisora de secção no próximo ano.

DiCarlo reprimiu uma série de insultos e obrigou-se a manter a calma. — Escute, eu sei como é subir essa escada. Se me ajudar, eu farei o mes-

mo por si. Não vejo nenhum motivo para aquilo que me disser sair daqui. Foi por isso que não fiz isto no gabinete do Tarkington.

Opal tirou um cigarro da mala. Automaticamente, DiCarlo abriu um bocado as janelas. — Não vai contar ao senhor Tarkington?

— Não, se for sincera comigo. De contrário... — Para acrescentar impacto, DiCarlo deslizou os dedos por debaixo do queixo dela e virou-lhe a cara para ele.

— Desculpe. Lamento muito aquilo ter acontecido. Achei que tinha conseguido resolver as coisas, mas não tinha a certeza. E tive medo. Tive de faltar dois dias o mês passado porque o meu mais novo estava doente, e a semana passada atrasei-me um dia porque tinha caído e... e estava com tanta pressa que misturei as facturas. — Ela virou a cara e preparou-se para o impacto. — Deixei-as cair. Estava zonza e deixei-as cair. Achei que tinha voltado a colocar tudo no sítio, mas não tinha a certeza. Mas ontem verifiquei algumas entregas e estavam certas. Por isso pensei que não tinha havido problema e que ninguém ia ficar a saber.

— Misturou as facturas — repetiu ele. — Um funcionário idiota tem uma tontura e mistura a papelada, e eu é que pago as favas!

— Desculpe. — Ela soluçava. Talvez ele não fosse bater-lhe, mas ia fazê-la pagar. — Lamento imenso.

— Vai lamentar muito mais se não descobrir para onde foi a mercadoria.

— Eu estive a verificar a papelada toda ontem. Só havia mais uma encomenda de proporções grandes. — Ainda a chorar, enfiou de novo a mão na mala. — Anotei a morada, senhor DiCarlo. — Ela tirou o papel da mala e ele arrancou-lho.

— Sherman Porter, Front Royal, Virgínia.

— Por favor, senhor DiCarlo, eu tenho filhos. — Limpou as lágrimas dos olhos. — Eu sei que cometi um erro, mas tenho feito um trabalho muito bom na Premium. Não posso dar-me ao luxo de ser despedida.

Ele meteu o papel no bolso. — Eu vou verificar isto e depois veremos.

O queixo dela caiu com o peso da esperança. — Então não vai dizer nada ao senhor Tarkington?

— Eu disse que depois veremos. — DiCarlo ligou o motor enquanto planeava os passos seguintes. Se as coisas não corressem como ele gostaria, voltaria a procurar Opal e não seria apenas a cara dela que ele deixaria negra e azul.

\*

No balcão da loja, Dora dava os retoques finais num laço vermelho de uma compra que acabava de embrulhar para presente. — Ela vai adorar, senhor O'Malley. — Satisfeita com a transacção, Dora deu umas pancadinhas na caixa embrulhada que continha os saleiros em cobalto. — E vai ser uma surpresa ainda maior já que ela não os viu na loja.

— Bem, agradeço-lhe por me ter telefonado, senhorita Conroy. Não posso dizer que compreenda o que a minha Hester vê nestas coisas, mas ela dá-lhes certamente uma grande importância.

— Vai ser um herói — garantiu-lhe Dora quando ele enfiou a compra debaixo do braço. — E terei todo o gosto em guardar-lhe o outro conjunto até ao vosso aniversário em Fevereiro.

— É muito simpático de sua parte. Tem a certeza de que não quer que eu deixe um sinal?

— Não é necessário. Feliz Natal, senhor O'Malley.

— Igualmente para si e para os seus. — Ele saiu, um cliente satisfeito com um andar alegre.

Havia mais meia dúzia de clientes na loja, e dois estavam a ser atendidos pela assistente de Dora, Terri. A perspectiva de mais um dia em grande antes da acalmia pós-festiva fez o coração de Dora inchar. Contornando o balcão, deambulou pela loja sabendo que o truque era ser prestável mas não maçadora.

— Por favor, diga-me se tiver alguma dúvida.

— Oh, menina?

Dora virou-se, sorrindo. Havia algo de vagamente familiar na matrona forte com cabelo preto cheio de laca.

— Sim, senhora. Posso ajudá-la?

— Espero que sim. — A mulher apontou para uma das montras. — Aquilo são travões de porta, não são?

— São, sim. Claro que podem ser usados para o que a senhora quiser, mas é essa a função original. — Automaticamente, Dora levantou os olhos quando as campainhas da porta tiniram. E ergueu simplesmente uma sobrançelha quando Jed entrou. — Alguns são do período vitoriano — continuou ela. — O material mais comum era ferro fundido. — Pegou num travão robusto em forma de uma cesta de fruta. — Este foi provavelmente usado para uma sala de visitas. Temos também um bastante bonito em cristal.

Estava naquele momento no quarto do apartamento dela, mas ela podia ir buscá-lo num instante.

A mulher examinou cuidadosamente um caracol de bronze bastante polido. — A minha sobrinha e o marido acabaram de mudar-se para a primeira casa. Comprei-lhes presentes individuais para o Natal, mas gostava

de lhes comprar também algo para a casa. A Sharon, a minha sobrinha, vem muitas vezes aqui comprar coisas.

— Oh! Ela coleciona alguma coisa em particular?

— Não, ela gosta de coisas antigas e fora do comum.

— Também eu. Há alguma razão especial para a senhora ter pensado num travão de porta?

— Sim, por acaso há. A minha sobrinha costura muito. Ela montou uma salinha muito encantadora. Sabe, é uma casa antiga que eles têm estado a restaurar. A porta para a salinha de costura não se mantém aberta. Como eles estão à espera de bebé, eu sei que ela gostará de poder ouvi-lo enquanto estiver a costurar e por isso achei que esta seria uma maneira divertida de o fazer. — Ainda assim, ela hesitou. — Há alguns meses comprei aqui um bacio para a Sharon para lhe oferecer no dia do aniversário. Ela adorou.

Dora lembrou-se. — O Sunderland, com o sapo pintado no fundo.

Os olhos da mulher iluminaram-se. — Sim. Que boa memória a sua!

— Eu gostava muito daquela peça, senhora...

— Lyle. Alice Lyle.

— Senhora Lyle. Fico feliz por a peça ter ido para uma boa casa. — Fazendo uma pausa, Dora bateu com um dedo nos lábios. — Se ela gostou disso, talvez gostasse de alguma coisa dentro desta linha. — Mostrou uma figura em bronze de um elefante. — É o Jumbo — explicou ela. — Do P. T. Barnum.

— Claro. — A mulher estendeu as mãos e deu umas risadinhas quando Dora lhe entregou a peça. — É pesadinho, não é?

— É um dos meus favoritos.

— Acho que é perfeito. — Passou discretamente os olhos pela etiqueta pendurada na pata dianteira do Jumbo. — Sim, sem dúvida.

— Quer que embrulhe?

— Sim, obrigada. E... — Pegou no *basset hound* sonolento que Dora tinha comprado no leilão no dia anterior. — Acha que este seria indicado para o quarto do bebé?

— Acho que é encantador. Um bonito e simpático cão de guarda.

— Acho que o vou levar também. Um presente de boas-vindas adiantado para o meu novo sobrinho ou sobrinha. Aceita Visa?

— Claro. São só uns minutos. Porque não toma um café enquanto espera? — Dora apontou para a mesa que estava sempre posta com chá e cafeteiras e bandejas de biscoitos antes de levar ambos os travões de porta para o balcão. — A fazer compras de Natal, Skimmerhorn? — perguntou, ao passar por ele.

— Preciso de uma... como é que se chama? De uma coisa para uma anfitriã.

— Esteja à vontade. Vou já atendê-lo.

Jed não tinha a certeza absoluta do que é que estava à procura. O apartamento atafalhado era apenas uma pequena amostra da grande quantidade de mercadoria à venda na Sala da Dora.

Havia estatuetas delicadas que o faziam sentir-se grande e maljeitoso, como se sentira em tempos na sala de estar da mãe. Contudo, ali não havia aquela sensação do formal e do intocável. Frascos de tamanhos e cores variados reflectiam a luz do sol e suplicavam para serem tocados. Havia letreiros anunciando tudo desde pastilhas para o estômago até graxa para calçado. Soldados de chumbo dispostos em linhas de batalha lutavam ao lado de velhos *posters* de guerra.

Ele atravessou uma porta e encontrou a sala contígua igualmente apinhada. Ursos de peluche e bules. Relógios de cuco e saca-rolhas. *Uma loja de tralha*, pensou ele. As pessoas podiam dar-lhe um nome bonito, como «loja de curiosidades», mas aquilo era tralha.

Pegou desinteressadamente numa pequena caixa envernizada decorada com rosas pintadas. *Mary Pat gostaria provavelmente daquilo*, decidiu ele.

— Bem, Skimmerhorn, você surpreende-me. — À entrada, Dora sorria. Fez um gesto em direcção à caixa que ele tinha na mão enquanto caminhava até ele. — Demonstra um excelente gosto. Essa é uma peça muito bonita.

— Poder-se-ia provavelmente pôr ganchos de cabelo ou anéis lá dentro, certo?

— Provavelmente. Essa caixa foi originalmente utilizada para guardar sinais postiços. Os abastados usavam-nos no século XVIII, inicialmente para tapar cicatrizes da varíola e depois só por moda. Essa caixa em particular é uma Staffordshire, de 1770. — Ela ergueu os olhos da caixa e viu diversão nos olhos dele. — São dois mil e quinhentos dólares.

— Isto? — Não enchia a palma da mão dele.

— Bem, é um Jorge III.

— Pois, claro. — Ele voltou a colocá-la na mesa com o mesmo cuidado com que teria manuseado um engenho explosivo. O facto de ter dinheiro para a comprar não a tornava menos intimidativa. — Não é bem o que eu tinha em mente.

— Não tem problema. Nós temos coisas para a mente de toda a gente. Disse que queria um presente para uma anfitriã?

Ele resmungou e olhou em volta. Agora tinha medo de tocar em tudo. Estava de regresso, dolorosamente de regresso à infância, na sala de estar da casa Skimmerhorn.

*No mexas, Jedidiah. És tão trapalhão. Não sabes apreciar nada.*



Ele bloqueou a lembrança juntamente com a sensação ilusória dos aromas misturados a Chanel e xerez.

Mas não bloqueou inteiramente o sobrolho carregado. — Talvez eu devesse escolher apenas umas flores.

— Isso também é bonito. Claro que não duram. — Dora estava a gostar do olhar de puro desconforto masculino dele. — Uma garrafa de vinho também é aceitável. Não é muito original, mas aceitável. Porque não me fala um pouco da sua anfitriã?

— Porquê?

O sorriso de Dora aumentou com a desconfiança na voz dele. — Para eu conseguir imaginá-la e ajudá-lo a escolher alguma coisa. Ela é atlética, do tipo que gosta de sair, ou uma pessoa caseira que coze o próprio pão?

Talvez ela não estivesse a tentar fazê-lo sentir-se estúpido, mas estava a consegui-lo mesmo assim. — Olhe, é a mulher do meu colega, isto é, do meu ex-colega. Ela é enfermeira. Tem dois filhos e gosta de ler.

— Que tipo de livros?

— Não sei. — Porque diabos não fora simplesmente à florista?

— Então, não faz mal. — Sentindo pena dele, Dora deu-lhe umas pancadinhas no braço. — Parece-me que temos uma mulher ocupada e dedicada. Compassiva e romântica. Um presente para uma anfitriã — refletiu ela, batendo levemente com o dedo no lábio. — Não deve ser demasiado pessoal. Alguma coisa para a casa. — Com um aceno de cabeça, virou-se e dirigiu-se a um canto que estava decorado para parecer uma copa antiga. — Acho que isto seria perfeito. — Dora pegou num pote de madeira com pés ornamentado a latão.

Jed franziu o sobrolho. Os pais não eram muito chegados a antiguidades invulgares. — Para que serve? Para guardar biscoitos?

— Que perspicácia a sua! — Dora olhou para ele. — É um pote para biscoitos. Vitoriano. O carvalho data de cerca de 1870. Um presente prático e decorativo, e, a quarenta dólares, não lhe custa mais do que uma dúzia de rosas ou um bom vinho francês.

— Ok. Acho que ela é capaz de gostar.

— Vê? Não custou muito. Posso ajudá-lo em mais alguma coisa? Um presente de Natal de última hora?

— Não, é tudo. — Ele seguiu-a até à sala principal. *O lugar tinha um aroma... acolhedor*, decidiu ele. Como a maçãs. Havia música a tocar baixo. Ele reconheceu um andamento de *O Quebra-Nozes* e ficou surpreso por se sentir subitamente relaxado. — Onde é que arranja estas coisas todas?

— Oh, por aí — disse ela olhando por cima do ombro. — Leilões, feiras da ladra...

— E ganha mesmo a vida assim.

Divertida, ela tirou uma caixa de detrás do balcão e abriu-a. — As pessoas colecionam, Skimmerhorn. Muitas vezes nem se dão conta disso. Quando era criança nunca teve berlindes, ou livros de banda desenhada, ou cromos de basebol?

— Claro. — Fora obrigado a escondê-los, mas tivera-os.

Ela encheu a caixa com papel de seda, trabalhando com rapidez e competência. — E nunca trocou os seus cromos? — Ela levantou os olhos para o ver a fitar as suas mãos.

— Claro que sim — murmurou. Jed ergueu o olhar e fixou-o no dela. Sentira um calor certo no baixo-ventre ao vê-la trabalhar. — Tal como você brincava com bonecas.

— Na verdade, não brincava. — Ela não conseguiu sorrir. Por um breve instante pareceu-lhe que ele a poderia ter comido de uma única dentada. — Nunca gostei muito delas. Preferia amigas imaginárias porque as podia transformar na personagem que quisesse no momento. — Com mais cuidado do que o necessário, colocou a tampa com «SALA DA DORA» em relevo dourado. — Onde eu estava a querer chegar, é que a maior parte das crianças coleciona e faz trocas. Algumas pessoas nunca conseguem deixar esse hábito. Quer que faça um embrulho? Não cobro mais por isso.

— Sim, por favor.

Ele virou-se e depois percorreu o balcão. Não que estivesse interessado no que lá estava exposto, mas para conseguir ter espaço para respirar. O desejo sexual que sentira não era novo, mas era a primeira vez que o sentira porque uma mulher tinha mãos bonitas. *E uns enormes olhos castanhos*, pensou ele. E depois havia também aquele sorriso. Ela parecia que estava sempre a rir de alguma piada secreta.

Era óbvio que já estava sozinho há demasiado tempo, se se sentia atraído por uma mulher que ria dele.

Para passar o tempo, pegou numa peça no formato de uma bola de basebol com um buraco no topo. As palavras *Mountain Dew* estavam pintadas de lado. Curioso, Jed voltou-a ao contrário. Não lhe parecia que pudesse ser um recipiente para a bebida não alcoólica.

— Interessante, não é? — Dora pousou o embrulho à frente dele.

— Estava a pensar no que seria isto.

— Um acendedor de fósforos. — Ela pôs as mãos dela nas dele sobre o recipiente e conduziu o polegar dele pela superfície áspera. — Colocam-se os fósforos em cima e acendem-se de lado. *Mountain Dew* era um *whisky*. Este é dos finais do século XIX. — Ela vislumbrou um sorriso no rosto dele. — Gosta?

— É diferente.

— Eu gosto muito do que é diferente. — Ela manteve as mãos sobre as dele mais um pouco. — Leve. Considere-o um presente de boas-vindas à nova casa.

O encanto inexplicável que o objecto tinha para ele diminuiu consideravelmente. — Bem, não acho...

— Não tem valor monetário. É apenas um gesto de boa vizinha, Skimmerhorn. Não seja mal-humorado.

— Bem, já que insiste com tanta simpatia.

Ela riu e depois deu-lhe um aperto rápido na mão. — Espero que a sua amiga goste do presente. — Afastou-se então para atender outro cliente, mas viu pelo canto do olho Jed sair da loja.

*Um tipo invulgar*, pensou. E, claro, o invulgar era o negócio dela.

\*

DiCarlo seguia a grande velocidade pela Van Wyck em direcção ao aeroporto, manuseando o telefone com uma mão e conduzindo com a outra. — DiCarlo — disse ele, mudando o telefone para alta voz. — Chama-me o senhor Finley. — Com os nervos em franja, olhou para as horas. Ia conseguir, garantiu a si mesmo. Tinha de conseguir.

— Senhor DiCarlo. — A voz de Finley encheu o carro. — Presumo que tenha boas notícias.

— Já descobri o que aconteceu, senhor Finley. — DiCarlo forçou-se a falar num tom calmo e formal. — Um funcionário idiota da Premium trocou as encomendas. Mandou a nossa para a Virgínia. Vou resolver isto em menos de um fósforo.

— Entendo. — Seguiu-se uma longa pausa. As entranhas de DiCarlo transformaram-se em água gelada. — E qual é a sua definição de «um fósforo»?

— Senhor Finley, vou agora a caminho do aeroporto. Reservei passagem para Dulles e tenho lá um carro à espera. Chego a Front Royal antes das cinco, hora leste. Tenho o nome e a morada para onde o carregamento seguiu por engano. — A voz fraquejou. — Sou eu que vou suportar os custos disto tudo, senhor Finley.

— Isso é muito sensato da sua parte, senhor DiCarlo, já que não quero que o seu erro me custe mais do que já custou.

— Claro. E o senhor tem a minha palavra em como este erro será convenientemente corrigido.

— Muito bem. Espero que entre em contacto comigo quando chegar ao seu destino. Naturalmente, quero o funcionário despedido.

— Naturalmente.

— E, senhor DiCarlo? Sabe a importância que aquela mercadoria tem para mim, não sabe? Vai usar todos os meios necessários para a recuperar. Quaisquer meios.

— Compreendido. — Quando a ligação terminou, DiCarlo sorriu sinistramente. Com o transtorno que aquela confusão já tinha causado na sua vida, ele estava mais do que pronto para usar quaisquer meios. Os que fossem necessários.

#### 4.

— Isto é uma confusão e tanto, não é? — Enquanto fazia aquela pergunta retórica — e, para DiCarlo, nada engraçada — Sherman Porter esquadrihava os seus arquivos.

— Acho que a devíamos ter aqui, mas tivemos um leilão — continuou Porter enquanto baralhava negligentemente os dossiês. — E com uma afluência enorme. Alterou muito o inventário. Droga! Onde é que aquela mulher guarda as coisas?

Porter abriu outra gaveta de arquivo. — Não sei como é que se consegue encontrar alguma coisa com a Helen fora por uma semana a visitar a filha em Washington. Apanhou-me por pouco. Vamos estar fechados até ao Ano Novo.

DiCarlo olhou para o relógio. Seis e um quarto. O tempo estava a esgotar-se. Quanto a paciência, até os resquícios tinham desaparecido. — Talvez eu não me tenha feito entender, senhor Porter. A recuperação desta mercadoria é de vital importância para o meu patrão.

— Oh, o senhor deixou isso bem claro. Afinal, um homem tem direito ao que é seu. Aqui está, isto parece-me promissor. — Porter desenterrou uma pequena pilha de folhas cuidadosamente escritas. — Veja, a Helen fez uma lista de toda a mercadoria que leiloámos, com os números dos lotes e o preço de venda. A mulher é uma jóia.

— Posso ver isso?

— Claro, claro. — Depois de entregar os papéis, Porter abriu a última gaveta da secretária. Tirou uma garrafa de *bourbon Four Roses* e dois copos empoeirados. Fez um sorriso envergonhado a DiCarlo. — Faz-me companhia? Já estou fora da hora de trabalho e isto ajuda a afastar o frio.

DiCarlo olhou com aversão para a garrafa. — Não.

— Bem, então bebo sozinho.

DiCarlo tirou a própria lista e comparou. Estava lá tudo, reparou ele entre alívio e desespero. Tudo vendido. O cão de louça, a estatueta de

porcelana, a pintura abstracta, a águia de bronze e o papagaio empalhado. A enorme e feia réplica em gesso da Estátua da Liberdade tinha desaparecido, bem como um par de cerra-livros em forma de sereia.

Dentro do bolso, DiCarlo tinha outra lista. Nela constavam descrições do que fora cuidadosa e dispendiosamente escondido em cada peça de mercadoria. Uma jarra Gallae gravada avaliada em quase cem mil dólares, um par de *netsukes* roubados de uma coleção particular na Áustria e valendo facilmente várias centenas de milhar. Um antigo broche de safira que pertencera supostamente a Maria, Rainha da Escócia.

E a lista continuava. Apesar do frio da sala, a pele de DiCarlo estava pegajosa. Não restara um único item na posse de Porter. *Vendido*, pensou DiCarlo, *tudo vendido*.

— Não restou nada — disse ele fracamente.

— Disse-lhe que tínhamos tido uma boa afluência. — Agradado com a lembrança, Porter serviu mais um copo.

— Preciso desta mercadoria.

— Já mo disse, mas esse carregamento chegou apenas minutos antes do leilão começar e não houve tempo para fazer um inventário. O que eu acho é que o seu patrão e eu devíamos processar a incompetência da Premium. — Como a ideia lhe agradava, Porter sorriu e bebeu mais um pouco. — Aposto que eles iam concordar com uma boa soma.

— O senhor Finley quer o que lhe pertence e não um processo legal.

— Isso é com ele. — Com um encolhimento de ombros, Porter terminou a bebida. — A Helen tem uma lista de endereços com os nossos clientes. Paga para enviar avisos de quando vamos ter um leilão. O melhor que posso dizer é que o senhor a examine e associe os nomes e moradas aos nomes que ela pôs aí ao lado das coisas que vendemos. Pode entrar em contacto com as pessoas e explicar-lhes o que aconteceu. Claro que me vai devolver a *minha* mercadoria. Eu paguei por ela, certo?

*Levaria dias a localizar a mercadoria de Finley*, pensou DiCarlo, *nau-seado. Semanas*. — Naturalmente — mentiu ele.

Porter sorriu. Já tinha vendido um lote. Agora ia vender outro — tudo pelo preço de um.

— A lista de endereços?

— Ah, claro, claro. — Confortavelmente alegre com o *bourbon*, Porter começou a vasculhar uma gaveta e surgiu com uma caixa de metal cheia de cartões. — Faça favor, demore o tempo que precisar. Não tenho pressa nenhuma.

Vinte minutos depois, DiCarlo deixou Porter confortavelmente bêbedo. Tinha uma pontinha de esperança. A estatueta de porcelana ainda estava em Front Royal e era propriedade de um Thomas Ashworth, antiquário. DiCarlo agarrou-se à possibilidade de que a recuperação rápida de uma peça aplacasse Finley e lhe conseguisse mais tempo.

Enquanto conduzia até à loja de Ashworth, DiCarlo concebeu a sua estratégia. Ia entrar e explicar a confusão de uma forma leve, amistososa. Como Ashworth pagara apenas quarenta e cinco dólares pela figura, DiCarlo estava preparado para a comprar com um lucro razoável para o comerciante.

Podia tudo ser tratado de forma rápida e indolor. Assim que tivesse a estatueta, ligaria a Finley e dir-lhe-ia que estava tudo sob controlo. Com um pouco de sorte, Finley contentar-se-ia em mandar Winesap entrar em contacto com os restantes nomes da lista e DiCarlo regressaria a Nova Iorque para passar o Natal.

O cenário animou-o a ponto de DiCarlo estar a cantarolar quando estacionou o carro em frente da loja de Ashworth. E foi só quando saiu do carro e atravessou o passeio que a alegria se desvaneceu.

## FECHADO

O enorme letreiro na porta envidraçada olhava para ele.

DiCarlo aproximou-se da porta em duas passadas, experimentou a maçaneta e bateu no vidro. Não podia estar fechada. Com a respiração acelerada, correu até à ampla montra e encostou a cara ao vidro, fazendo sombra com as mãos para tentar ver para o interior. Não conseguiu ver nada para além de sombras e da sua própria infelicidade.

Ele sabia que Finley não aceitaria desculpas. Não toleraria nada tão vago como falta de sorte.

Então, com os lábios arreganhados numa rosnadela, viu a estatueta de porcelana de um homem e de uma mulher em traje de baile, ligeiramente abraçados.

DiCarlo cerrou as mãos enluvadas em punhos. Não ia deixar que uma fechadura e uma folha de vidro o detivessem.

O primeiro passo era tirar o carro. DiCarlo circundou lentamente o quarteirão, com os sentidos alerta enquanto tentava detectar algum carro-patrolha. Estacionou dois quarteirões à frente. Abriu o porta-luvas e retirou o que achou necessário: uma lanterna, uma chave de fendas e o revólver. Enfiou tudo nos bolsos do casaco de caxemira.

Desta vez não se aproximou da loja pela frente, mas subiu uma rua lateral com as passadas firmes e sem pressa de um homem que sabia para

onde se dirigia. Mas enquanto caminhava, os olhos perscrutavam atenta e cuidadosamente o local.

Era uma vila, e numa noite fria e tempestuosa a maior parte das pessoas estava em casa a jantar. DiCarlo não passou por ninguém enquanto se dirigia à entrada dos fundos da loja de Ashworth.

E também não viu nenhum sinal de haver sistema de segurança. Movendo-se com rapidez, usou a chave de fendas para arrombar a fechadura. O som de madeira lascando fê-lo sorrir. Quase esquecera o prazer simples do arrombamento que tanto praticara nos anos de gatunagem em grupo. Entrou e fechou a porta. Ligou a lanterna, tapando o feixe com a mão enquanto a virava para a direita e para a esquerda. Entrara para o que parecia ser um escritório pequeno e apertado. Como ia precisar de apagar os vestígios, DiCarlo decidira fazer com que a invasão parecesse um assalto fortuito. Impaciente por causa do tempo que ia ter de gastar, abriu gavetas e despejou conteúdos.

Riu por entredentes quando viu um envelope bancário. Parecia que a sua sorte tinha mudado. Uma rápida vista de olhos pelas notas que estavam no interior fê-lo estimar a receita em cerca de quinhentos dólares. Satisfeito, enfiou o dinheiro no bolso e usou a lanterna para o conduzir à loja.

Parecia-lhe que um pouco de vandalismo era precisamente o toque que faltava. Estilhaçou aleatoriamente um candeeiro em vidro opaco e uma jarra Capo di Monte. Depois, porque lhe dava tanto prazer, deitou abaixo com um pontapé uma mesa que suportava uma coleção de chávenas de café. Num impulso, e porque já há muitos anos que não sentia a emoção de roubar, enfiou algumas caixas esmaltadas nos bolsos.

Estava a sorrir quando pegou na estatueta. — Apanhei-te — murmurou ele, paralisando em seguida quando a loja se inundou de luz vinda de uma escadaria à sua direita. Praguejando em voz baixa, DiCarlo enfiou-se entre um armário de pau-rosa e um candeeiro com pé em bronze.

— Já chamei a polícia. — Um homem de idade num roupão cinzento de flanela com um pesado taco de golfe na mão descia pé ante pé os degraus. — Já estão a caminho, por isso é melhor ficares aí mesmo onde estás.

DiCarlo podia ouvir a velhice, e o medo, na voz do homem. Por um momento, ficou desconcertado ao sentir o cheiro a frango assado. O velho tinha um apartamento no piso superior, percebeu DiCarlo, amaldiçoando-se por ter invadido a loja como um amador.

Mas não havia tempo para arrependimentos. Enfiando a estatueta debaixo do braço, lançou-se na direcção de Ashworth, como se lançara em tempos pela Quinta Avenida com malas Gucci de velhotas enfiadas no saco.

O velhote grunhiu com o impacto e desequilibrou-se, o roupão ondulando sobre as pernas brancas tão finas como lápis. Respirando com dificuldade, Ashworth balançou desastrosamente com o taco de golfe enquanto tentava reequilibrar-se. Mais por reacção do que por intenção, DiCarlo agarrou no taco quando este passou perto da sua orelha. Ashworth caiu para a frente. A cabeça bateu numa caixa de ferro com um estalido ominoso.

— Oh, Deus. — Repugnado, DiCarlo virou Ashworth com a biqueira do sapato. Sob a luz que vinha de cima, conseguiu ver o fluxo de sangue e os olhos fixamente abertos. A fúria fê-lo pontapear o corpo duas vezes antes de se controlar.

Já tinha saído pela porta dos fundos e estava a meio quarteirão de distância quando ouviu o som de sirenes.

\*

Finley estava a fazer *zapping* em vários dos seus ecrãs de televisão quando recebeu a chamada.

— DiCarlo na linha dois, senhor Finley.

— Pode passar. — Depois de pôr o telefone em alta voz, Finley disse: — Tem novidades para mim?

— Sim. Sim, senhor. Tenho comigo a estatueta de porcelana, senhor Finley, bem como uma lista com os paradeiros do resto da mercadoria. — DiCarlo falava do telefone do carro e mantinha a velocidade aos cinquenta permitidos por lei enquanto se deslocava para o Aeroporto Internacional de Dulles.

Finley esperou um segundo. — Explique-se.

DiCarlo começou por Porter, fazendo uma pausa de algumas em algumas frases para ter a certeza de que Finley queria que continuasse. — Terei todo o gosto em enviar-lhe a lista por fax assim que chegar ao aeroporto, senhor Finley.

— Sim, faça isso. Parece-me um pouco... desconfortável, senhor DiCarlo.

— Bem, na verdade houve um pequeno problema na recuperação da estatueta. Um antiquário de Front Royal tinha-a comprado. A loja dele estava fechada quando eu cheguei, e como eu sabia que o senhor queria resultados rapidamente forcei a entrada para a ir buscar. O comerciante estava no andar de cima. Houve um acidente, senhor Finley. Ele está morto.

— Entendo. — Finley examinou as unhas. — Então presumo que tenha tratado desse tal Porter.

— Tratado?



— Ele pode ligá-lo ao... acidente, correcto? E uma ligação a si, senhor DiCarlo, é uma ligação a mim. Sugiro que corte a ligação rápida e terminantemente.

— Eu... eu estou a caminho do aeroporto.

— Então vai ter de dar meia volta e voltar para trás, não é? Não se preocupe com o fax. Depois de ter arrumado tudo na Virgínia, espero por si aqui, com a estatueta. Discutiremos depois os passos seguintes.

— Quer-me na Califórnia? Senhor Finley...

— Ao meio-dia, senhor DiCarlo. Fechamos cedo amanhã. Por causa do Natal, como sabe. Entre em contacto com o Winesap e dê-lhe a informação do voo. Estarão à sua espera.

— Sim, senhor. — DiCarlo desligou o telefone e seguiu para a primeira rampa de saída. Ele esperava por Deus que Porter ainda estivesse no escritório e bem bêbedo para lhe poder meter uma bala na cabeça com pouca confusão.

Se não conseguisse resolver aquela trapalhada toda em pouco tempo, nunca ia conseguir chegar a casa a tempo da consoada.

\*

— A sério, Andrew, *a sério*, não precisas de me levar lá acima. — Com a auto-defesa que só uma mulher que quase tivesse morrido de tédio poderia compreender, Dora bloqueou a passagem para as escadas. *Deixa-me simplesmente entrar*, pensou ela. Assim poderia bater com a cabeça na parede em privado.

Andrew Dawd, um contabilista diplomado que considerava o auge da intriga arranjar forma de deduzir gastos nos impostos, deu uma das suas gargalhadas sonoras e beliscou-lhe o queixo. — Então, Dora, a minha mãe ensinou-me que se deve levar sempre as raparigas até à porta de casa.

— Bem, a mamã não está aqui — salientou Dora, subindo aos poucos os degraus. — E já é tarde.

— Tarde? Ainda não são onze horas. Não me vais dispensar sem uma chávena de café, pois não? — Andrew exibiu os dentes brancos em que a querida mamã tinha gasto milhares para endireitar. — Sabes que fazes o melhor café de Filadélfia.

— É um dom. — Ela estava à procura de alguma forma educada de recusar, quando a porta da rua se abriu e fechou de novo.

Jed percorreu o corredor a passos largos com as mãos enfiadas nos bolsos do blusão de aviador em cabedal. O blusão estava aberto sobre uma *sweatshirt* e umas calças de ganga rasgadas. O cabelo estava emaranhado e a cara por barbear, o que condizia com a expressão mal-humorada nos olhos dele.

Dora teve de se indagar o porquê de naquele momento preferir o visual perigoso de Jed ao atraente contabilista de fato ao seu lado. A falha era certamente sua, decidiu.

— Skimmerhorn.

Jed avaliou a companhia de Dora com um breve olhar enquanto enfiava a chave na fechadura da sua porta. — Conroy — disse ele. Assumindo isso como cumprimento e despedida, entrou e fechou a porta.

— O teu novo inquilino? — As sobrancelhas escuras e bem arranjadas de Andrew ergueram-se na testa alta que a mãe lhe garantia ser sinal de inteligência e não calvície típica dos homens.

— Vive. — Dora suspirou e sentiu uma lufada do *Halston for Men* de Andrew e o odor intenso e animalesco que Jed tinha deixado a pairar no ar. Já que perdera a oportunidade de dar alguma desculpa, destrancou a porta de casa e deixou Andrew entrar.

— Ele parece impressionantemente... físico. — Franzindo o sobrolho, Andrew despiu o sobretudo *London Fog*, pendurando-o cuidadosamente nas costas de uma cadeira. — Ele vive sozinho?

— Vive. — Demasiado frustrada para arrumações, Dora atirou o casaco para cima do sofá de caminho para a cozinha.

— Claro que eu sei como é importante manter um apartamento alugado, Dora, mas não achas que teria sido mais sensato e, certamente, mais seguro, alugá-lo a outra mulher?

— Outra mulher? — Dora resmungou e depois parou enquanto vertia grãos para dentro do antigo moinho de café. — Não. — Enquanto moía os grãos, olhou para Andrew, que estava atrás dela com os lábios cerrados em desaprovação. — Tu achas?

— Claro. Vocês vivem os dois aqui sozinhos.

— Não, eu vivo aqui sozinha. Ele vive ali. — Como a irritava tê-lo a espreitar por cima do ombro enquanto ela trabalhava, Dora disse: — E se pusesse uma música, Andrew?

— Música? — O rosto harmoniosamente atraente iluminou-se. — Claro. Ambiente.

Momentos depois ela ouviu os acordes suaves de um disco antigo de Johnny Mathis e pensou, *Oh, não*, e encolheu os ombros. Se não conseguia lidar com um contabilista que usava fatos *Brooks Brothers* e perfume *Halston*, então merecia pagar por isso. — O café vai demorar alguns minutos — disse ela ao regressar à sala. Andrew estava de pé, mãos nas ancas estreitas, a examinar o quadro novo. — É espantoso, não é?

Ele inclinou a cabeça para a direita e depois para a esquerda. — É certamente arrojado. — Então voltou-se para ela para admirar como ela

ficava no vestido preto curto coberto de missangas vermelhas. — E tem a ver contigo.

— Encontrei-o num leilão na Virgínia há uns dias atrás. — Dora sentou-se no braço de um cadeirão, cruzando automaticamente as pernas sem pensar como o movimento fazia a saia subir pelas coxas.

Andrew prestou bastante atenção.

— Achei que ia gostar de viver um pouco com ele antes de o levar para a loja. — Ela sorriu. Depois, ao ver o olhar predatório nos olhos dele, saltou da cadeira como uma mola. — Vou ver o café.

Mas ele agarrou-a pela mão e girou-a, no que ela calculou que ele considerasse ser um movimento com estilo, para os braços dele. Ela mal conseguiu não bater com a cabeça no queixo dele. — Devíamos aproveitar a música — disse-lhe ele enquanto deslizava sobre o tapete. A mãe dele gastara um bom dinheiro em aulas de dança e ele não queria desperdiçá-lo.

Dora obrigou-se a relaxar. *Ele dançava realmente bem*, reflectiu ela ao acompanhar os passos dele. Dora sorriu e fechou os olhos. Deixou a música e o movimento levarem-na, rindo suavemente quando ele a inclinou para trás.

*Ele não era assim tão mau*, pensou ela. Era bem-parecido, mexia-se bem. Tomava conta da mãe e tinha uma carteira de acções consistente. Só porque a tinha aborrecido de morte em alguns encontros não queria dizer...

Ele apertou-a subitamente com força, destruindo o ambiente relaxante. Isso ela podia compreender e deixar passar. Mas quando ela pressionou uma mão contra o peito dele, sentiu a forma inconfundível de uma escova de dentes que ele enfiara no bolso interior do casaco.

Por mais consciencioso que ela achasse que ele era, Dora duvidava sinceramente que ele a transportasse para escovar os dentes após cada refeição.

Antes que ela pudesse comentar, as mãos dele já se tinham enfiado debaixo da saia do vestido dela para agarrar-lhe o traseiro coberto de seda.

— Eh! — Furiosa, ela recuou, mas, quando conseguiu libertar a boca, já ele estava a babá-la com beijos no pescoço e ombro.

— Oh, Dora, Dora, eu quero-te.

— Já percebi, Andrew. — Enquanto ela se contorcia, uma das mãos dele subiu para abrir o fecho. — Mas não me vais ter. Agora vê se te recompões.

— És tão linda, tão irresistível.

Andrew pressionou-a contra o lado de um cadeirão. Dora sentiu-se desequilibrar e praguejou. — Bem, é melhor que resistas ou vou ter de te magoar.

Ele só continuava a balbuciar frases sedutoras quando caiu com ela para o chão. Não era a indignidade de estar esparramada sob um contabilista enlouquecido que a incomodava tanto. Era o facto de terem batido contra a mesa de centro fazendo com que alguns dos seus tesouros caíssem ao chão e se partissem.

Já chegava. Dora enfiou o joelho entre as coxas de Andrew. Enquanto ele grunhia, ela enfiou-lhe um murro num olho.

— Sai! — gritou, empurrando-o. Gemendo, ele enrolou-se, contraindo-se como um camarão cozido. Dora levantou-se. — Se não te levantares já, vou bater-te outra vez. Estou a falar a sério!

Receoso, ele pôs-se de gatas. — És doida — conseguiu dizer, e tirou um lenço branco para ver se tinha sangue no rosto.

— Tens razão. Completamente. — Ela pegou no casaco dele e estendeu-lho. — Ficas melhor sem mim. Agora vai-te embora para casa, Andrew. E põe gelo nesse olho.

— O meu olho. — Ele examinou-o e retraiu-se. — O que vou dizer à mãe?

— Que bateste contra uma porta. — Completamente impaciente, ela ajudou-o a levantar-se. — Vai-te embora, Andrew.

Lutando por dignidade, ele arrancou o casaco das mãos dela. — Eu levei-te a jantar. Duas vezes.

— Considera isso um mau investimento. Estou certa de que vais encontrar forma de o deduzires. — Escancarou a porta no preciso momento em que Jed abria a dele. — Fora! E se alguma vez tentares alguma coisa deste estilo, enegreço-te os dois olhos!

— Louca. — Andrew correu para a porta. — És louca!

— Volta aqui e eu mostro-te o que é loucura. — Descalçou um sapato de salto agulha e lançou-o como um disco. — E estás despedido! — O sapato acertou na porta com um baque convincente. Dora parou — um pé descalço, um pé calçado — tentando recuperar o fôlego. O som suave de Jed clareando a voz fê-la voltar-se. Ele estava a sorrir. Era a primeira vez que o via sorrir, mas ela não estava com disposição para ficar agradada com a forma como esse facto tornava acessível o rosto habitualmente carrancudo.

— Está a ver alguma coisa engraçada, Skimmerhorn?

Ele meditou no assunto. — Sim. — Como já havia muito tempo que não se divertia tanto, encostou-se à ombreira da porta e continuou a sorrir. — Um encontro interessante, Conroy?

— Fascinante. — Ela coxeou pelo corredor para ir buscar o sapato. E coxeou de volta, batendo com ele na palma da mão. — Ainda está aí?

— Parece que sim.

Dora expirou longamente e passou uma mão pelo cabelo despenteado. — Quer beber alguma coisa?

— Claro.

Ao entrar no apartamento, ela descalçou o outro sapato e atirou ambos para o lado. — Brandy?

— Pode ser. — Ele olhou para a porcelana partida no chão. Devia ter sido aquele o barulho que escutara. Entre isso e a gritaria, ele tinha passado um momento difícil a decidir se deveria ou não intervir. Enquanto estivera no activo, preocupara-se mais em responder a uma briga doméstica do que a prender um profissional.

Olhou para Dora enquanto ela servia o brandy nuns cálices. O rosto ainda estava corado, os olhos semicerrados. Ele tinha de dar graças por o seu procedimento de Sétima Cavalaria não ter sido necessário.

— Então, quem era o cretino?

— O meu antigo contabilista. — Dora entregou um cálice a Jed. — Passa a noite a aborrecer-me de morte a falar de Anexos C e mais-valias a longo prazo, e depois acha que pode chegar aqui e arrancar-me a roupa.

Jed desviou o olhar para o cintilante vestido negro. — Bonita roupa — decidi. — Não sei porque é que ele havia de perder tempo com mais-valias.

Dora bebeu mais um pouco e inclinou a cabeça. — Espere. Acho que deve haver um elogio por aí algures.

Jed encolheu os ombros. — Parece que ele ficou com a parte pior.

— Devia ter-lhe partido o nariz. — Fazendo beicinho, ela agachou-se para apanhar os bibelôs partidos. — Olhe para isto! — A raiva começou a borbulhar de novo. Ela pegou numa chávena partida. — Era Derby. Mil oitocentos e quinze. E este cinzeiro era Manhattan.

Jed agachou-se ao lado dela. — Caro?

— Não é essa a questão. Este era um pote de doces *Hazel Ware* com tampa.

— Agora é lixo. Deixe estar isso, ainda se corta. Vá buscar uma vassoura ou qualquer coisa do estilo.

Resmungando, ela levantou-se e foi até à cozinha. — Ele até tinha uma escova de dentes no bolso. — Ela apareceu acenando com uma vassoura e um pano de pó como se fossem um escudo e uma lança. — Uma maldita escova de dentes! Aposto como o sacana foi escuteiro.

— Provavelmente tinha uma muda de roupa interior no bolso do sobretudo. — Suavemente, Jed tirou-lhe a vassoura.

— Não me surpreenderia. — Dora voltou à cozinha para ir buscar o balde do lixo e estremeceu quando Jed deitou um monte de loiça partida para dentro do balde. — E alguns preservativos.

— Qualquer escuteiro respeitável teria isso na carteira.

Resignada, ela sentou-se de novo no braço do cadeirão. Parecia que o espectáculo tinha acabado. — Você foi?

— Fui o quê?

— Escuteiro.

Ele deitou fora os últimos cacos e depois olhou-a longamente. — Não. Eu era um delinquente. É melhor ter cuidado aqui com os pés. Posso ter deixado alguns fragmentos.

— Obrigada. — Demasiado eléctrica para estar sentada, Dora levantou-se para atestar os dois copos. — Então e o que é que faz agora?

— Você devia saber. — Jed tirou um maço de cigarros e acendeu um. — Eu preenchi uma ficha.

— Não tive oportunidade de a ler. Dá-me um? — Ela acenou com a cabeça para o cigarro dele. — Gosto de fumar em alturas de stresse ou de grande aborrecimento.

Ele passou-lhe aquele que já acendera e tirou outro. — Sente-se melhor?

— Acho que sim. — Ela deu uma passa rápida e bufou-a com igual rapidez. Não gostava do sabor, apenas do efeito. — Não respondeu à minha pergunta.

— Que pergunta?

— O que é que faz?

— Nada. — Ele sorriu, mas o sorriso não tinha nada de engraçado. — Sou independentemente abastado.

— Ah... Acho que compensa ser-se delinquente. — Deu mais uma passa. O fumo e o brandy estavam a pô-la agradavelmente zozza. — Então o que faz o dia inteiro?

— Nada de especial.

— Eu podia mantê-lo ocupado.

Ele ergueu uma sobrancelha. — Ai sim?

— Trabalho honesto, Skimmerhorn. Isto é, se tem alguma habilidade com as mãos.

— Já me disseram que sou bom o suficiente. — Os dedos dele pairaram nas costas dela, sobre o fecho que tinha sido aberto quase até à cintura. Após um momento de hesitação, ele fechou-o até cima. Dora deu um salto e pestanejou.

— Ah... obrigada. O que eu quis dizer foi que preciso de umas prateleiras novas no armazém. E esta casa está sempre a precisar de alguns pequenos arranjos.

— O seu corrimão exterior é uma piada.

— Oh. — Os lábios dela curvaram num beicinho, como se o insulto

tivesse sido pessoal. Para Dora, era quase como se fosse. — Pode arran- já-lo?

— Provavelmente.

— Podíamos descontar o trabalho na renda, ou eu podia pagar-lhe à hora.

— Vou pensar nisso. — Ele estava a pensar noutra coisa naquele mo- mento: como desejava desesperadamente tocá-la. Apenas um roçar de po- legar ao longo da linha do pescoço. Ele não conseguia explicar porquê, mas queria fazer isso, apenas isso, e ver se a pulsação na base daquele pescoço longo e esguio latejaria em resposta.

Irritado consigo próprio, Jed pôs de lado o copo vazio e passou por ela para pegar no balde do lixo. — Eu ponho isto no sítio.

— Obrigada. — Ela teve de engolir. Não foi tão simples como poderia ter sido, não com a obstrução que tinha na garganta. Havia alguma coisa no modo como ele olhava para ela que lhe enviava sinais de alerta pelo sistema todo.

*Estupidez*, pensou. Tinha simplesmente sido um dia longo e cansati- vo. Pôs-se a caminho da cozinha.

— A sério, obrigada — disse ela uma vez mais. — Se você não tivesse vindo eu ia passar uma hora a dar pontapés nas coisas.

— Não faz mal. Gostei de a ver dar-lhe um pontapé a ele.

Ela sorriu. — Porquê?

— Não gostei do fato dele. — Jed parou à porta para olhar para ela. — Não gosto de risquinhas.

— Vou ver se não me esqueço. — Com o sorriso ainda nos lábios, ela olhou para cima. Jed seguiu o olhar dela e examinou o enfeite de azevinho que tinha por cima da cabeça.

— Giro — disse ele. E como tinha decidido parar de correr riscos, começou a passar por ela.

— Eh! — Divertida com a situação, e com a reacção dele, Dora agar- rou-lhe no braço. — Azar — disse-lhe ela. Pondo-se em bicos de pés, roçou ao de leve a boca na dele. — Não quero arriscar má sorte.

Ele reagiu instintivamente, como teria reagido a um disparo ou a uma faca nas costas. O pensamento veio depois da acção. Agarrou no queixo dela e manteve-a quieta. — Estás a arriscar mais do que má sorte, Isadora.

E baixou a boca sobre a dela num beijo com sabor a fumo e a brandy e com uma violência subjacente que fez o sangue dela descer da cabeça.

*Oh, Deus!* Foi tudo o que ela conseguiu pensar. Ou talvez o tenha gemido quando os lábios se abriram impotentes sob os dele.

Foi rápido, apenas segundos, mas quando ele a largou ela recuou de olhos esbugalhados.

Ele olhou para ela mais um momento, amaldiçoando-se e lutando contra um desejo urgente de fazer exactamente o que o contabilista idiota tinha tentado.

— Se fosse a ti não tentaria dar-me um pontapé à saída — disse ele suavemente. — Tranca a porta, Conroy.

Ele saiu, atravessou o corredor e trancou a dele.

## 5.

— Porque é que estás tão rabugenta? — perguntou Lea. Ela tinha aparecido no armazém para anunciar uma venda de quinhentos dólares e fora recebida, pela terceira vez, com uma curta rosnadela.

— Não estou rabugenta — ripostou Dora. — Estou ocupada. — Estava naquele momento a encaixotar um conjunto de quatro marcadores de mesa de louça com padrão de madressilvas. — As pessoas deviam levar um tiro por guardarem as compras todas para os dois dias antes do Natal. Já percebeste que esta tarde vou ter de tirar a Terry da loja para ela ir entregar isto do outro lado da cidade?

— Podias ter dito ao cliente que viesse buscar a encomenda.

— E podia ter perdido a venda — retorquiu Dora. — Já tenho estes malditos pratos há três anos. Tive sorte de conseguir impingi-los a alguém.

— Agora tenho a certeza de que há algo de errado. — Lea cruzou os braços. — Desembucha.

— Não há nada de errado. — Exceptuando o facto de ela não ter conseguido dormir. E ela não iria admitir de forma nenhuma que deixara um beijo rápido confundir-lhe as ideias. — Simplesmente tenho muito que fazer e não tenho tempo suficiente para tudo.

— Mas tu gostas disso, Dora — realçou Lea.

— Mudei. — Dora embrulhou a última chávena em jornal. — Onde é que está a estúpida fita-cola? — Virou-se e depois caiu para trás contra a mesa quando viu Jed ao fundo das escadas.

— Desculpem. Vim aqui abaixo para ver se ainda querias que eu arranjasse o corrimão.

— Corrimão? Ah... bem. — Ela odiava estar nervosa. A única coisa que odiava mais do que isso era estar errada. — Precisas de madeira ou de alguma coisa?

— De alguma coisa. — Ele levantou os olhos quando Lea pigarreou com firmeza.

— Ah, Lea. Este é o Jed Skimmerhorn, o novo inquilino. Jed, a minha irmã, Lea.



— Prazer. — Lea estendeu uma mão. — Espero que esteja bem instalado.

— Não há muito para instalar. Queres que eu arranje o corrimão ou não?

— Acho que sim. Se não estiveres muito ocupado. — Dora encontrou a fita adesiva e manteve-se ocupada a selar a caixa. Quando a ideia surgiu, ela seguiu-a: — Na verdade, podias dar-me uma ajuda. Tens carro, certo? O *Thunderbird*?

— E depois?

— Eu tenho uma entrega... na verdade, tenho três. E não posso realmente dispensar a minha assistente.

Jed enfiou os polegares nos bolsos nas calças. — Queres que eu faça entregas?

— Se não fosse problema. Anotavas o combustível e a quilometragem. — Ofereceu-lhe um sorriso luminoso. — Podias até conseguir algumas gorjetas.

Ele podia ter-lhe dito que fosse para o Inferno. Não tinha a certeza porque é que não o fazia. — Como posso resistir? — Olhou, com alguma aversão, para a caixa que ela estava a selar. — Para onde?

— Está tudo anotado. Esta e as outras duas que estão ali. — Dora acenou com a cabeça em direcção ao canto da sala. — Podes levá-las pela porta lateral até ao carro.

Sem dizer nada, Jed pegou na primeira caixa e desapareceu.

— *Aquele é o novo inquilino?* — sussurrou Lea. As possibilidades percorriam já a sua mente enquanto ela corria para a porta para dar uma espreitadela. — Quem é ele? O que é que ele faz?

— Acabei de te dizer quem é. Chama-se Skimmerhorn.

— Sabes o que quero dizer. — Lea viu Jed meter a caixa no banco traseiro do *T-Bird* e depois recuou rapidamente para dentro da sala. — Ele vem aí.

— Espero bem que sim — disse Dora secamente. — Ele ainda só levou uma das caixas. — Levantou ela própria a segunda e passou-a a Jed quando ele chegou à porta. — São frágeis — disse-lhe ela, recebendo um grunhido como resposta.

— Viste os ombros dele? — Lea assobiou. — O John não tem ombros como aqueles nem nas minhas mais loucas fantasias.

— Ophelia Conroy Bradshaw, tem vergonha! O John é um homem maravilhoso.

— Eu sei. Eu sou doida por ele, mas ele não tem ombros. Quero dizer, ele tem, claro, mas são só osso e... Deus! — Depois de apreciar a forma como as *Levis* de Jed esticavam quando ele se inclinou sobre a bagageira do

carro, Lea bateu com a mão no peito e sorriu. — É sempre bom saber que as células da atracção ainda funcionam. Então, o que é que ele faz?

— Acerca do quê?

— Acerca... das facturas — disse ela rapidamente. — Não te esqueças de dar as facturas ao senhor Skimmerhorn, Dora. — Lea foi buscá-las e entregou-as a Jed quando ele apareceu para apanhar a última caixa.

— Obrigada. — Ele olhou de modo estranho para Lea, desconfiado do brilho nos olhos dela. — Levo também aquelas tábuas ou não?

— Tábuas? Ah, o corrimão — lembrou-se Dora. — Claro, por favor. Podes enfiar a conta debaixo da minha porta, se eu não estiver.

Ele não conseguiu resistir. Ele sabia que não devia, mas não conseguiu: — Outro encontro escaldante?

Ela sorriu docemente e escancarou a porta. — Vai chatear outro, Skimmerhorn.

— Vou pensar nisso — murmurou ele. E saiu calmamente.

— Conta — exigiu Lea. — Conta tudo. Não omitas nenhum pormenor, por mais pequeno ou insignificante que seja.

— Não há nada para contar. Sai com o Andrew ontem à noite e o Jed viu-o quando eu estava a escorraçá-lo.

— Escorraçaste o Jed?

— Andrew. Ele fez-se a mim — disse Dora no limite da paciência. — E eu expulsei-o. Agora, se já terminámos a nossa sessão de mexericos...

— Quase. O que é que ele faz? O Jed. Ele deve fazer levantamento de pesos ou coisa do estilo para ter uns ombros daqueles!

— Não sabia que tinhas uma fixação tão grande por ombros.

— Tenho quando estão ligados a um corpo como aquele. Vejamos, ele é estivador.

— Não.

— Um trabalhador da construção civil.

— Perde a viagem para dois ao Maui. Quer tentar as malas Samsomite?

— Diz-me!

Dora passara parte da noite de insónia a ler a ficha de Jed. Uma das referências tinha sido o comissário James L. Riker, do Departamento de Polícia de Filadélfia. *O que fazia sentido*, reflectiu ela, já que o último local de trabalho de Jed tinha sido o DP de Filadélfia.

— Ele é um ex-polícia.

— Ex? — Os olhos de Lea arregalaram-se. — Cristo! Ele foi despedido da polícia por aceitar subornos? Por traficlar droga? Por ter morto alguém?

— Refreia a tua imaginação, querida. — Dora bateu no ombro da

irmã. — Juro que tu é que devias ter seguido os passos do pai e da mãe no palco. Ele pediu a demissão — disse ela. — Há alguns meses. De acordo com as notas copiosas que o pai tomou quando ligou ao comissário de polícia, o Jed tem uma montanha de louvores, e eles estão a manter-lhe o revólver de serviço em condições na esperança de que ele regresse.

— Bem, então porque é que ele se demitiu?

— Parece que isso não era da conta de ninguém — disse ela com afectação, mas estava tão irritada como Lea por o pai não ter perguntado. — Fim do jogo. — Levantou a mão para travar outra avalanche de perguntas. — Se não voltarmos lá para dentro para ajudar a Terri, ela vai transformar a minha vida num inferno.

— Está bem, mas sinto-me bem em saber que tens um polícia mesmo à tua frente. Isso deve manter-te longe de problemas. — Lea petrificou, olhos esbugalhados. — Oh, Deus, Dora! Achas que ele tinha uma arma?

— Acho que ele não vai precisar disso para entregar louça. — Dora empurrou a irmã para a porta da loja.

\*

Em quaisquer outras circunstâncias, DiCarlo ter-se-ia sentido tolo sentado numa recepção elegante com uma estatueta de mau gosto no colo. Naquela recepção particular, decorada com suaves imagens impressionistas e esculturas Erté, ele não se sentia nada tolo. Sentia medo, um medo de morte.

Ele não se importara realmente com o assassinato. Não que gostasse de matar como o primo Guido, mas não se importara. DiCarlo via o facto de ter enfiado uma bala de pequeno calibre no meio dos olhos de Porter como legítima defesa.

Mas ele tinha tido muito com que se preocupar durante o longo voo da costa leste à ocidental. Considerando a maré de azar, ele indagava-se se por algum capricho torcido do destino teria a estátua errada ao colo. Parecia certamente ser a que ele vira encaixotar na Premium. Num mundo justo, não podia haver duas criações de porcelana assim tão feias na mesma terra.

— Senhor DiCarlo? — disse a recepcionista. — O senhor Finley vai recebê-lo agora.

— Certo. Obrigado. — DiCarlo levantou-se, enfiando a estatueta de baixo do braço e endireitando o nó da gravata com a mão livre. Seguiu a loira até à portas de mogno e tratou de pôr um sorriso agradável no rosto.

Finley não se levantou da secretária. Gostava de ver DiCarlo atravessar nervosamente o oceano de tapete branco. Sorriu, friamente, reparando nas ténues gotículas de suor sobre o lábio superior de DiCarlo.

— Senhor DiCarlo, deixou tudo arrumado no grande Estado da Virgínia?

— Está tudo tratado.

— Excelente. — Apontou para a mesa para que DiCarlo pousasse a estátua. — E só me traz isto?

— Tenho também a lista da outra mercadoria. E todas as localizações. — Em resposta ao movimento dos dedos de Finley, DiCarlo meteu a mão no bolso para tirar a lista. — Como pode ver, só houve mais quatro compradores e dois são também comerciantes. Penso que deve ser bastante simples ir directamente a essas lojas e comprar a mercadoria de volta.

— Pensa? — disse suavemente Finley. — Se o senhor conseguisse pensar, senhor DiCarlo, a minha mercadoria já estaria na minha posse. Contudo — continuou ele quando DiCarlo permaneceu calado — estou disposto a dar-lhe a oportunidade de se redimir.

Ele levantou-se então e passou um dedo sobre o feminino rosto excessivamente doce da estatueta. — Uma peça infeliz. Bastante horrível, não acha?

— Sim, senhor.

— E este homem, este Ashworth, pagou bem por ela. É realmente espantoso o que as pessoas consideram atraente. Só é preciso olhar para ver que as linhas são esquisitas, a cor é pobre, o material inferior. Mas, enfim. «A beleza está no interior.» — Pegou num cinzeiro de mármore branco não utilizado que estava sobre a mesa e decapitou a mulher.

DiCarlo, que apenas umas horas antes matara dois homens a sangue-frio, deu um salto quando o cinzeiro esmagou a segunda cabeça. E assistiu, com os nervos em franja, a ver Finley partir metodicamente os membros.

— Um casulo feio — murmurou Finley — para proteger beleza pura. — De dentro do tronco da estatueta, retirou um pequeno objecto embrulhado em camadas de plástico protector. Desembrulhou-o delicadamente, e o gemido que emitiu foi como o de um homem despindo uma amante.

O que DiCarlo viu parecia um isqueiro em ouro, profusamente ornamentado e com uma espécie de pedras incrustadas. Para ele, era pouco mais atraente do que a estatueta que o ocultara.

— Sabe o que é isto, senhor DiCarlo?

— Ah... não, senhor.

— É um estojo. — Finley riu-se então, acariciando o ouro. Naquele momento estava extremamente feliz: uma criança com um brinquedo novo, um homem com uma amante nova. — O que a si não diz nada, claro. Este pequeno estojo ornamental era utilizado para guardar utensílios de manicura ou material de costura, talvez um abotoador ou uma colher de

rapé. Uma pequena e bonita extravagância que saiu de moda perto do final do século XIX. Este é mais intrincado do que a maioria e é de ouro. E estas pedras, senhor DiCarlo, são rubis. O estojo tem umas iniciais gravadas no fundo. — Sorrindo sonhadoramente, virou a peça ao contrário. — Foi um presente de Napoleão à sua Josefina. E agora pertence-me.

— Isso é ótimo, senhor Finley. — DiCarlo estava aliviado por ter levado a estatueta certa e por o patrão parecer tão agradado.

— Acha? — Os olhos esmeralda de Finley cintilaram. — Esta peça é apenas uma parte daquilo que me pertence, senhor DiCarlo. Oh, estou contente por tê-la, mas faz-me lembrar que a minha mercadoria está incompleta. Uma mercadoria, devo acrescentar, que me levou mais de oito meses a reunir e mais dois a transportar. Isso é quase um ano do meu tempo, que é bastante valioso para mim, para não falar na despesa. — Levantou novamente o cinzeiro e lançou-o sobre as pregas delicadas do vestido da dama. Pequenos fragmentos de porcelana dispararam como minúsculos mísseis pelo ar. — Consegue perceber a minha angústia, não consegue?

— Sim, senhor. — Suor frio escorria pela costas de DiCarlo. — Naturalmente.

— Então vamos ter de tratar de recuperá-la. Sente-se, senhor DiCarlo.

Com uma mão trémula, DiCarlo varreu pedacinhos de porcelana do cabedal de uma cadeira. Sentou-se cautelosamente na borda do assento.

— Esta época torna-me magnânimo, senhor DiCarlo. — Finley sentou-se e continuou a acariciar o estojo em pequenos círculos íntimos. — Amanhã é véspera de Natal. Imagino que tenha planos.

— Bem, na verdade, sim. A minha família...

— Famílias. — A cara de Finley iluminou-se com um sorriso. — Não há nada como a família nestas alturas. Eu não tenho nenhuma, mas isso não tem importância. Como consegui trazer-me uma pequena porção da minha propriedade, e tão rapidamente, detestarei tirá-lo à sua família no Natal. — Mantendo o estojo entre as palmas, fechou as mãos. — Dou-lhe até ao Ano Novo. É generoso, eu sei, mas como já disse, é esta época. Faz de mim um sentimental. Quero tudo o que é meu até ao primeiro dia de Janeiro... não, não, pode ser até ao segundo. — O sorriso dilatou. — Tenho a certeza de que não me vai desapontar.

— Não, senhor.

— Naturalmente, espero que me vá fazendo o ponto da situação. Pode contactar-me aqui ou no meu número particular. Mantenha-se em contacto, senhor DiCarlo. Se não souber de si em intervalos regulares, terei de ir pessoalmente à sua procura. Não íamos querer isso.

— Não, senhor. — DiCarlo imaginou-se desconfortavelmente a ser perseguido por um lobo raivoso. — Vou já tratar disso.

— Excelente. Ah, e antes de sair peça à Barbara para fazer uma cópia desta lista, está bem?

\*

Jed não conseguia explicar porque é que estava a fazer aquilo. Para começar, não tinha nada que ter ido até à loja naquela manhã. Estava perfeitamente satisfeito a passar os dias a fazer exercício no ginásio, a levantar pesos no próprio apartamento, a pôr a leitura em dia. Só Deus sabia que impulso doido o fizera descer e, de alguma forma, oferecer-se para fazer as entregas de Dora.

Claro que recebera boas gorjetas com isso, recordou quase com um sorriso. Alguns dólares e, num caso memorável, uma lata colorida cheia de biscoitos caseiros.

Não tinha sido assim tão mau, e tinha sido interessante ver como se era recebido mais entusiasticamente quando se batia à porta de alguém carregando uma caixa em vez de um distintivo.

Ele podia ter encarado a experiência como uma espécie de teste, mas naquele momento estava ao frio a trocar um corrimão. O facto de estar a gostar bastante fazia-o sentir-se um idiota.

Fora forçado a trabalhar no exterior porque Dora não tinha três metros de espaço livre em nenhuma parte do prédio. Como a ideia dela de ferramentas se limitara a uma chave de fendas e a um martelo com um cabo preso com fita-cola, ele tinha precisado de passar pela casa de Brent para pedir algumas emprestadas. Claro que Mary Pat o tinha interrogado sobre tudo, desde os hábitos alimentares à vida amorosa, enquanto o empanturrava com filhoses. Levava quase uma hora a conseguir escapar com a sua insanidade e uma serra potente.

Os acontecimentos do dia tinham ensinado a Jed uma importante lição: a partir daquele momento ia evitar companhia, tal como havia planeado. Quando um homem à partida não gostava de pessoas, não havia nenhum motivo racional para se misturar com elas.

Pelo menos não havia ninguém para o incomodar nas traseiras do prédio e ele gostava de trabalhar com as mãos, gostava de sentir a madeira. Certa vez pensara em fazer uma pequena oficina nas traseiras da casa em Chestnut Hill. Um sítio onde poderia ter feito arranjos e construções quando o trabalho lho permitisse. Mas isso fora antes de Donny Speck. Antes da investigação que se tornara uma obsessão.

E, é claro, fora antes de Elaine ter sofrido as consequências.

Antes de Jed conseguir desligar a mente, viu-o de novo: o *Mercedes* prateado tranquilamente parado sob o alpendre. Viu o brilho das pérolas

em volta do pescoço de Elaine e recordou estupidamente que tinham sido uma prenda de aniversário do primeiro dos três maridos. Viu os olhos dela, o mesmo azul-brilhante dos seus — talvez a única característica familiar que partilhavam — erguerem-se e olharem curiosamente para ele. Viu a ligeira irritação nesses olhos e viu-se correndo pelo relvado aparado, por entre os arbustos de rosas com um aroma quase violento a Verão.

O sol tinha-se reflectido no cromado e entrado como uma lança nos seus olhos. Um pássaro bem alto numa das macieiras tinha trinado loucamente.

Então a explosão irrompera como um punho quente que impelira Jed para trás, fazendo-o voar para cima das roseiras, onde as pétalas tinham sido arrancadas pela força do rebentamento.

O *Mercedes* prateado era uma bola de fumo negro que se erguia em direcção ao céu de Verão. Ele achou que a tinha ouvido gritar. Podia ter sido o guincho do metal a fender. Ele esperava que tivesse sido. Esperava que ela não tivesse sentido nada depois dos dedos terem rodado a chave na ignição e activado a bomba.

Praguejando, Jed atacou o novo corrimão com a lixadeira eléctrica de Brent. Estava acabado. Elaine estava morta e não podia regressar. Donny Speck estava morto, graças a Deus. E por muito que Jed pudesse ter desejado, não podia matar o homem outra vez.

E ele estava exactamente onde queria estar. Sozinho.

— Ho, ho, ho.

Distraído pela voz forte vinda de trás, Jed desligou a lixadeira. Viu-se, olhos contraídos atrás dos óculos de avião manchados enquanto observava, com iguais partes de aborrecimento e curiosidade, o Pai Natal de faces rosadas.

— Está uns dias adiantado, não está?

— Ho, ho, ho — disse o Pai Natal novamente, dando pancadinhas na barriga confortável. — Parece que estás a precisar de um pouco de animação natalícia, filho.

Resignado com a interrupção, Jed tirou um cigarro. — Senhor Conroy, certo? — Viu a cara do Pai Natal desmoronar. — São os olhos — disse-lhe Jed, e acendeu um fósforo. *Eram os olhos de Dora*, pensou Jed. Grandes e castanhos e cheios de piadas secretas.

— Oh. — Quentin reflectiu e depois iluminou-se. — Acho que um polícia deve ser treinado para ver para lá dos disfarces, da mesma forma que um actor é treinado para os assumir. Claro está que eu desempenhei muitos defensores da lei e da ordem na minha carreira.

— Pois.

— Em harmonia com a época, tenho estado a entreter crianças no

infantário Meninos Comportados. — Acariciou a sedosa barba branca. — Um pequeno compromisso, mas bastante satisfatório, já que me dá a oportunidade de representar uma das personagens mais amadas do mundo para uma assistência de verdadeiros crentes. Sabe, as crianças são actores e os actores são crianças.

Contrariadamente divertido, Jed anuiu com a cabeça. — Acredito que sim.

— Vejo que a Izzy o pôs a trabalhar.

— Izzy?

— A minha querida filha. — Quentin oscilou as sobrancelhas e piscou o olho. — Uma lindeza, não é?

— Não está mal.

— E também cozinha. Não sei a quem puxou. Não foi à mãe. — Conspiratoriamente, Quentin aproximou-se. — Não é para me queixar, mas cozer um ovo é um triunfo culinário para ela. Claro que ela tem outros talentos.

— Claro que tem. A Dora está lá dentro.

— Naturalmente. Uma mulher de negócios dedicada, a minha primogénita. Nada parecida com a restante família nesse aspecto; embora, é claro, ela pudesse ter tido uma carreira brilhante em palco. Verdadeiramente brilhante — disse ele com alguma tristeza. — Mas ela escolheu o mundo do comércio. Os genes são uma coisa peculiar, não acha?

— Nunca pensei muito nisso. — *Uma mentira*, pensou. Uma mentira básica. Ele passara grande parte da vida a pensar em traços herdados. — Olhe, eu preciso de acabar isto antes de ficar sem luz.

— Porque é que eu não lhe dou uma mãozinha? — disse Quentin com o inesperado sentido prático que o tornava tão bom director quanto actor.

Jed estudou a barriga almofadada, o fato vermelho e a barba branca de algodão. — Não tem duendes para tratar deste tipo de coisa?

Quentin riu com vontade, a forte voz de barítono ecoando no ar ventoso. — Hoje em dia está tudo sindicalizado, rapaz. Não consigo pôr os pestinhas a fazer nada que não esteja no contrato.

Os lábios de Jed contorceram-se enquanto ele se voltava de novo para a lixadeira. — Assim que eu terminar isto, pode ajudar-me a colocá-lo.

— Encantado.

Um homem paciente, Quentin sentou-se no degrau mais baixo. Ele sempre gostara de ver trabalhos manuais. Sendo «ver» a palavra-chave. Felizmente, uma modesta herança impedira-o de morrer à fome enquanto perseguia a carreira de actor. Conhecera a mulher de trinta anos durante a produção de *A Tempestade*, ele enquanto Sebastião e ela enquanto Miranda.



Tinham entrado no corajoso mundo novo do matrimónio e tinham viajado de palco em palco, com considerável sucesso, até se fixarem em Filadélfia e fundarem a Liberty Players.

Agora, aos confortáveis cinquenta e três anos — quarenta e nove no currículo — tinha transformado a Liberty Players numa companhia teatral respeitada que representava tudo desde Ibsen a Neil Simon com um lucro sólido.

Talvez porque a sua vida tivesse sido fácil, Quentin acreditava na felicidade eterna. Vira a filha mais nova casar bem e estava a ver o filho levar com dedicação o nome da família para o palco. Só faltava Dora.

Quentin tinha decidido que aquele jovem saudável com olhos inescrutáveis era a solução perfeita. Sorrindo para si próprio, tirou uma garrafa de bolso da barriga almofadada do Pai Natal e tomou um trago rápido. E depois outro.

— Muito bem, rapaz — disse Quentin meia hora depois, levantando-se para dar umas pancadinhas no corrimão. — Liso como a face de uma mulher. E foi um prazer vê-lo trabalhar. Como é que o colocamos?

— Pegue nesta ponta — sugeriu Jed. — Suba até ao cimo.

— Isto é fascinante. — Os sinos prateados das botas de Quentin tintaram enquanto ele subia os degraus. — Não que eu seja um completo novato. Já ajudei na construção de cenários. Uma vez construímos um sofisticado Navio Pirata para a produção de *Peter Pan*. — Quentin revirou o bigode branco e os olhos cintilaram ameaçadoramente. — Eu fiz de Capitão Gancho, naturalmente.

— Eu teria apostado nisso. Tenha cuidado. — Usando o berbequim eléctrico de Brent, Jed prendeu o corrimão às colunas. Durante o trabalho, Quentin manteve uma conversa fluida. Jed percebeu que era tão fácil desligá-lo como era desligar a música de fundo num consultório de dentista.

— Tão simples como isto. — De volta ao fundo da escada, Quentin abanou o corrimão e examinou. — E está firme como uma rocha. Espero que a minha Izzy lhe fique grata. — Deu a Jed uma palmada amigável nas costas. — Porque não vem passar a consoada connosco? A minha Ophelia faz sempre uma produção impressionante.

— Tenho planos.

— Ah, claro. — O sorriso fácil de Quentin não revelou os seus pensamentos. Ele investigara muito mais profundamente Jed Skimmerhorn do que alguém imaginava. E estava bem ciente de que Jed não tinha família para além da avó. — Então talvez possa ficar para o Ano Novo. Damos sempre uma festa no teatro. O Liberty. Seria bem-vindo.

— Obrigado. Vou pensar nisso.

— Entretanto, acho que ambos precisamos de uma pequena recompensa pelo nosso trabalho.

Quentin pegou outra vez na garrafa de bolso e piscou o olho a Jed enquanto vertia *whisky* para a tampa prateada. Entregou o copo improvisado a Jed.

Como não conseguia lembrar-se de nenhuma razão para não aceitar, Jed emborcou o *whisky*. Conseguiu reprimir um engasgo. A coisa era potente.

— Deus! — Quentin voltou a bater nas costas de Jed. — Gosto de ver um homem beber assim. Tome mais um. Um brinde aos seios fartos e brancos que dão à cabeça de um homem um descanso abençoado.

Jed bebeu outra vez e deixou o *whisky* aquecê-lo. — Tem a certeza de que o Pai Natal devia estar a beber?

— Caro rapaz, como é que acha que conseguimos suportar as noites longas e frias no Pólo Norte? A seguir vamos fazer o *Pacífico Sul*. Uma boa mudança, aquelas palmeiras todas. Todos os anos tentamos incluir alguns musicais na nossa agenda. Agradam às multidões. Tenho de dizer à Izzy para o levar lá.

Pôs mais um pouco de *whisky* no copo de Jed e iniciou uma interpretação vibrante de «Não Há Nada Como Uma Dama».

*Deve ser o whisky*, concluiu Jed. Isso explicaria o facto de estar lá fora ao frio quando já estava a escurecer e não achando nada estranho ouvir o Pai Natal cantar um tema de espectáculo a plenos pulmões.

Quando terminava de beber mais um copo, ouviu a porta abrir-se atrás dele e olhou indolentemente em volta para ver Dora de mãos nas ancas ao cimo das escadas.

*Deus, ela tinha uma pernas lindas*, pensou ele.

Ela dispensou a Jed um olhar fulminante. — Eu devia saber que isto ia acontecer.

— Eu estava quieto no meu canto.

— Sentado nas escadas a beber *whisky* com um homem vestido de Pai Natal?

Como a língua dele tinha espessado consideravelmente, Jed enunciou com cuidado: — Arranjei o corrimão.

— Que bom! — Dora desceu apressadamente os degraus e agarrou no braço do pai quando Quentin estava a executar um rodopio exagerado. — O espectáculo acabou.

— Izzy! — Deleitado, Quentin beijou-a energicamente e deu-lhe um grande abraço. — O teu jovem e eu estávamos a fazer reparações de carpintaria.

— Estou a ver que sim. Parecem os dois muito ocupados neste mo-

mento. Vamos entrar, papá. — Pegou na garrafa e enfiou-a nas mãos de Jed. — Já volto — disse ela por entredentes, arrastando o pai escada acima.

— Eu estava quieto no meu canto — disse Jed novamente, e tapou meticulosamente a garrafa antes de a enfiar no bolso traseiro das calças. Quando Dora regressou, ele estava a guardar as ferramentas de Brent com o cuidado de quem guarda porcelana fina.

— Então? — Ele fechou a bagageira e encostou-se pesadamente. — Onde está o Pai Natal?

— A dormir. Temos uma regra por aqui, Skimmerhorn: nada de beber em serviço.

Jed endireitou-se e depois apoiou-se novamente no carro. — Eu já tinha terminado. — Com a visão turva, apontou em direcção ao corrimão. — Vês?

— Sim. — Ela suspirou e abanou a cabeça. — Eu não devia censurar-te. Ele é irresistível. Anda, eu ajudo-te a subir.

— Não estou bêbedo.

— Estás podre de bêbedo, Skimmerhorn. O teu corpo sabe, só que a informação ainda não chegou ao cérebro.

— Não estou bêbedo — disse ele novamente, mas não objectou quando ela o abraçou pela cintura e o conduziu pelos degraus. — Fiz quinze dólares e duas dúzias de biscoitos nas entregas.

— Isso é bom.

— Uns biscoitos bastante bons. — Bateu contra ela quando atravessaram a porta. — Cristo! Cheiras bem!

— Aposto que dizes isso a todas as senhorias. Tens as chaves?

— Sim. — Ele procurou-as atrapalhadamente, desistiu e encostou-se à parede. *Era bem feito*, pensou ele, *por ter bebido tanto apenas com umas filhoses no estômago*.

Suspirando, Dora enfiou a mão no bolso da frente das calças dele. Encontrou uma coxa firme e alguns trocados.

— Experimenta o outro — sugeriu ele.

Ela levantou os olhos e viu o sorriso fácil e surpreendentemente sedutor. — Não. Se gostaste é porque não estás tão bêbedo como eu pensei. Encontra-as tu.

— Eu disse-te que não estava bêbedo. — Ele encontrou-as e depois indagou-se como é que poderia meter a chave na fechadura se o chão estava a baloiçar. Dora guiou-lhe a mão. — Obrigado.

— É o mínimo que posso fazer. Consegues ir até à cama?

Ele apoiou uma mão na ombreira da porta. — Vamos ver se nos entendemos, Conroy. Não quero dormir contigo.

— Bem, isso põe-me certamente no meu lugar.

— Tens complicação escrito na testa, querida. Esses olhos castanhos enormes e esse corpinho firme. Eu só quero ficar sozinho.

— Acho que isso mata qualquer esperança que tenho estado a alimentar de ser a mãe dos teus filhos. Mas não te preocupes, eu vou conseguir ultrapassar isso. — Dora conduziu-o até ao sofá, empurrou-o para baixo e levantou-lhe os pés.

— Não te quero — disse-lhe ele enquanto ela lhe arrancava as botas. — Não quero ninguém.

— Está bem. — Ela procurou uma manta e acabou por se decidir por umas toalhas que ele tinha pendurado no banco de musculação. — Cá está, confortável e aconchegado. — Ajeitou-as bem ao corpo dele. *Ele estava tão adorável*, pensou ela; bêbedo, mal-humorado e de olhos pesados. Seguindo um impulso, inclinou-se para a frente e beijou-lhe a ponta do nariz.

— Vê se dormes, Skimmerhorn. Amanhã vais sentir-te uma droga.

— Vai-te embora — resmungou ele. Depois fechou os olhos e apagou.

## 6.

Ela estava certa. Ele sentia-se péssimo. A última coisa que Jed queria era alguém a bater-lhe à porta enquanto tentava afogar-se no duche. Praguejando, fechou as torneiras, pôs uma toalha à cintura e foi a pingar até à porta. Abriu-a.

— Que diabo queres tu?

— Bom dia, Skimmerhorn. — Dora entrou suavemente com um cesto de verga nos braços. — Vejo que já regressou a habitual boa-disposição.

Ela tinha uma espécie de uniforme de saia curta em tons vívidos de azul e ouro que o pôs de olhos em bico. — Vai passear.

— Ora, estamos maldispostos esta manhã! — Nada ofendida, Dora destapou o cesto. No interior estava um termo vermelho, um pote de barro cheio com uma espécie de líquido laranja com mau aspecto e um guardanapo branco a envolver dois *croissants* folhados. — Já que o meu pai instigou este pequeno romance, achei que devia tratar do teu bem-estar esta manhã. Vamos precisar de um copo, de uma chávena e de um prato. — Como ele não se mexeu, ela inclinou a cabeça. — Ok, eu vou buscar. Porque não te vestes? Deixaste ficar bem claro que não estás interessado em mim fisicamente, e a visão do teu corpo meio nu e húmido pode desencadear em mim um desenfreado frenesi sexual.

Um músculo no queixo dele contraiu quando cerrou os dentes. — Giro, Conroy. Muito giro. — Mas ele virou-se e dirigiu-se ao quarto a

passos largos. Quando voltou, vestido com um fato de treino cinzento rasgado no joelho, ela já tinha preparado um belo pequeno-almoço na mesa de piquenique.

— Já tomaste alguma aspirina?

— Estava a tratar disso.

— Então, primeiro estes. — Estendeu-lhe três comprimidos. — Toma-os com isto. Engole tudo.

Ele franziu o sobrolho ao ver o líquido laranja que ela despejara num copo de vidro. — Que raio é isto?

— A salvação. Confia em mim.

Como ele duvidava que pudesse sentir-se pior, engoliu os comprimidos com duas grandes goladas do remédio de Dora. — Cristo! Sabe a líquido de embalsamamento!

— Oh, imagino que o princípio seja o mesmo. Ainda assim, posso garantir os resultados. O papá põe as mãos no fogo por ele e, acredita em mim, ele é o perito. Experimenta o café. Não fará muito pela ressaca, mas vais ficar plenamente acordado para a desfrutar.

Porque os olhos estavam a ameaçar fechar, ele pressionou-os ao de leve com os punhos. — O que está naquela garrafa?

— A arma secreta de Quentin Conroy. Ele tem uma destilaria na cave onde faz experiências como um cientista louco. O papá gosta de beber.

— Ora aí está uma grande novidade.

— Eu sei que devia desaprovar, mas é difícil. Ele não faz mal a ninguém. Nem sequer tenho a certeza de que faça mal a ele próprio. — Dora partiu o canto de um *croissant* e mordiscou-o. — Ele não fica mal-humorado nem arrogante nem mau com a bebida. E nunca pensaria em sentar-se atrás do volante de um carro... nem trabalhar com maquinaria pesada. — Encolheu os ombros. — Alguns homens caçam, outros colecionam selos. O papá bebe. Sentes-te melhor?

— Vou sobreviver.

— Então, está bem. Tenho de ir abrir a loja. Ficarias espantado com a quantidade de pessoas que fazem compras na véspera de Natal. — Dirigiu-se à porta e parou com a mão na maçaneta. — Ah, e o corrimão está bonito. Obrigada. Diz-me quando tiveres vontade de martelar algumas prateleiras. E não te preocupes. — Lançou-lhe um sorriso. — Eu também não quero dormir contigo.

Dora fechou silenciosamente a porta e cantarolou pelo corredor fora.

\*

DiCarlo sentia-se bem. A sorte estava de volta; o *Porsche* alugado seguia a quase 150 quilómetros por hora. Bem embaladas no banco ao lado dele estavam uma águia de bronze e uma reprodução da Estátua da Liberdade, ambas facilmente compradas numa loja de novidades nos arredores de Washington, D.C.

*Tinha sido canja*, pensou DiCarlo naquele momento. Ele entrara na loja, fizera uma averiguação nominal e depois saíra de novo, orgulhoso proprietário de duas peças de *kitsch* americano. Após um breve desvio até Filadélfia para ir buscar os dois itens seguintes, seguiria para Nova Iorque. Se tudo corresse da mesma forma, conseguiria chegar a casa antes das nove, bastante a tempo dos festejos de Natal.

No dia a seguir ao Natal retomaria a agenda. Àquele ritmo, ele achava que conseguiria a mercadoria toda do senhor Finley muito antes de terminar o prazo.

Talvez ganhasse até um bónus por isso.

Tamborilando com os dedos ao ritmo da música, marcou o número particular de Finley no telefone do carro.

— Sim.

— Senhor Finley. É o DiCarlo.

— E tem alguma coisa de interessante para me dizer?

— Sim, senhor. — Só lhe faltava cantar. — Recuperei mais duas peças em Washington.

— As transacções decorreram sem problemas?

— Sem problema algum. Agora estou a caminho de Filadélfia. Estão mais duas peças numa loja de lá. Devo chegar o mais tardar às três.

— Então desejo-lhe agora um Feliz Natal, senhor DiCarlo. Vai ser difícil contactar-me antes do dia vinte e seis. Naturalmente, se tiver alguma coisa a comunicar, deixe uma mensagem com o Winesap.

— Eu dou notícias, senhor Finley. Boas festas.

Finley desligou o telefone mas continuou na sua varanda, observando o nevoeiro a formar-se sobre Los Angeles. O estojo estava pendurado ao pescoço numa fina corrente de ouro.

\*

DiCarlo chegou realmente a Filadélfia às três horas. A sorte estava a aguentar-se firme já que ele entrou na loja de Dora quinze minutos antes de esta fechar. A primeira coisa em que reparou foi numa ruiva escultural com um barrete verde de duende.

Terri Starr, assistente de Dora e membro dedicado da Liberty Players, olhou para DiCarlo.

— Feliz Natal — disse ela numa voz tão límpida como sinos de igreja.  
— Teve sorte em apanhar-nos. Hoje vamos fechar mais cedo.

DiCarlo tentou um sorriso tímido. — Aposto em como odeia clientes de última hora.

— Está a gozar? Adoro-os. — Ela já tinha visto o *Porsche* encostado ao passeio e estava a calcular terminar o negócio daquele dia com uma última venda colossal. — Está à procura de algo em particular?

— Na verdade, sim. — Ele olhou em volta, na esperança de encontrar rapidamente o quadro ou o *basset hound* de porcelana. — Estou de regresso a casa e tenho uma tia que coleciona estátuas de animais. Cães em particular.

— Talvez possa ajudá-lo. — Perfazendo um metro e oitenta em cima dos sapatos de salto alto, Terri movimentou-se pela loja como um sargento do estado-maior a inspeccionar tropas. Ela tinha avaliado o fato e o sobretudo de DiCarlo, para além do carro, e conduziu-o até à peça de jade.

— Esta é uma das minhas peças favoritas. — Abriu um armário envidraçado e tirou um cão pequinês esculpido em verde-maçã, um dos objectos mais caros da loja. — Lindo, não é?

— Sim, mas infelizmente os gostos da minha tia não são tão sofisticados. — Fez uma expressão divertida. — Sabe como são estas senhoras.

— Está a brincar? É impossível trabalhar-se numa loja de curiosidades e não saber. Então, vejamos. — Com alguma pena, Terri voltou a guardar a peça de jade. — Temos alguns *cocker spaniels* bonitos em gesso.

— Vou dar uma olhadela. Importa-se que dê uma vista de olhos pela loja? Sei que está com pressa de sair e pode ser que eu veja alguma coisa que seja a cara da tia Maria.

— Faça favor. Esteja à vontade.

DiCarlo viu os *cockers* de gesso. Viu *caniches* em *cloisonée* e *retrievers* em vidro soprado. Havia *dálmatas* de plástico e *chihuahuas* em bronze. Mas não via em lado nenhum o *basset hound* de porcelana.

Tentou também ver se avistava o quadro. Havia dezenas de imagens emolduradas, retratos desbotados, *poster* de publicidade. Não havia nenhuma pintura abstracta numa moldura de ébano.

— Acho que encontrei... — Terri recuou dois passos quando DiCarlo se virou. Ela era uma mulher que se orgulhava de saber ler expressões e, por um momento, achou ter lido assassínio na dele. — Eu... desculpe. Assustei-o?

O sorriso dele surgiu tão rapidamente, apagando o brilho gélido dos olhos, que ela achou que tinha sido imaginação. — Sim, assustou. Acho que a minha mente estava a divagar. O que temos aqui?

— É cerâmica de Staffordshire, uma cadela pastor com o seu filhote. É bastante amoroso, não é?

— Mesmo a cara da tia Maria. — DiCarlo manteve o sorriso agradável mesmo depois de ver a etiqueta com o número na casa dos milhares. — Acho que ela ia adorar — disse ele, esperando ganhar tempo enquanto ela fazia o embrulho. — Eu tinha pensado numa coisa um pouco diferente, mas isto é mesmo ao gosto da tia Maria.

— Dinheiro ou cartão?

— Cartão. — Retirou um cartão de crédito. — Ela tinha um rafeiro — continuou ele enquanto seguia Terri até ao balcão. — Um cãozinho com manchas castanhas e brancas que se enrolava no tapete e dormia quase o dia todo. A tia Maria adorava aquele cão. Eu tinha esperança de encontrar alguma coisa parecida com ele.

— Isso é tão querido. — Terri acomodou a peça Staffordshire em papel de seda. — O senhor deve ser um sobrinho muito atencioso.

— Bem, a tia Maria ajudou a criar-me.

— É pena que não tenha vindo há uns dias. Tínhamos uma peça muito parecida com o que acaba de dizer. Em porcelana, um *basset hound* com manchas enrolado a dormir. Só estive um dia na loja antes de o vendermos.

— Venderam-no? — perguntou DiCarlo por entredentes sorridentes. — É uma pena.

— Era uma peça muito inferior à que acaba de comprar, senhor DiCarlo — acrescentou ela depois de olhar para o cartão de crédito. — Acredite, a sua tia vai adorar a prenda.

— Tem toda a razão. Reparei que também têm peças de arte.

— Algumas. Maioritariamente *posters* e velhos retratos de família.

— Então não tem nada moderno? Estou a fazer alguma redecoração.

— Lamento, mas não. Temos algumas coisas guardadas no armazém das traseiras, mas não reparei em quadros.

Enquanto ela passava a factura, DiCarlo tamborilava com os dedos em cima do balcão e reflectia. Ele tinha de descobrir quem comprara o cão. Se não fosse plena luz do dia e se ele não tivesse uma montra ampla atrás dele, talvez enfiasse a arma debaixo do queixo bonito da empregada e a obrigasse a procurar a informação de que necessitava.

Claro que em seguida teria de a matar.

Olhou para a janela atrás dele. Não havia muito movimento, de veículos ou de peões. Mas abanou a cabeça. Uma menina envolta numa parka passou rapidamente em cima de uns patins. Não valia o risco.

— Assine aqui, por favor. — Terri passou-lhe o talão da venda e o cartão. — Está tudo, senhor DiCarlo. Espero que o senhor e a sua tia tenham um óptimo Natal.



Como ela estava a observá-lo através da montra, DiCarlo colocou cuidadosamente a caixa na bagageira e depois acenou alegremente antes de entrar no carro. Ligou o motor e arrancou.

Iria a algum lado para um almoço tardio. Quando escurecesse, quando a loja estivesse vazia, ele regressaria.

\*

Dora bateu à porta de Jed da forma mais formal possível. Ela sabia que ele ia refilar — não podia evitar isso. Mas o facto era que ela já se habituara à forma como ele rosnava e bufava. Ela não gostava disso, mas já se acostumara.

Ele não a desiludiu.

A camisola de manga curta estava húmida de suor. Os antebraços brilhavam molhados. Ela poderia ter dispensado um momento para admirar a masculinidade básica, mas estava demasiado ocupada para analisar a cara feia.

Jed segurou nas extremidades da toalha que pendurara ao pescoço. — O que é agora?

— Desculpa incomodar... — Ela espreitou por cima do ombro dele e viu o equipamento de musculação espalhado pela zona de estar. — Quando estás tão empenhado em desenvolver músculo, mas o meu telefone está avariado. Preciso de fazer uma chamada.

— Há uma cabina telefónica na esquina.

— És tão simpático, Skimmerhorn. Porque é que ainda nenhuma sortuda conseguiu fisgar-te?

— Eu afasto-as à paulada.

— Oh, aposto que sim. Não seas antipático. É uma chamada local.

Por um instante ela pensou que ele lhe ia fechar a porta na cara. De novo. Mas ele abriu-a mais e recuou. — Não demores — disse-lhe ele. E seguiu a passos largos para a cozinha.

*Para lhe dar privacidade?*, indagou-se Dora. Dificilmente. E a sua avaliação confirmou-se quando ele regressou com uma garrafa de *Gatorade* nos lábios. Dora mexeu no telefone, praguejou baixinho e depois voltou a pôr o auscultador no descanso.

— O teu também não funciona.

— Não é assim tão surpreendente, já que vivemos no mesmo prédio. — Ele tinha deixado a porta aberta, tal como ela, e podia ouvir uns acordes de música vindos do apartamento dela. Desta vez, música de Natal. Mas era algo que soava a coro medieval, que intrigava em vez de aborrecer.

Infelizmente, Dora tinha exactamente o mesmo efeito sobre ele.

— Vestes-te sempre assim para falar ao telefone?

Ela usava um macacão prateado escorregadio e uns sapatos de salto-agulha. Uma corrente de estrelas pendia de cada orelha. — Tenho de comparecer em algumas festas. E tu? Vais passar a véspera de Natal a levantar pesos?

— Não gosto de festas.

— Não? — Ela encolheu os ombros e a seda prateada sussurrou condativamente com o movimento. — Eu adoro-as. O barulho, a comida e os mexericos. Claro que gosto de conversar com outros seres humanos, por isso ajuda.

— Como não tenho nenhum banquete à mão para te oferecer, porque é que não te pões na alheta? — Jed atirou a toalha para o lado e pegou numa barra com pesos. — Tem cuidado para o teu par não chegar perto do ponche de Natal.

— Eu não vou com ninguém, e como não quero preocupar-me com as vezes que ataco o ponche de Natal, vou chamar um táxi. — Ela sentou-se no braço do sofá, franzindo o sobrolho enquanto via Jed levantar os pesos. *Ela não devia sentir pena dele*, meditou. Ele era a última pessoa no mundo que inspirava compaixão. E, contudo, ela odiava imaginá-lo a passar a noite sozinho, com barras e pesos. — Porque não vens comigo?

O longo olhar silencioso que ele lhe enviou fê-la apressar-se.

— Não é um pedido de namoro, Skimmerhorn. São só umas festas onde nos podemos distrair e fazer amigos.

— Eu não faço amigos.

— Posso ver que estás um pouco enferrujado, mas é véspera de Natal. Uma época de amizade. De boa vontade entre os homens. És capaz de já ter ouvido falar nisso.

— Ouvi rumores.

Dora aguardou um segundo. — Esqueceste-te do *bah-humbug!*

— Sai daqui, Conroy.

— Bem, já é um avanço em relação a esta manhã. As pessoas vão dizer que estamos apaixonados. — Ela suspirou e levantou-se. — Diverte-te com o teu suor, Skimmerhorn, e com o carvão que estou certa que o Pai Natal vai deixar no teu sapatinho. — Dora parou e inclinou a cabeça. — Que barulho é este?

— Qual barulho?

— Este. — Os olhos dela semicerraram-se em concentração. — Não me digam que sempre temos ratos.

Ele baixou a barra e pôs-se à escuta. — Alguém lá em baixo na loja.

— O quê?

— Na loja — repetiu ele. — O som vem pela conduta de ar. Não conheces o teu próprio edifício, Conroy?

— Não estou aqui assim tanto tempo, e nunca quando a loja está aberta. — Dora começou a desligar do assunto e depois paralisou. — Mas a loja não está aberta. — A voz tinha diminuído para um sussurro. — Não está ninguém lá em baixo.

— Tem de estar alguém.

— Não. — Ela elevou a mão para massajar os nervos no pescoço. — Fechámos já há algumas horas. A Terri saiu às três e meia.

— Então regressou.

— Na véspera de Natal? Ela vai dar uma das festas a que eu vou. — Os saltos de Dora bateram vivamente no chão quando ela se dirigiu à porta.

— Onde é que vais?

— Lá a baixo, claro. Alguém deve ter desligado o alarme e entrado na loja. Se acham que podem levar um saco de prendas da minha loja, vão ter uma surpresa.

Ele praguejou veementemente e depois agarrou no braço dela e puxou-a até uma cadeira. — Ficas aí. — Entrou no quarto. Dora ainda estava a pensar no nome que havia de chamar-lhe quando ele voltou com uma .38 na mão.

Os olhos dela arregalaram. — O que é isso?

— É uma sombrinha. Não saias daqui. Tranca a porta.

— Mas... mas...

— Quieta. — Jed fechou a porta depois de sair. *Era provavelmente a assistente dela*, pensou ele enquanto se movia rápida e silenciosamente pelo corredor. Ou a irmã que se esquecera de um embrulho qualquer que escondera. Ou o velhote à procura de uma garrafa.

Mas havia demasiado de polícia nele para correr riscos. E demasiado de polícia para ignorar o facto de os telefones estarem desligados e de os sons que vinham através da conduta de ar serem furtivos e não descuidados.

Jed chegou à porta das escadas para o armazém e abriu-a. Não havia nenhuma luz intensa vinda do piso inferior. Ouvia um som: uma gaveta a fechar.

*Guardaria ela dinheiro lá em baixo?*, indagou-se ele, praguejando por entredentes. Provavelmente. Numa lata velha qualquer ou num pote de biscoitos.

Um movimento atrás dele fê-lo preparar-se e girar. E praguejar de novo. Dora estava três passos atrás, de olhos bem abertos e uma barra de aço numa mão.

Jed fez sinal para que ela recuasse. Ela abanou a cabeça. Ele fechou a mão num punho. Ela ergueu o queixo.

— Idiota — murmurou ele por entredentes.

— Iguamente.

— Fica aí atrás, droga!

Ele começou a descer, parando subitamente quando o terceiro degrau gemeu sob o seu pé. Seguiram-se uma série de estalidos e a parede a poucos centímetros do seu rosto cuspiu estuque.

Jed agachou-se, desceu rapidamente os restantes degraus, enrolando-se quando chegou ao chão e levantando-se em seguida de arma em punho a tempo de ver a porta das traseiras fechar. Depois ouviu Dora descer as escadas atrás dele e gritou-lhe que ficasse quieta. Em seguida deu um encontrão na porta e saiu agachado para o exterior.

O ar frio trespassava-lhe os pulmões como farpas de gelo. Mas o sangue estava quente. O som de passos em fuga ecoava do lado direito. Ignorando os pedidos aflitos de Dora para que parasse, correu em perseguição.

Era o instinto e meia vida de treino. Depois de ter corrido cerca de dois quarteirões, ouviu o barulho de um motor e o guincho de pneus. Ele sabia que tinha perdido a sua presa.

Correu mais meio quarteirão na expectativa de conseguir ver o carro. Quando voltou para o pé de Dora, encontrou-a a tremer no centro do pequeno parque de estacionamento.

— Vai para dentro.

O medo dela já se tinha transformado em fúria. — Tens a cara a sangrar — disse ela com brusquidão.

— Sim? — Ele esfregou o queixo para averiguar e os dedos ficaram molhados. — O estuque deve ter-me arranhado. — Olhou para a barra que ela ainda tinha na mão. — E o que vais fazer com isso?

— Quando ele te agarrasse e atirasse ao chão eu ia bater-lhe com isto. — Dora sentiu um certo alívio quando ele enfiou a arma no cós das calças do fato de treino. — Não devias ter pedido apoio ou coisa do estilo?

— Já não sou polícia.

*És sim*, pensou ela. Ela podia não ter tido muita experiência com os zeladores da lei e da ordem, mas a expressão dele tinha sido a de um polícia, bem como os movimentos e até a voz. Sem dizer nada, Dora seguiu-o até à entrada das traseiras da loja.

— Já ouviste falar em sistemas de segurança?

— Tenho um. É suposto berrar como tudo se alguém tentar entrar.

Ele grunhiu apenas e, em vez de entrar, começou a mexer em caixas e fios. — Básico — disse Jed com aversão depois de uma rápida vista de olhos no mecanismo.

Ela fez um beicinho, afastando a franja com a mão. — O tipo que mo vendeu não era dessa opinião.

— O tipo que to vendeu estava provavelmente a rir às bandeiras despregadas quando o instalou. Só é preciso cortar um par de fios. — Exibiu as

pontas descarnadas para provar. — Ele desligou o telefone como medida de precaução. Deve ter visto pelas luzes que estava alguém lá em cima.

— Então ele era estúpido, não era? — Os dentes dela batiam uns contra os outros. — Quero dizer, ele devia ter esperado até nós sairmos, ou adormecermos, e depois podia ter entrado e roubado o que quisesse.

— Talvez estivesse com pressa. Não tens um casaco? O teu nariz está a ficar vermelho.

Ofendida, ela esfregou-o. — Que tolo da minha parte ter-me esquecido de pegar num casaco! Que barulho foi aquele mesmo antes de teres descido estoicamente até ao armazém? Pareciam balões a estoirar.

— Silenciador. — Jed vasculhou o bolso à procura de trocos.

— Silenciador? — A palavra saiu num guincho enquanto ela lhe agarrava no braço. — Como nos filmes de *gangsters*? Ele estava a disparar contra ti?

— Não acho que fosse nada de pessoal. Tens vinte e cinco cêntimos? Era melhor ligarmos para a polícia.

Ela soltou-lhe o braço. A cor que o frio tinha feito surgir nas suas faces desapareceu. Jed viu as pupilas dilatarem.

— Se desmaiases agora é que eu me passo mesmo dos carretos! — Jed agarrou-lhe no queixo e abanou-lhe ligeiramente a cabeça. — Já passou. Ele já se foi embora, ok?

— Tens a cara a sangrar — disse ela apaticamente.

— Já me tinhas dito isso.

— Ele podia ter-te matado.

— Eu podia ter passado a noite com uma dançarina exótica. Isso mostra como está longe da realidade o «podia». E os vinte e cinco cêntimos?

— Eu não... — Dora verificou automaticamente os bolsos. — Tenho um telefone na carrinha.

— Claro que tens. — Ele dirigiu-se apressadamente à carrinha, abandonando a cabeça quando a encontrou destrancada.

— Não tem nada lá dentro — começou ela, arquejando. Ele ficou satisfeito ao ver que a cor dela estava de volta.

— A não ser um telefone, um rádio. — Ele ergueu uma sobrançelha. — Um detector de radares.

— Foi um presente. — Ela cruzou os braços.

— Claro. — Ele marcou o número de casa de Brent e aguardou dois toques.

— Feliz Natal!

— Olá, Mary Pat. — Jed conseguia ouvir crianças gritando ao fundo sobre uma gravação enérgica do «Jingle Bells». — Preciso de falar com o Brent por um instante.

— Jed. Não estás a telefonar para dares uma desculpa qualquer esfarrapada por causa de amanhã, pois não? Juro que vou aí e te arrasto para cá.

— Não, eu vou.

— Às duas em ponto.

— Vou marcar no relógio. MP, o Brent está por aí?

— Aqui mesmo a preparar o tão famoso recheio de salsicha. Espera.

Ouviu-se um claque. O «Jingle Bells» deu lugar ao «Rudolf». — Viva, subcomissário! Boas festas!

— Desculpa estar a atrapalhar o teu cozinhado, mas tivemos um pequeno problema por aqui.

— Jody, larga o gato! Que tipo de problema?

— Um assalto. Na loja por baixo do apartamento.

— Levaram alguma coisa?

— Ainda é preciso verificar. — Ele desviou do rosto o cabelo desgredado pelo vento e viu Dora a tremer. — Disparou uns tiros contra mim. Usou um silenciador.

— Droga! Acertou-te?

— Não. — Jed verificou o rosto de novo. O sangramento já estava quase estancado. — Tinha uma viatura nas proximidades. Pelo barulho do motor, não era um económico.

— Não saias daí. Vou ligar para a esquadra e sigo para aí.

— Obrigado. — Jed desligou e olhou para Dora que estava a saltitar de um pé para o outro num esforço infrutífero de se manter quente. — Talvez fosse melhor abrir de novo aquele brandy. Vamos. — Como as mãos dela estavam geladas, ele agarrou-as, aquecendo-as automaticamente enquanto caminhavam de volta à loja. — Podes dar uma vista de olhos para ver se falta alguma coisa.

— Não devo tocar em nada, certo?

— Vê-se que acompanhas as séries policiais.

— Podemos fechar a porta?

— Claro. — Ele deu uma rápida vista de olhos à fechadura estragada e depois fechou a porta. Depois de acender as luzes, ficou parado a observar.

O armazém estava apinhado. Numa parede havia caixas do chão ao tecto. Havia prateleiras com mercadoria desempacotada que não estava disposta por nenhuma ordem que ele pudesse discernir. Havia dois armários de arquivo de quatro gavetas encostados a um canto. Em cima de cada um deles havia mais caixas empilhadas.

Havia uma secretária, que parecia ser uma ilha de sanidade. Tinha um telefone, um candeeiro, um jarro de porcelana cheio de lápis e canetas, e um busto de Beethoven que servia de pisa-papéis.

— Não falta nada — disse ela.

— Como é que sabes?

— Eu conheço o meu inventário. Deves tê-lo assustado. — Dora dirigiu-se às prateleiras e deu umas pancadinhas leves no que parecia a Jed tratar-se de um antigo frasco de perfume ou loção. — Este frasco Daum Nancy vale bem mais de um milhar. Este prato Castelli quase o mesmo. E isto. — Tirou uma caixa com uma imagem de um brinquedo de criança.

— Nando? Um robô de miúdo?

— Ainda embalado. Vale à vontade dois mil para um colecionador.

— Ela fungou e voltou a colocá-lo no lugar.

— E tu deixas simplesmente estas coisas assim?

— Eu tenho um sistema de segurança. Tinha — resmungou ela. — Não posso arrastar o meu *stock* para um cofre todas as noites.

— E dinheiro?

— Depositamos tudo, excepto cerca de cem dólares em notas pequenas e trocos, todas as noites. — Aproximou-se da secretária e abriu a gaveta de cima. Retirou um envelope e verificou as notas. — Aqui está. Como eu disse, deves tê-lo assustado. — Ela afastou-se e ouviu um papel restolhar debaixo do pé. Dobrou-se e apanhou-o. — Talão de venda — disse a Jed. — Engraçado, isto devia estar arquivado.

— Deixa-me ver. — Ele arrancou-lho da mão. — Timothy O'Malley. Quinhentos e cinquenta mais imposto no dia vinte e um de Dezembro. Por saleiros de mesa?

— A mulher dele faz colecção.

— Quinhentos dólares por uns saleiros?

— De mesa — corrigiu ela, arrancando de volta o recibo. — Campónio.

— Sanguessuga.

Nada divertida, ela virou-se para colocar o recibo no arquivo. — Olha para isto! — disse ela. — Estas gavetas estão uma balbúrdia!

Ele aproximou-se para espreitar por cima do ombro dela. — E não era suposto estarem?

— Claro que não! Eu mantenho tudo muito bem organizado! O IRS apavora-me tanto quanto apavora todos os americanos. E no mês passado a Lea passou uma semana a limpar e a actualizar estes arquivos.

— Então ele estava atrás de alguma coisa nos teus arquivos. O que é que guardas aí?

— Nada de valor. Recibos, facturas, listas de endereços, listas de inventário, folhas de entrega. Coisas do negócio. — Estupefacta, passou uma mão pelo cabelo. As estrelas que pendiam das suas orelhas cintilaram à luz. — Não há motivos para alguém entrar aqui à procura de papelada.

Assim que terminou de o dizer, Dora mordeu a língua.

— Como é que se chamava aquele cretino na outra noite?

— Não sejas ridículo. O Andrew nunca faria uma coisa destas!

— Não disseste que ele era contabilista?

— Sim, mas...

— E despediste-o?

— Isso não é motivo para...

— Andrew quê?

Ela bufou com força, fazendo esvoaçar a franja. — Dou-te o nome dele, a morada, o número de telefone, e depois podes ir fazer coisas de polícia como exigir-lhe um álibi para a noite em questão.

— Eu não sou polícia.

— Se pareces um polícia, soas a polícia — Dora cheirou-o —, cheiras a polícia...

— Como é que sabes a que é que cheira um polícia?

Ela empinou o queixo. — A óleo de arma e suor. E, pensando bem, até sabes a polícia.

— E qual é o sabor?

— Não sei. — Muito deliberadamente, ela baixou os olhos até à boca dele e depois levantou-os lentamente. — Duro, autoritário, um pouquinho mau.

— Posso ser pior. — Ele aproximou-se mais, encurralando-a entre ele e o arquivador.

— Já tinha percebido. Já te disse que sempre tive um problema com autoridade? Desde os tempos de escola quando aborrecia a senhora Teesworthy durante o período de silêncio.

Ele encostou-a ao armário. — Não me tinhas dito isso. — *Ali não havia nem óleo de arma nem suor*, reparou ele. Parecia que toda a sala tinha o cheiro de Dora, aquele aroma quente e apimentado que fazia um homem salivar.

— Mas tenho — continuou ela. — Esse é um dos motivos por que eu quis ter um negócio próprio. Detesto receber ordens.

— E és péssima a segui-las. Disse-te para ficares quieta.

— Eu tive uma necessidade incontrolável de ficar perto do homem que tinha a arma. — Dora levantou a cabeça e passou o polegar sobre o corte na face dele. — Assustaste-me.

— Só te assustaste quando já tudo tinha terminado.

— Não, eu tive medo o tempo todo. E tu?

— Não. Adoro que atirem em mim.

— Então, com certeza que isto é simplesmente uma reacção. — Ela pôs os braços à volta do pescoço dele e gostou do encaixe. — Por causa do choque.



— Eu disse-te para me deixares em paz.

— Então empurra-me. — Os lábios dela curvaram num sorriso. — Desafio-te.

Os lábios ainda estavam curvados quando ele baixou a boca. Ela esperava que ele fosse brusco e estava preparada para isso. O corpo dele atirou-a contra o arquivador. Os puxadores das gavetas enterraram-se nas costas dela, mas ela estava demasiado ocupada a arfar de prazer para dar atenção ao desconforto.

Ele sabia que era um erro. Mesmo enquanto se deleitava com ela. De alguma forma ela já tinha conseguido lançar uma garra na mente dele que ele não tinha sido capaz de expulsar. Agora ela tremia contra ele, emitindo suaves sons guturais de excitação. E o sabor dela... ela sabia tão bem quanto cheirava.

Há tanto tempo que ele não se deixava envolver por uma mulher.

Jed afastou-se, querendo clarear as ideias, mas ela agarrou-o com força pelos cabelos e puxou-o para ela. — Mais — murmurou enquanto a sua boca devorava a dele. — Eu quero sempre mais.

Com ele, ela podia ter mais. Ela sabia. Com ele, não haveria a sensação vaga do incompleto. Ela podia banquetear-se e ficar saciada, e ter mais ainda.

Por um momento de loucura ele considerou possuí-la ali mesmo, no chão do armazém atulhado e empoeirado com fumo de arma pairando ainda no ar. Talvez o tivesse feito, talvez não tivesse tido outra escolha, mas ainda estava lúcido o suficiente para ouvir o batuque na porta ao cimo das escadas e o barulho da gravilha sob os pneus lá fora.

— Chegaram as tropas. — Segurou-a pelos ombros e afastou-a. Ela viu nos olhos dele que ele ia continuar a negar. Era outra vez um polícia. — Porque é que não vais preparar um café, Conroy? Parece que afinal não vais poder ir às tuas festas.

Ela começou a subir as escadas, mantendo as costas voltadas para ele enquanto falava: — É tudo o que tens para me dizer?

— Sim. — Ele desejou violentamente os cigarros que tinha deixado em casa. — É tudo.

## 7.

Dora tomou o brandy. Jed bebeu café. *Polícias*, pensou ela com desprezo. No fim de contas, não bebiam em serviço — pelo menos na televisão. Querendo ignorá-lo tão absolutamente como ele a estava a ignorar, enrolou-se no sofá e examinou as luzes alegres da sua árvore de Natal.

Porém, gostava do amigo de Jed. O chefe Brent Chapman, com as suas calças amarrotadas, gravata manchada e sorriso fácil. Ele chegara a cheirar a salsicha e canela, a pesada armação dos óculos ampliando plácidos olhos castanhos. Os seus modos transmitiam tanta segurança que Dora deu por ela a fazer café e a preparar biscoitos como se estivesse a entreter convidados inesperados em vez de estar envolvida numa investigação policial.

As perguntas de Brent eram lentas, ponderadas e quase relaxantes.

Não, tanto quanto lhe parecia nada tinha sido levado.

Não, os arquivos não continham nada de valor monetário.

Sim, a loja tinha estado apinhada nas semanas anteriores, mas não, ela não conseguia lembrar-se de ninguém agindo de forma suspeita nem que tivesse feito perguntas estranhas.

Inimigos? Isso fê-la dar uma gargalhada. Não, a não ser que se contasse com Marjorie Bowers.

— Bowers? — As orelhas de Brent empinaram. Manteve o lápis pairando sobre o bloco de notas.

— Estávamos ambas a disputar o papel principal numa peça da escola. Primeiro ano. Era uma produção do *West Side Story*. Eu venci-a nas audições, por isso ela lançou o boato de que eu estava grávida.

— Não me parece...

— Com a minha reputação em jogo, não tive escolha — continuou Dora. — Fiz-lhe uma espera a seguir às aulas. — Olhou de relance para Jed que estava ocupado a franzir o sobrolho à queijeira com cabeça de touro que estava em cima do aparador.

— Isso é muito interessante. Mas não me parece que se aplique a este caso.

— Bem, ela odiava-me mesmo. — Dora pegou novamente no cálice e encolheu os ombros. — Mas também, isso foi em Toledo. Não, estou enganada. O primeiro ano deve ter sido em Milwaukee. Naquele tempo mudávamo-nos muito.

Brent sorriu. Simpatizara com a senhoria de Jed. Muitas pessoas que passavam por um assalto e tiros não mantinham nenhum sentido de humor. — Estamos à procura de alguma coisa um pouco mais recente.

— Fala-lhe do contabilista — ordenou Jed.

— Por amor de Deus! O Andrew não...

— Dawd — interrompeu Jed. — Andrew Dawd. Era contabilista da Dora até há poucos dias. Fez-se a ela e por isso ela pôs-lhe um olho negro e despediu-o. — Jed sorriu maliciosamente para Dora. — E deu-lhe um pontapé no rabo.

— Entendo. — Brent anotou o nome no bloco. Ele gostaria de ter

sorrindo, mas o brilho nos olhos de Dora avisou-o para manter uma postura sóbria. — Ele ameaçou vingar-se?

— Claro que não. Dá-me um cigarro, Skimmerhorn.

Ele acendeu-lhe um. — Aborrecida ou stressada? — perguntou ele quando lho deu.

— Avalia tu. — Dora arrancou-lho dos dedos e deu uma passa rápida. — A coisa mais violenta que o Andrew poderia ter feito foi ir para casa queixar-se à mamã.

— Não fazia mal falar com ele — realçou delicadamente Brent. — Onde é que podemos encontrá-lo?

Dora lançou um olhar de extremo desagrado a Jed. — Dawd, Dawd & Goldstein, uma firma de contabilidade na intercepção da Sixth com a Market.

Brent anuiu afirmativamente com a cabeça e pegou num dos biscoitos que ela dispusera ao lado num bonito prato estriado. — Que maneira de passar o Natal, não?

— Eu tinha realmente outros planos. — Dora forçou um sorriso. — Lamento que tenha tido de deixar a sua família.

— Faz parte do trabalho. Ótimos biscoitos.

— Obrigada. Posso dar-lhe alguns para levar para casa. Tem filhos, não tem?

— Três. — Numa reacção automática, Brent tirou a carteira do bolso para mostrar as fotografias. Enquanto Jed revirava os olhos e andava de um lado para o outro, Dora levantou-se para admirar as fotos das crianças. Eram duas meninas e um rapaz, todos arranjadinhos para as fotografias do colégio.

— A mais velha parece-se consigo — comentou Dora.

— Sim, pois parece. Esta é a Carly. Tem dez.

— Eu tenho uma sobrinha que acabou de fazer dez anos. Está no quinto ano.

— A Carly também está no quinto. Na escola básica de Bester, em Landsdowne.

— A Missy também anda na Bester. — Enquanto Jed observava, o ex-parceiro e a senhoria olhavam um para o outro. — Aposto em como se conhecem.

— Não é a Missy Bradshaw, não? Ela tem um irmão mais novo chamado Richie que é um verdadeiro...

— Terror. Sim, é ela.

— Ela já foi lá a casa uma dúzia de vezes. Eles vivem a um quarteirão de distância de nós. Os pais da Missy, a minha mulher e eu revezamo-nos para levar as crianças do bairro para a escola.

— Vocês dois querem ficar a sós? — perguntou Jed.

Ambos lançaram a Jed um olhar compassivo. — Brent, ele é sempre assim tão rezingão?

— Basicamente. — Brent guardou a carteira e levantou-se. Tinha migalhas de biscoito na camisa e marcas de dedos nos óculos. Dora achou-o encantador. — Mas foi o melhor polícia com que já trabalhei, por isso pode sentir-se segura com ele a viver à sua frente.

— Obrigada. Vou buscar os biscoitos. — Ignorando nitidamente Jed, Dora dirigiu-se à cozinha.

— Que senhoria — comentou Brent, arqueando as sobrancelhas.

— Vê se te controlas. Quando é que tens resultados sobre as balas que retiraste do estuque?

— Meu Deus, Jed! É Natal! Dá alguns dias ao pessoal do laboratório. Também vamos analisar as impressões digitais, mas deve ser perda de tempo.

— Se ele é profissional o suficiente para usar um silenciador, também o é para usar luvas.

— Certamente.

— O que achas... — Jed calou-se quando Dora regressou com um prato de papel coberto com folha de alumínio.

— Obrigada, senhorita Conroy.

— Dora. Diz-me se descobrires alguma coisa?

— Claro. Mantenha-se tranquila. O Jed vai manter-se atento.

— Bem. — Ela enviou um longo olhar gelado a Jed. — Agora já posso dormir descansada.

— Ora aí está. Feliz Natal.

— Acompanho-te à porta. — Jed acenou com a cabeça a Dora. — Volto já.

Enquanto percorriam o corredor, Brent tirou mais um biscoito de debaixo do papel de alumínio. — Estás aqui o quê, há uma semana?

— Quase.

— E como é que já conseguiste irritá-la?

— É um dom. Olha, porque é que achas que um profissional forçaria a entrada numa loja para revolver um monte de papelada?

— Essa é uma pergunta difícil. — Brent atravessou a porta dos fundos, sustendo a respiração por causa da força do vento. — Há ali coisas muito valiosas.

— Mas ele não foi à procura das coisas valiosas, pois não?

— Talvez não tenha lá chegado. Tu interrompeste-o.

— Ele vê luz lá em cima, corta o fio do telefone. Avaria o sistema de segurança. Mas não se dirige ao Daum Nancy.

— Ao quê?

— Não interessa — disse bruscamente Jed, irritado com ele próprio.

— Ele foi directamente aos arquivos.

— Porque estava à procura de alguma coisa.

— Pois. — Jed tirou um cigarro. — Mas será que a encontrou? E o que é que alguém procuraria nos arquivos de uma loja de tralha?

— Recibos? — disse Brent ao abrir a porta do carro.

— Inventários, nomes, moradas.

— Pode-se tirar o rapaz da polícia, mas não se pode tirar o polícia do rapaz.

— Eu tenho um interesse pessoal quando alguém dispara contra mim.

— Não posso censurar-te. Sentimos a tua falta, subcomissário.

Algo cintilou nos olhos de Jed que poderia ter sido dor, mas que de pressa desapareceu. — A cidade parece estar a conseguir caminhar sem mim.

— Escuta, Jed...

— Poupa-me. — Ele não estava com disposição para sermões, nem para conversas encorajadoras, nem para sentimentos de culpa. — Avisa-me quando souberes de alguma coisa.

— Vais ser o primeiro. — Brent entrou no carro e baixou o vidro.

— Ah, e tem cuidado com o rabo, amigo. Acho que aquela senhora é bem capaz de lhe dar um pontapé.

A resposta de Jed foi um grunhido. Voltou para dentro. Ele queria ter a certeza de que Dora trancava a porta antes de voltar à loja para dar mais uma vista de olhos.

*Apenas como um civil interessado*, disse para si mesmo.

— Já foram — disse-lhe ele quando entrou no apartamento dela. — Podes contar com o Brent. É um homem bastante perfeccionista.

— Óptimo. Senta-te.

— Tenho coisas para fazer. Tranca a porta.

— Senta-te — repetiu ela, apontando para uma cadeira. — Vou limpar esse corte.

— Eu posso fazer isso.

— Não percebes nada das coisas, Skimmerhorn? Quando um homem fica ferido ao defender uma mulher, ela tem a obrigação de passar o anti-séptico. Se eu estivesse a usar uma combinação, terias de a rasgar às tiras.

Jed passou novamente os olhos pelo brilho do fato-macaco dela. — O que é que tens por debaixo disso?

— Músculos bem tonificados. — Como estava ansiosa por isso, Dora

arrastou-o até à cadeira. — Agora debes dizer: «Ora, minha senhora, é só um arranhão.»

— E é. — Ele sorriu timidamente. — Mas poderia ter sido pior.

— Sem dúvida. — Com um sussurro de seda, ela ajoelhou-se ao lado da cadeira e limpou o corte com uma das bolas de algodão que tinha preparado. — A minha irmã diria que poderias ter perdido um olho. Para a Lea, tudo é um potencial arranca-olhos. Ela herdou os genes da ralação da nossa mãe. — Dora embebeu mais uma bola de algodão e disse alegremente: — Isto pode arder um pouco.

Quando o arranhão superficial começou a fervilhar, Jed agarrou-lhe no pulso. — Raios! O que é isso?

— Álcool. — Ela agitou as pestanas. — Vai limpar qualquer porcaria.

— Até ao osso — resmungou Jed.

— Não sejas bebé, Skimmerhorn. Está quieto.

Ele fez uma careta quando ela passou de novo o algodão. — Chama-me pelo meu nome próprio quando desceste as escadas a gritar como uma histérica.

— Eu nunca grito como uma histérica!

— Gritaste desta vez. — Ele sorriu maliciosamente. — «Jed! Jed! Oh, Jed!»

Dora largou a bola de algodão para dentro de uma taça baixa. — Nessa altura eu achei que estivesse quase a ser assassinado. Infelizmente, estava enganada. — Empurrou-lhe o queixo com um polegar e examinou o corte. — Queres um penso?

— Não. — Os olhos dele brilharam. — Não vais dar-lhe um beijo?

— Não. — Ela levantou-se então, começou a pegar na taça e pousou-a de novo. — Escuta, tenho de perguntar uma coisa. Já sei o que vais dizer. Vais dizer para eu não me preocupar, que foi apenas uma daquelas coisas esquisitas que acontecem. Mas tenho de perguntar de qualquer forma: achas que ele vai voltar?

Jed estudou o rosto dela. Ela tinha uma preocupação nos olhos que até então disfarçara muito bem. E havia pouco que ele pudesse fazer para a aliviar.

— Não sei — disse ele simplesmente.

— Ótimo. — Dora fechou os olhos e inspirou profundamente. — Devia saber que não valia a pena perguntar. Se não consegues descobrir o que é que ele veio fazer aqui, como é que podes saber se ele volta ou não?

— Algures por aí. — *Ele podia ter mentido*, pensou Jed ao ver as faces dela empalidecerem de novo. Não teria sido assim tão difícil dar-lhe uma falsa garantia para lhe proporcionar uma noite descansada. Quando ela abriu os olhos, estes estavam escuros e muito cansados.

— Olha. — Ele levantou-se e surpreendeu ambos ao ajeitar-lhe o cabelo atrás da orelha antes de recolher rapidamente a mão e de a enfiar no bolso. — Olha — disse ele outra vez. — Acho que não tens nada com que te preocupar esta noite. Do que precisas é de ir para a cama e de dormir. Deixa a polícia fazer o trabalho dela.

— Pois. — Dora estava prestes a pedir-lhe para ficar, e só parte do motivo é que era medo de ficar sozinha. Abanou a cabeça e esfregou os braços para os aquecer. — Amanhã vou estar o dia quase todo fora, em casa da minha irmã. Vou deixar-te o número para o caso... só para o caso de ser preciso — terminou ela.

— Está bem. Tranca a porta quando eu sair, ok?

— Podes ter a certeza. — Ela tinha a mão na maçaneta quando ele saiu para o corredor. — Tu também. Tranca a porta.

— Claro. — Jed esperou que ela fechasse a porta e a trancasse. Os lábios dele retraíram-se quando ele ouviu o som inconfundível de uma cadeira arrojando pelo chão e o barulho da maçaneta quando a cadeira a prendeu por debaixo. *Boa ideia, Conroy*, decidiu ele, descendo em seguida para dar mais uma olhadela no armazém.

\*

Numa bonita casa federal protegida pela sombra de carvalhos imponentes, uma senhora de posses desfrutava de um cálice de xerez e assistia ao *Natal Branco* de Bing Crosby no televisor de grandes dimensões.

Ao ouvir um passo abafado atrás dela, a senhora Lyle sorriu e estendeu uma mão. — Anda ver, Muriel — convidou ela, dirigindo-se à governanta de tantos anos. — Este é o meu número favorito.

Ela não gritou quando foi atingida. O cristal delicado estilhaçou-se ao embater contra a borda da mesa de centro, espalhando xerez vermelho-sangue sobre o tapete Aubusson.

Algures através da confusão de dor que a deixou paralisada, ela ouvia o escaqueirar de vidro e uma voz masculina perguntando vezes sem conta: — Onde está o cão? Onde está a porcaria do cão?

Depois não ouviu mais nada.

\*

Era meia-noite quando DiCarlo subiu no elevador para o seu apartamento em Manhattan. Tinha os braços carregados de caixas que tirara das traseiras de uma loja de bebidas.

Ele tinha tido sorte em encontrar o recibo do estúpido cão, disse para

si mesmo, e indagou-se despreocupadamente se as balas que disparara em direcção às escadas do antiquário teriam acertado em alguma coisa. Ou em alguém.

*Não havia motivo para preocupação*, pensou. A arma não podia ser identificada. E ele estava a fazer progressos.

Ajeitou melhor as caixas quando saiu do elevador para o átrio de entrada. Ele tinha a águia de bronze, a Estátua da Liberdade em gesso e o cão de porcelana.

*E uma perdiz numa pereira*, pensou, rindo para ele próprio.

\*

— Então... — Dora mordida uma cenoura crua enquanto Lea dava uma vista de olhos no peru de Natal. — O Jed correu atrás do tipo, apontando com uma arma enorme enquanto eu fiquei parada como a tua típica heroína de Hollywood, de braços cruzados sobre o peito. Tens molho para estes vegetais?

— No frigorífico. Graças a Deus que não ficaste ferida. — Atrapalhada com o número de tachos ao lume no fogão, o som dos filhos a se-mear a destruição na sala de estar e o medo bastante real de que a mãe invadissem a cozinha a qualquer momento, Lea estremeceu. — Há anos que me preocupo com a possibilidade de a tua loja ser assaltada. Fui eu que te convenci a pões aquele sistema de segurança, lembra-te?

— E serviu-me de muito. — Dora mergulhou um talo de brócolos em molho vinagrete e depois encostou-se à bancada de pequeno-almoço de Lea enquanto mordiscava. — O Jed disse que era muito básico.

— Não digas! — Lea parou de mexer para se mostrar indignada. — O primo do John, o Ned, disse que era topo de gama.

— O Ned é um idiota. Excelente molho. — Ela provou-o com couve-flor. — Seja como for, a polícia foi até lá e fez aquelas coisas todas de polícia e todas aquelas perguntas; o pai teria adorado a encenação. — Dora omitira propositadamente a parte sobre as balas. Não lhe parecia conversa de Natal. — E afinal o ex-colega do Jed é um vizinho teu.

— Oh? — Lea provou os inhames que estavam a assar.

— O pai da Carly Chapman. Ela anda na escola com a Missy.

— Carly? — Enquanto tentava recordar-se dos amigos da filha, Lea levantou uma tampa e cheirou. — Ah, sim! O Brent e a Mary Pat. Nós revezamo-nos a levar as crianças à escola.

— Já soube. — Dora serviu-se de um copo de vinho que Lea tinha a respirar sobre a bancada. — Aqui está a parte boa: eles vão interrogar o Andrew.



— Estás a gozar! O Andrew?

— Contabilista rejeitado procura vingança destruindo os arquivos de uma mulher. — Dora encolheu os ombros e passou um copo de vinho à irmã. — Faz tanto sentido como qualquer outra coisa. A que horas é o jantar?

— Daqui a vinte minutos. Porque é que não levamos para a mesa o que deixaste dos meus vegetais? Se conseguirmos manter a mãe ocupada por... — Ela calou-se e praguejou levemente em voz baixa quando Trixie Conroy fez a sua entrada.

Trixie fazia sempre a sua entrada, quer fosse em palco ou no mercado da esquina. Ela tinha vestido, para o simples jantar familiar, um cafetã garrido com franjas no debrum e nas mangas largas. O material ondeava teatralmente em volta da sua figura graciosa. O cabelo, bem curtinho, era de um vermelho arrojado. O rosto, branco como leite e sem rugas, graças a um cuidado religioso e a um *lifting* discreto, era bastante atraente. Os olhos azuis-claros que Lea tinha herdado tinham umas pestanas longas, e a boca carnuda e sensual era exuberantemente vermelha.

Ela entrou como um furacão na cozinha, deixando um rasto de seda e do seu aroma de marca — um aroma cheio de notas silvestres.

— Queridas! — A voz dela era tão dramática como o resto, um susurro rouco que chegava com facilidade à última fila de qualquer teatro. — É tão bom ver as minhas duas meninas juntas! — Cheirou o ar. — Oh, e estes aromas maravilhosos! Espero que não deixes aquecer de mais as minhas almôndegas, Ophelia.

— Ah... — Lea lançou um olhar desesperado a Dora e ela respondeu-lhe com um encolhimento de ombros. — Não, claro que não. — Lea não as aquecera de todo, e enfiara-as debaixo da pia na esperança de as impingir depois ao cão. — Mãe, sabias que... estão verdes?

— Naturalmente. — Trixie andava em volta do fogão a mexer nas tampas. — Fui eu mesma que as colori em honra a esta quadra. Talvez devêssemos servi-las agora, como aperitivo.

— Não. Eu acho que devíamos... — Como não conseguia pensar em nenhum bom estratagema, Lea sacrificou a irmã: — Mamã, sabias que assaltaram a loja da Dora?

— Raios, Lea!

Lea ignorou a reacção da irmã e continuou a toda a velocidade: — Ontem à noite.

— Oh, minha bebé! Oh, minha ovelhinha! — Trixie correu pela cozinha para segurar no rosto de Dora entre as mãos cheias de anéis. — Estás ferida?

— Claro que não.

— Porque não levas a mãe para a sala, Dora? Senta-te e conta-lhe como foi.

— Sim, sim. Tens de me contar. — Trixie agarrou na mão de Dora e arrastou-a até à porta. — Devias ter-me ligado assim que aconteceu. Eu estaria lá num piscar de olhos. Minha querida. Quentin! Quentin, a nossa filha foi assaltada!

Dora teve tempo para um olhar rápido por cima do ombro antes de ser puxada para a confusão.

A sala de estar dos Bradshaw estava um caos. Havia brinquedos por toda a parte transformando a tapete prática numa pista de obstáculos. Ouviam-se gritos e ganidos enquanto um carro de polícia, comandado à distância pelo implacável Michael, aterrorizava o cão da família, *Musty*. Will, muito bem aperaltado numa camisa de seda escura e uma gravata com cornucópias, entretinha Missy com um acorde obsceno na espineta. John e Richie estavam de olhos fixos num jogo Nintendo, e Quentin, bem servido de *eggnog*, conversava de forma exuberante.

— Quentin. — A voz de palco de Trixie parou tudo. — A nossa filha foi ameaçada.

Incapaz de resistir, Will tocou um trecho melodramático no piano. Dora torceu-lhe o nariz.

— Eu não fui ameaçada, mamã. — Dora deu uma palmadinha reconfortante à mãe, conduziu-a até uma cadeira e entregou-lhe o seu copo de vinho. — A loja foi assaltada — explicou. — Na verdade, nem aconteceu nada de especial. Não levaram nada. O Jed assustou-os.

— Eu já desconfiava. — Quentin deu umas pancadinhas na aba do nariz. — Um sexto sentido, se assim preferirem. Ele prendeu alguém?

— Não, o sujeito fugiu.

— Eu tinha-lhe dado um tiro. — Richie saltou para cima do sofá e disparou uma arma automática imaginária. — Eu disse-te.

— Pois disseste.

— Richie, tira os pés do sofá — ordenou imediatamente John. — Dora, chamaste a polícia?

— Sim. E está tudo nas mãos dos melhores de Filadélfia. — Foi ela própria buscar Richie. — E o agente responsável pela investigação é pai de uma grande, grande amiga tua, cara de sapo. A Jody Chapman.

— Jody Chapman! — Richie fingiu que estava a ficar com falta de ar e agarrou-se ao pescoço.

— Ela manda cumprimentos. — Dora agitou as pestanas e enviou-lhe um beijo. Os resmungos e guinchos resultantes convenceram-na de que a crise tinha passado.

— Willowby! — Trixie interrompeu a barulheira com uma palavra e

ergueu a mão. — Vais ficar esta noite em casa da Isadora. Não me vou sentir segura se não estiver lá um homem de guarda.

— Mãe. — Foi o suficiente para Dora voltar a pegar no copo de vinho. — Eu, em nome de todas as feministas, estou envergonhada contigo.

— Os ideais sociais e políticos passam para segundo plano quando se trata do bem-estar da minha menina. — Trixie acenou majestosamente com a cabeça. — Will, tu ficas com a tua irmã.

— Claro. Sem problemas.

— Bem, eu tenho um problema — interrompeu Dora. — Ele deixa espuma de barbear no lavatório e faz intermináveis telefonemas obscenos às namoradas em Nova Iorque.

— Eu uso o meu cartão de chamadas — sorriu Will. — E não saberias que são obscenas se não as escutasses.

— A vossa mãe tem razão. — Quentin levantou-se para se servir de mais *eggnog*. Naquela noite ele estava muito bem arranjado e elegante num colarinho engomado e um chapéu de coco. Fez um desvio para beijar a mão da mulher. — Eu próprio passo pela loja amanhã para me inteirar da situação. Não preocupes essa linda cabecinha, minha querida.

— Falando em obsceno — disse Will por entredentes, fazendo uma careta em seguida. — Que fedor é este?

— O jantar — anunciou Lea, surgindo da cozinha. Sorriu sinistramente para a mãe. — Desculpa, mamã, acho que queimei as tuas almôndegas.

\*

A um quarteirão de distância, Jed tentava sair. Ele gostara mais do jantar em casa dos Chapman do que previra. Era difícil não se divertir com os miúdos, que ainda se espantavam e entusiasmavam com os presentes de Natal. Era impossível não relaxar com os aromas de pinha, peru e tarte de maçã adoçando o ar. E havia o simples facto de ele gostar de Brent e de Mary Pat enquanto pessoas e enquanto casal.

E quanto mais tempo ficava naquela casa confortável, mais estranho se sentia. Não havia forma de deixar de comparar a aconchegante cena familiar — lenha crepitando na lareira, crianças brincando no tapete — com as suas infelizes recordações de infância daquela quadra.

Os gritos. Ou pior, muito pior, os silêncios gélidos e sufocantes. O ano em que a mãe partira toda a loiça contra a parede da sala de jantar. O ano em que o pai rebentara com os pendentos do lustre do hall de entrada com a sua .25.

Tinha também havido o Natal em que Elaine não aparecera e que só regressara dois dias depois com um lábio rebentado e um olho negro. Teria

sido esse o ano em que fora preso por roubar na *Wanamakers*? Não, recordou Jed. *Isso tinha sido no ano seguinte* — em que fizera catorze anos.

Eram esses os bons velhos tempos.

— Pelo menos podias levar um pouco de comida para casa — insistiu Mary Pat. — Não sei o que fazer com isto tudo.

— Sê amigo — interrompeu Brent, dando uma palmadinha no tra-seiro da mulher ao passar por ela para ir buscar uma cerveja. — Se não levas, vou ficar a comer peru durante um mês. Queres mais uma?

Jed abanou a cabeça à cerveja. — Não, vou conduzir.

— Não precisavas mesmo de ir tão cedo — queixou-se Mary Pat.

— Estive aqui o dia todo — lembrou-lhe ele. E como ela era uma das poucas pessoas com quem se sentia à vontade, beijou-lhe o rosto. — Agora vou para casa para ver se consigo queimar algumas daquelas batatas e o molho.

— Tu nunca engordas uma grama. Até mete nojo. — Ela despejou restos para dentro de um *Tupperware*. — Porque é que não me falas mais sobre a tua linda senhoria?

— Ela não é linda. É aceitável.

— O Brent disse que ela era linda. — Mary Pat franziu os olhos em direcção ao marido. Ele ergueu simplesmente os ombros. — E *sexy* também.

— Isso foi porque ela lhe deu biscoitos.

— Se ela é irmã da Lea Bradshaw, deve ser mais do que aceitável. — Mary Pat encheu outra caixa com generosas fatias de tarte. — A Lea é deslumbrante. Mesmo logo pela manhã com uma mão-cheia de miúdos barulhentos no carro. Os pais são actores, sabes? De *teatro* — acrescentou Mary Pat, dando à palavra um toque dramático. — Também já vi a mãe. — Revirou os olhos. — Quando crescer gostava de ser como ela.

— Tu também és bonita, querida — garantiu-lhe Brent.

— Bonita. — Abanando a cabeça, Mary Pat fechou as caixas. — Ele diz linda? Ele diz *sexy*?

— Eu digo.

— Obrigada, Jed. Porque não trazes a senhoria cá a casa um dia destes? Para jantar ou tomar uma bebida.

— Eu pago-lhe a renda; não confraternizo com ela.

— Correste atrás de um bandido por ela — salientou Mary Pat.

— Isso foi reflexo. Tenho de ir. — Pegou na comida que ela lhe tinha impingido. — Obrigado pelo jantar.

Com o braço à volta da cintura de Brent, Mary Pat disse adeus com a mão quando Jed se afastava no carro. — Sabes, sou capaz de dar um pulo àquela loja.

- Queres dizer, vais meter o nariz, não é?
- Se for preciso. — Ela encostou a cabeça ao ombro dele. — Gostava de dar uma olhadela nessa senhoria linda e *sexy*.
- Ele não vai gostar.
- Vamos ver. Ele precisa de alguém na vida dele.
- Ele precisa de regressar ao trabalho.
- Então vamos entrar os dois em acção. — Ela virou-se, erguendo a boca para um beijo. — Ele não vai ter hipótese.

\*

Em Los Angeles, Finley jantava ganso fumado e ovos de codorniz. A fazer-lhe companhia na gigantesca sala de jantar estava uma deslumbrante loura de olhos verdes. Ela falava três línguas e tinha um excelente conhecimento sobre arte e literatura. Para além de bela e inteligente, era quase tão rica como Finley. O ego dele exigia os três atributos numa companheira.

Enquanto ela bebericava o champanhe, ele abriu a pequena caixa elegantemente embrulhada que ela levava.

— Que atencioso da tua parte, querida. — Finley tirou a tampa, parando com a expectativa.

— Eu sei como gostas de coisas belas, Edmund.

— De facto. — Ele presenteou-a com um olhar caloroso antes de pôr os dedos dentro do papel de seda. Retirou então uma pequena escultura de um unicórnio em marfim, segurando-a com cuidado na palma da mão. O suspiro profundo e apreciativo sussurrou pelo ar.

— Admira-lo sempre que vais jantar comigo, por isso achei que seria o presente ideal de Natal. — Satisfeita com a reacção dele, pousou a mão sobre a dele. — Pareceu-me mais pessoal dar-te uma coisa da minha própria colecção.

— É encantador. — Os olhos dele cintilavam enquanto examinavam a escultura. — E, como me diseste, uma peça única.

— Na verdade, parece que me enganei quanto a isso. — Ela pegou novamente no copo e não reparou no espasmo súbito nos dedos dele. — Há algumas semanas consegui comprar o gémeo. — Riu delicadamente. — Não me perguntes como, já que veio de um museu.

— Não é único. — O prazer dele evaporou-se como fumo e foi substituído pelo fogo amargo da decepção. — Porque é que havias de achar que eu gostaria de uma coisa comum?

A alteração no tom fê-la pestanejar de surpresa. — Edmund, continua a ser o que é. Uma peça belíssima de execução excepcional. E extremamente valiosa.

— O valor é relativo, minha querida. — Enquanto a observava, de olhar frio, os dedos enrolaram-se à volta da delicada escultura, apertando-a cada vez com mais força até esta estalar com um som semelhante a um disparo. Quando ela gritou de aflição, ele sorriu de novo. — Parece que está danificado. Que pena. — Pôs os cacos de lado e pegou no copo de vinho. — Claro que se me desses a peça da tua colecção, eu iria estimá-la verdadeiramente. Afinal, é única.

## 8.

Quando Jed bateu à porta de Dora um pouco depois das nove no dia de Natal, a última coisa que esperava era ouvir a voz de um homem dizer para esperar um segundo.

Ouviu-se uma pancada e um palavrão.

Will, de lençol florido em volta do corpo esguio como se fosse uma toga e levantando o dedo que dera uma topada na mesa Pembroke, abriu a porta a um antipático sorriso escarninho.

— Se anda a vender alguma coisa — disse ele — espero que seja café.

*Ela sabia realmente escolhê-los*, pensou Jed de maneira desagradável. Primeiro um contabilista de fatinho com glândulas hiperactivas, e agora um miúdo magricela mal saído da faculdade.

— A Isadora — disse Jed, mostrando os dentes.

— Claro. — Atento ao lençol que arrojava pelo chão, Will recuou para Jed poder entrar. — Onde raio está ela? — resmungou ele. — Dora! — A voz dele ecoou intensamente.

*O miúdo tinha pulmões*, decidiu Jed, reparando depois, intrigado, na confusão de almofadas e cobertores sobre o sofá.

— Não entras aqui até eu secar o cabelo. — Dora saiu da casa de banho, vestida com um roupão turco e armada com um secador de mão. — Podes... oh. — Parou quando viu Jed. — Bom dia.

— Preciso de falar contigo um instante.

— Está bem. — Ela passou os dedos pelo cabelo molhado. — Já conheces o meu irmão?

*Irmão*, pensou Jed, irritado com ele próprio por causa da rápida sensação de alívio. — Não.

— O tipo de lençol é o Will. Will, o tipo que precisa de fazer a barba é o Jed, que vive aqui em frente.

— O ex-polícia que perseguiu o ladrão. — Os olhos sonolentos de Will despertaram. — Prazer. Eu fiz de traficante de droga uma vez num